

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL

VERÔNICA MARTINS TIENGO

**POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: O FRUTO NECESSÁRIO À
REPRODUÇÃO CAPITALISTA E A FUNCIONALIDADE DO TRABALHO
INFORMAL.**

VITÓRIA

2016

VERÔNICA MARTINS TIENGO

**POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: O FRUTO NECESSÁRIO À
REPRODUÇÃO CAPITALISTA E A FUNCIONALIDADE DO TRABALHO
INFORMAL.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Política Social do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Política Social.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio de Souza Sabadini

VITÓRIA

2016

VERÔNICA MARTINS TIENGO

**POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: O FRUTO NECESSÁRIO À
REPRODUÇÃO CAPITALISTA E A FUNCIONALIDADE DO TRABALHO
INFORMAL.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Política Social do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Política Social.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Professor Doutor Mauricio de Souza Sabadini (Orientador)

Universidade Federal do Espírito Santo- UFES

Professora Doutora Jane Cruz Prates

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS

Professora Doutora Lívia de Cássia Godoi Moraes

Universidade Federal do Espírito Santo- UFES

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) (Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Tiengo, Verônica Martins, 1989-
T562p População em situação de rua: o fruto necessário à reprodução capitalista e a funcionalidade do trabalho informal / Verônica Martins Tiengo. – 2016.
152 f. : il.

Orientador: Mauricio de Souza Sabadini.
Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Capitalismo. 2. Superpopulação. 3. Trabalho informal. 4. Pessoas desabrigadas. I. Sabadini, Mauricio de Souza, 1970-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 32

Aos meus pais e meu noivo, pelo apoio e incentivo.

Aos que de alguma forma contribuíram com a dissertação.

A população em situação de rua, que mesmo diante de multifacetadas expressões da questão social desenvolvem estratégias de sobrevivência.

Agradecimentos

Cursar mestrado é um desejo antigo, desde criança eu almejei alcançar este objetivo. Fiquei feliz ao terminar a graduação e ouvir dos professores da banca que eu deveria continuar e cursar o mestrado. Dessa forma, concluí o curso de Serviço Social em dezembro de 2011 e participei da seleção do Programa de Pós-Graduação em Política Social em 2012.

O processo seletivo do mestrado em política social da UFES possuía 3 fases eliminatórias. A primeira consistia na prova discursiva dos textos e livros pré-selecionados, a segunda na prova de inglês e a última etapa eliminatória era a entrevista sobre o projeto. Na prova discursiva sobre os textos, que valia dez, eu tirei nove. A segunda me preocupou bastante, pois tenho dificuldade na língua inglesa, entretanto, tirei dez. Faltava somente a entrevista. Eu começava a sentir a alegria de estar me tornando uma mestranda, e, com um ótimo aproveitamento nas provas. Todavia, saí da entrevista arrasada, pois sabia que não tinha conseguido suportar contra-argumentação, e triste, por pensar que teria que passar novamente por todo o processo para conseguir uma vaga no mestrado. A princípio, pensei em desistir, depois de todo o esforço em vão.

No ano seguinte tentei novamente, as provas estavam ainda mais difíceis que no ano anterior, e, parecia impossível conseguir a nota de inglês. E, novamente eu tirei nove na prova discursiva. No inglês alcancei meio ponto a mais que o suficiente para passar. E, na entrevista tirei oito. Agora sim eu havia alcançado o sonho de cursar o mestrado.

Por isso, em primeiro lugar agradeço a Deus que me deu vida, saúde e capacidade para me tornar mestranda da UFES. Afinal, conforme Provérbios 21.31: "Prepara-se o cavalo para o dia da batalha, mas o Senhor é que dá a vitória". E, em cada aprovação de todas as etapas eu vi o poder de Deus me abençoando e realizando meu sonho. Deus me concedeu o que eu almejava e ainda mais, pois fui bolsista.

Agradeço aos meus pais, Célio Tiengo e Terezinha C. M. Tiengo, que sempre apoiaram e incentivaram minha dedicação ao estudo, por seus ensinamentos e suas orações. À tia Márcia Regina Martins Silva por suas orações. E ao meu noivo Fernando S. de Souza, por seu companheirismo e apoio, sempre com palavras de

carinho me animando a prosseguir e por entender o meu comprometimento com a pesquisa, mesmo no período que antecede nosso casamento.

Ao professor Rafael Vieira Teixeira, que me ajudou na elaboração dos projetos para os processos seletivos do mestrado, sempre me incentivando a prosseguir. Também agradeço à Professora e amiga Livia de Cássia Godoi Moraes pela ajuda concedida durante o curso, tirando dúvidas, sugerindo leituras e debatendo.

À todos os professores do programa, de forma especial aos que ministraram as disciplinas que cursei: Maria Lúcia Teixeira Garcia, Mauricio de Souza Sabadini, Doutor Paulo Nakatani, Rogério Naques Faleiros, Ana Targina Rodrigues Ferraz, Maria das Graças Cunha Gomes. Também a professora Vanda de Aguiar Valadão, que me orientou no primeiro ano do curso.

À professora Lúcia Teixeira Garcia, por suas orientações de como elaborar aulas e por ter feito a bendita sugestão de que eu e sua orientanda Sílvia Louzada dividíssemos uma disciplina ofertada para o curso de serviço social. E também à Sílvia, por ter compartilhado a disciplina comigo.

E, claro, ao meu orientador Maurício de Souza Sabadini. Por aceitar me orientar na metade do processo, a partir de 2015, por permitir que eu fizesse o estágio docência, além disso, apoiou minhas ideias, sugeriu, opinou, debateu e contribuiu imensamente para a dissertação.

Também deixo meu agradecimento às professoras que participaram da banca de qualificação, professora Jane Cruz Prates e professora Maria Madalena do Nascimento Sartim, com suas riquíssimas considerações e críticas ao trabalho.

Às pesquisadoras Maria Lúcia Lopes da Silva; Maria Antonieta da Costa Vieira; Cleisa Moreno Maffei Rosa e Camila Potyara Pereira que gentilmente responderam meus emails colaborando com esta dissertação.

Também agradeço à CAPES, que ofereceu as condições materiais para a realização da pesquisa através da bolsa, permitindo que eu me dedicasse exclusivamente ao mestrado.

Sou um Morador de rua, já tenho 30 anos de idade. Queria muito fazer a tal da faculdade mas não tenho nem o Ensino Médio, meu **sonho** desde criança **era ser um médico** pra ajudar as pessoas e passar remédios.

Triste é ver e é difícil de entender que muitos de mim tem que se manter **morando na rua lutando pra sobreviver com um sonho de poder comprar um AP**. Mas o que vamos fazer se nem sabemos ler?

O papelão sempre foi meu colchão quando tem agradeço com as duas mãos, quando não, durmo mesmo no chão, na verdade nem faz muita diferença, mesmo sabendo que depois de dois dias há de vir uma doença, sempre ando nas ruas e peço licença mas **o povo nem nota minha presença**. O céu sim é o meu cobertor e mesmo não tendo nada sempre agradeço o Senhor.

Talvez, você não venha me entender, porque você sempre teve o que comer. Muitos como eu **lutando pra vencer**, querendo ter no prato um pouco de purê a realidade não é fácil todo mundo tá cansado com tanto espaço **eles criam estádios isso sim é um pecado o mundo tá todo errado**.

Vejo vários aliados, os políticos estão parado e pensam que não tão sendo notado me sinto esquecido foram muitas chibatadas diante dessa sociedade que nos esculacha. Vivo nas calçadas e todo mundo passa as vezes eu penso que sou um bicho vivo procurando algo pra comer olhando o lixo.

Refrão:

Somos Filhos de Deus, temos Coração, seria muito bom se eu tivesse uma casa de papelão, eu sou um homem eu durmo no chão. Nação, **população não nos esqueça não!** (2x)

É difícil, as pessoas passa e me ignora e logo na frente agente chora **fui perguntar as horas mas o policia pensou que eu ia roubar** o celular da senhora, é muita **injustiça** nem adianta ir, já vi que é assim, sou um ser humano sem valor, pode crer que sim, isso dói demais em mim temos que conviver sempre sujo dormindo com os rato e caramujo.

Com todo dinheiro que existe, poderia acabar com essa vergonhisse, mas cadê quem vai fazer? Mas cadê quem vai se comprometer? Mas só pensam na vaidade, são **vítimas de um sistema covarde** eu não tive pai a minha mãe faleceu e infelizmente só restou eu sem família, sem ninguém quem vai fazer o bem? É triste, os parentes nunca ligaram para mim. Eu corro risco nas ruas e tenho que dormir, sim **com medo, de jogarem álcool em mim sempre vou dormir receoso com medo de tacarem fogo** vejo todo mundo disposto queria tá lá, mas o **mundo não dá oportunidade**, **Talvez eu já não tenha mais idade.**

Refrão:

Somos Filhos de Deus, temos Coração seria muito bom se eu tivesse uma casa de papelão eu sou um homem eu durmo no chão Nação, população não nos esqueça não! 2x

Somos seres humanos será que ninguém ver isso?(não) ou

será que eles pensam que **catar papelão** conseqüentemente eu irei comprar uma mansão? (haha)

Muitos passam por mim e não estão nem aí, vivem com um olhar de pena e é centenas de vezes que vejo essa cena passam desconfiado muitas vezes acompanhado e em mim nem estão interessados.

As vezes eu penso que sou um bicho, desprezado, desamparado sou um ser humano mas a sociedade me esqueceu agora olha eu, quem sou eu? percebeu? sei que Deus não me esqueceu. É difícil demais continuar, mas não posso me matar se eu estou aqui é que minha missão, tenho que terminar, eu oro e sei que Jesus há de me salvar!

Só queria saber onde tá o direito a moradia, é muita covardia porque tanta mentira? Se eu tivesse um barraco eu agradeceria.

Somos Filhos de Deus, temos Coração seria muito bom se eu tivesse uma casa de papelão eu sou um homem eu durmo no chão (2x)

Nação, população não nos esqueça não!
Nação, população não nos esqueça não!
Nação, população não nos esqueça não!

Sou apenas um ser humano que a sociedade ignora ou faz de conta que não vê.

Eddy'Black (grifo nosso).

RESUMO

A população em situação de rua utiliza o trabalho informal como principal estratégia de sobrevivência, em detrimento da mendicância e manguieio, que possuem uma representatividade menor. A relação entre a população em situação de rua e o trabalho informal é o objeto de estudo desta dissertação, cujo objetivo geral é discutir sobre tal relação no contexto do processo de acumulação capitalista. O problema de pesquisa proposto reflete-se na seguinte pergunta: qual é a relevância do trabalho informal para a população em situação de rua? Trata-se de uma pesquisa documental. Utilizamos em nossa análise pesquisas brasileiras e de outros países e reportagens jornalísticas, especialmente o jornal "O Trecheiro". Com base nos relatos desse jornal fizemos o mapa de análise para nortear os dados e relatos que destacamos. Entendemos que o referencial crítico é o mais apropriado para tratar do tema proposto, por isso o escolhemos. Estudamos sobre a população em situação de rua e discutimos sobre sua relação com o modo de produção capitalista. Argumentamos que esse grupo populacional compõe a superpopulação relativa, em todas as suas formas. Debates sobre o trabalho informal e sua subordinação e/ou subsunção ao capital. Vimos que o trabalho informal em que a população em situação de rua está inserida é o tradicional, voltado para estrita sobrevivência, em sua parcela mais instável e que possui funcionalidade ao capitalismo. Discutimos sobre a relevância do trabalho informal para a população em situação de rua. Notamos que a fulcralidade da informalidade em suas vidas vai além da mera sobrevivência ou saída das ruas, ela carrega maiores significados, ligados à identidade. A utilização do trabalho informal serve para fugir da vergonha do desprezo social gerado pela mendicância, realizar sonhos, ter esperança, autovalorização e pode servir também para manter vícios. Portanto, vai além das necessidades materiais de sobrevivência.

Palavras-chave

População em situação de rua; Capitalismo; Superpopulação relativa; Trabalho informal.

ABSTRACT

The street dwelling population uses informal labor as their main survival strategy to the detriment of begging and street-smart, which have lower representativeness. The relation between street dwellers and informal labor is the object of this dissertation, which aims at discussing about this relationship in capitalist accumulation setting. It is a documental research study. The proposed research problem is reflected in the following question: what is the relevance of informal work for the street dwelling population? Our research adopted Brazilian and foreign studies and news articles, especially the newspaper "*O Trecheiro*". Based on reports of this paper, we outlined an analysis map to guide the data and reports that we highlighted. We understood that the critical framework is the most appropriate to tackle the theme proposed, that is why we chose it. We studied the street dwelling population and discussed about their relationship with the capitalist mode of production. We argued that this population group composes the relative surplus population in all its forms. We debated about informal labor and its subordination and/or subsumption to capital. We saw that the informal labor among street dwellers is the traditional type, that is, aiming at mere survival, in its most unstable section and that is functional to capitalism. We discussed about the relevance of informal labor to street dwellers. We noticed that the essence of informality in their lives is beyond mere survival or leaving the streets, it carries bigger meanings, linked to their identity. Informal labor is used against the shame of social despise deriving from begging; for making dreams come true; for having hope, self-value; and also for serving and maintaining addictions. Therefore, it goes beyond the material needs of survival.

Key-words

Street dwelling population; capitalist reproduction; relative surplus population; informal labor.

Lista de figuras

Figura 1- Propósito capitalista	34
Figura 2- Superpopulação relativa	35
Figura 3- Lumpemproletariado	36
Figura 4- Tipologia da população em situação de rua.....	52
Figura 5- Tipologias e fases	56
Figura 6 - Trabalho à sombra	60
Figura 7 - Identidade	63
Figura 8- Manguieio	65
Figura 9 - Modos de ser da informalidade.....	70
Figura 10 - Informais tradicionais	71
Figura 11 - Modo de produção capitalista	84
Figura 12- Formas da superpopulação relativa da população em situação de rua ...	86
Figura 13 - Mendicância.....	91
Figura 14 - Mendicância, uma forma de trabalho	94
Figura 15 - Nuvem de Palavras.....	105
Figura 16 - Importância do trabalho	107
Figura 17 - Trabalhos antes da situação de rua	113
Figura 18 - Relevância do trabalho informal para a população em situação de rua	116

Lista de gráficos

Gráfico 1- Trabalhos realizados	46
Gráfico 2- Informalidade na situação de rua.....	97
Gráfico 3- Trabalhos informais desenvolvidos.....	98
Gráfico 4- Motivações	110
Gráfico 5- Trabalho na rua	112

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
2 O FENÔMENO POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA ENQUANTO FRUTO DO CAPITALISMO.....	32
2.1 Produto necessário à acumulação capitalista	32
2.2 Histórico do fenômeno população em situação de rua	39
2.3 Quem é a população em situação de rua?	42
2.4 Especificidades da situação de rua.....	48
2.5 Fases da situação de rua.....	52
2.6 Violência	56
2.7 Trabalho.....	58
2.8 Totalizações provisórias.....	66
3 TRABALHO INFORMAL E SUA FUNCIONALIDADE AO CAPITAL.....	68
3.1 Trabalho Informal e sua relevância para a população em situação de rua	71
3.1.1 Auto-emprego	77
3.1.2 Trabalho por conta própria.....	78
3.3 Totalizações provisórias.....	80
4 A FULCRALIDADE DA INFORMALIDADE PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	84
4.1 Mendicância, pedido e a importância trabalho	89
4.2 Fim do trabalho?	95
4.3 Informalidade na situação de rua.....	97
4.3.1 Homem provedor	100
4.4 Centralidade do trabalho e relevância da informalidade	102
4.5 Considerações provisórias	115
5 - Considerações Finais	117
Referências.....	121
Apêndices	128

1 INTRODUÇÃO

"Um progresso do conhecimento nunca é mais do que uma vitória parcial e efêmera sobre a ignorância humana" (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1995, p.146).

Diversos termos são utilizados para caracterizar pessoas que usam as ruas como moradia e palco de suas vidas. Mendigos, pedintes, marginalizados, *homeless*, sofredores de rua, moradores de rua, desafortunados, vagabundos, pessoas em situação de rua, são alguns deles (PEREIRA, 2008; ROSA, 2005). Rosa (2005) destaca que essa imprecisão em designar um termo, e mesmo a sua alteração, demonstram os limites no entendimento do fenômeno população em situação de rua.

A troca de termos advém em parte da falta de nitidez a respeito do próprio tema, em parte devido à heterogeneidade, marca preponderante do fenômeno população em situação de rua. Dessa forma, não existe um termo ideal, perfeito para designar o grupo populacional que utiliza as ruas como moradia, que seja imune a críticas (ROSA, 2005).

Até a década de 1980, o termo mendigo era o mais adotado pelos pesquisadores, a exemplo podemos citar as pesquisas de Stoffels (1977) e Di Flora (1987). Os termos mais usados na literatura atual são "população de rua" e "população em situação de rua", todavia ambos possuem suas fragilidades.

Entendemos que os termos mendigos e pedintes, além de pejorativos, não representam a maioria das pessoas em situação de rua, visto que 70,9% utilizam o trabalho como principal meio de sobrevivência, não a mendicância ou o pedido como revelou a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (BRASIL, 2008).

Uma das críticas ao termo população de rua é que abrangeria somente aquelas pessoas que se encontram na última fase, que são da rua, que para nós é sinônimo da tipologia de "outsider" de Snow e Anderson (1998), como veremos em detalhes no primeiro capítulo. Prates, Prates e Machado (2011) defendem que considerá-los como sendo da rua leva à ideia de que existam pessoas que sejam da rua, outras de

casa e, ainda, outras de apartamento. Sugerem o termo populações em situação de rua que passaram por um "processo de rualização"¹.

Rosa (2005), Pereira (2008) e Pereira (2007) escolheram o termo população de rua, ainda que reconheçam suas limitações. Rosa (2005) afirma que "recorreu-se [...] à expressão população de rua [...] na falta de outra expressão que porventura venha a substituí-la. Trata-se de um problema teórico ainda não resolvido, que merece ampla discussão" (ROSA, 2005, p.67).

Pereira (2008) defende o uso do termo população de rua por acreditar, como fica claro no título de sua pesquisa: "Rua sem saída", que não há saída da rua, dessa forma esse termo para ela expressa bem a continuidade da vida nas ruas e devido à "falta de um termo mais preciso" e por não entender que seja uma situação da qual as pessoas sairão (PEREIRA, 2008, p.31). Rosa (2005) também usa esse termo, mesmo reconhecendo suas limitações teóricas.

Silva (2009) defende a utilização do termo população em situação de rua:

Ressalta-se que a expressão população em situação de rua é usada neste livro, em detrimento de outras expressões, por ser considerada a mais apropriada para designar uma situação ou condição social que não resulta apenas de fatores subjetivos vinculados à sociedade e à condição humana, como é comumente considerada, mas é uma situação ou condição social produzida pela sociedade capitalista, no processo de acumulação do capital (SILVA, 2009, p.29).

Concordamos com Silva (2009). Adotamos o termo "população em situação de rua", pois, para nós ele é o que melhor demonstra a situação de rua enquanto um fruto do capitalismo. Não escolhemos "população de rua" por reconhecermos que traz uma naturalização, como se essas pessoas fossem das ruas e nenhuma delas conseguisse sair dessa situação.

Consideramos a população em situação de rua como:

Grupo populacional heterogêneo, mas que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, em função do que as

¹ Para os autores se constitui "como processo social, condição que vai se conformando a partir de múltiplos condicionantes, num *continuum*, razão pela qual processos preventivos e a intervenção junto àqueles que estão ainda há pouco tempo em situação de rua parecem ser fundamentais para que se logre maior efetividade em termos de políticas públicas" (PRATES; PRATES; MACHADO, 2011, p.194).

peças que o constituem procuram os logradouros públicos [...] e as áreas degradadas como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente, podendo utilizar albergues para pernoitarem, abrigos, casas de acolhida temporária ou moradias provisórias, no curso da construção de saídas das ruas (SILVA, 2009, p.29, grifo nosso).

O fenômeno social população em situação de rua é complexo, envolve múltiplas determinações. Silva (2009, p.26) considera uma "expressão radical da questão social". É motivada por diversos fatores, tais como a desvinculação familiar, o desemprego, a migração em busca de trabalho visando saída de uma vida com condições precárias, furtos e/ou perda de seus pertences e documentos, utilização de álcool e outras drogas pelas pessoas em situação de rua ou por seus familiares, falta de moradia, a vergonha do homem provedor em voltar para casa sem conseguir manter a sua família. Sendo que o cerne do problema encontra-se no modo de produção capitalista, que produz a miséria e se materializa em diversas expressões da questão social, tais como as citadas acima.

Por trás de multifacetadas expressões da questão social, a essência da situação de rua, o âmago do problema é o modo de produção capitalista. Devido à intrínseca relação entre o tema e o capitalismo, acreditamos que seja preponderante fazer considerações sobre esse modo de produção, por isso iniciamos o primeiro capítulo discutindo este assunto.

Mesmo num modo de produção onde a riqueza gerada vai além do que as pessoas necessitam, existem pessoas que não têm sequer condições de obter moradia, ou acessar um trabalho que lhe garanta condições básicas de subsistência, formam uma superpopulação relativa e nesse grupo está a população em situação de rua.

A acumulação capitalista produz constantemente, e na proporção de sua energia e seu volume, uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, isto é excessiva para as necessidades médias de valorização do capital e, portanto, supérflua (MARX, 2013, p.705).

Muitos autores consideram a população em situação de rua como componente do lumpemproletariado. Teriam eles razão? Será que de fato, em meio a heterogeneidade do fenômeno população em situação de rua, eles podem ser considerados somente como lumpemproletariado? Discutiremos estes questionamentos no primeiro capítulo.

O diferencial do capitalismo para outros modos de produção “é o fato de que nele estão dadas as condições e as possibilidades de suprimir as carências materiais da massa da população” (NETTO, 2013, p.93). Pobreza, miséria, fome e pessoas vivendo nas ruas não são novidades do capitalismo. “O novo não é a permanência do fenômeno; o novo é que permanece quando há condições de suprimi-lo” (NETTO, 2013, p.93).

A existência de pessoas morando nas ruas de uma cidade não é uma novidade; poderíamos pensar que seja explicado por um contexto de escassez, em que não havia o suficiente para todos e a produção de mercadorias era parca. Todavia, esse pensamento está equivocado. É em meio à fartura da produção capitalista que o fenômeno população em situação de rua se amplifica.

De fato, a população em situação de rua é fruto da acumulação capitalista. Quanto maior for a acumulação de riquezas por poucos maior será a acumulação de miséria por muitos. Alguns desses que acumulam miséria passam pelo processo de rualização. Não por preguiça ou falta de esforço das pessoas, mas sim devido à natureza do modo de produção capitalista, que produz a superpopulação relativa.

Se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista (MARX, 2013, p.705).

A população em situação de rua é uma consequência do modo de produção capitalista, compõe um grupo essencial à reprodução do capital. Ao que parece, faz parte da classe trabalhadora, a parcela que não obteve êxito na troca de sua força de trabalho por salário.

A classe trabalhadora, hoje, (...) incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, part-time, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Inclui, ainda em nosso entendimento, **a totalidade dos trabalhadores desempregados** (ANTUNES; ALVES, 2004, p.342, grifo nosso).

Como indicamos anteriormente, de acordo com a Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua, a parcela dos que utilizam o trabalho como principal

estratégia de sobrevivência é expressiva, 70,9%. Além disso, a pesquisa indicou que o trabalho formal é acessado por somente 1,9% das pessoas em situação de rua.

Dessa forma, se entendermos que todos os que possuem somente o trabalho para trocar no mercado de coisas, ainda que estejam inseridos em trabalho precário, ou mesmo desempregado, são parte da classe trabalhadora, sugerimos que a população em situação de rua componha esse grupo. Todavia, salientamos que esse não será o foco de nosso debate, visto que para isso precisaríamos de espaço para um outro trabalho.

Ainda que a heterogeneidade seja a marca fundamental da população em situação de rua, notamos que é comum nas pesquisas a relevância do trabalho para eles. O trabalho é primordial para suas vidas. No Chile 76,4% das pessoas em situação de rua trabalham na informalidade. Em Buenos Aires, 45% realizam atividades informais (CHILE, 2012; CALCAGNO, 1999)².

De forma geral, a maior parte dos trabalhos realizados pela população em situação de rua é informal, conforme as pesquisas respectivamente de Brasil (2008); Vieira, Bezerra e Rosa (2004); Silva (2009); Ferreira (2006); Dantas (2007); Porto Alegre (2012) sintetizados no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Atividades da população em situação de rua

Local	Informalidade	Principais atividades
Brasil	70,9%	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Catação de materiais recicláveis (27,5%); ▪ Flanelinha (14,1%); ▪ Construção Civil (6,3%); ▪ Limpeza (4,2%); ▪ carregador/estivador (3,1%); ▪ Pedir dinheiro ou mendigar (15,7%).
São Paulo (Pesquisa realizada em 1991)	80%	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Carregar caminhão; ▪ Catação de papel; ▪ Encartar de Jornal; ▪ Guardar carros.
São Paulo (2000)	81,09%	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Catação de materiais recicláveis; ▪ Limpar, guardar, lavar, manobrar carros.
Belo Horizonte	69,21% (1998) 59,19% (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Realiza bicos; ▪ Faz pequenos consertos; ▪ Levar compras de supermercados;

² Mais informações sobre essas pesquisas podem ser encontradas através do quadro comparativo presente no apêndice C desta dissertação.

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Lavar/ vigiar carros; ▪ Catação de materiais recicláveis ▪ Pedir ajuda (12,5% em 1998 e 11,7% em 2005)
Belo Horizonte	*	Em 1998 a catação de materiais recicláveis era usada primordialmente por 15,61%. Em 2005 42,80% das pessoas passaram a sobreviver a partir desse trabalho.
Rio de Janeiro	90%	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Catação de Material reciclável (42,4%); ▪ Faz biscates (13%); ▪ Vendedor ambulante (9%); ▪ Pedintes 9%
Porto Alegre	*	1995: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mendicância (18%) ▪ Catação de materiais recicláveis (18%) 1999: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mendicância (46,5%) ▪ Catação de materiais recicláveis (38,29%)
Porto Alegre (Pesquisa realizada em 2011)	59,5%	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Catação de material reciclável (19,8%); ▪ Realizar atividade de reciclagem (15,9%); ▪ Pede/Achaca (9,5%)
Recife	* ³	2004: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mendicância (47,77%); ▪ Catação de materiais recicláveis (21,74%); 2005: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mendicância (31,72%); ▪ Catação de Materiais recicláveis (16,04%); ▪ Lavar, guardar carros (36,76%).

Elaboração própria

Fonte: Brasil (2008); Vieira, Bezerra e Rosa (2004); Silva (2009) Ferreira (2006); Silva (2009); Dantas (2007); Silva (2009); Porto Alegre (2012); Silva (2009)⁴.

Conforme o quadro acima, a presença da informalidade na vida da população em situação de rua é inegável. O Rio de Janeiro apresenta o dado mais expressivo da utilização do trabalho informal pelas pessoas que vivem nas ruas, afinal, 90% está na informalidade. São Paulo também traz uma porcentagem elevada, 80%. E, ainda que Belo Horizonte e Porto Alegre revelem porcentagens menores, trazem mais da metade dos pesquisados como trabalhadores informais, consubstanciando a relevância da informalidade para a população em situação de rua.

Não existe consenso com relação ao conceito de trabalho informal. Alguns, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), consideram formal o trabalho com

³ * Colocamos este símbolo para sinalizar que a informação não consta na fonte consultada.

⁴ Há repetição de Silva (2009), pois a fonte segue respectivamente a primeira coluna.

carteira assinada, proteção previdenciária, que têm acesso a direitos trabalhistas e o informal como o contrário disso, oposto ao formal, sem carteira assinada, tampouco direitos trabalhistas. Outros possuem opiniões mais críticas, onde a gama da informalidade é ampliada, tal como a visão de Tavares (2004) e Soares (2008), para os quais a informalidade faz parte do capitalismo e é funcional a este modo de produção.

Há maior facilidade em entender os chamados setores formais e informais como defende a OIT. Todavia, através de uma leitura aprofundada e crítica, percebemos que a relação entre a formalidade e a informalidade é tênue e de difícil percepção, não podendo ser reduzida e essa concepção. Em face da importância para o nosso objeto de estudo, discutiremos sobre a informalidade no capítulo 2.

O fato é que o fenômeno população em situação de rua e sua relação com o trabalho informal necessitam de um maior aprofundamento teórico. As pesquisas apontam que boa parte da população em situação de rua são trabalhadores informais, todavia não exploram essa relação, que é objeto de nosso estudo. Sabemos que a população em situação de rua tem no trabalho informal a principal estratégia de sobrevivência nas ruas, visto que foi revelado em pesquisas anteriores, tais como Vieira, Bezerra e Rosa (2004) e a Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua (BRASIL, 2008). O que tencionamos é relacionar o fenômeno população em situação de rua e o trabalho informal.

A população em situação de rua está em constante crescimento, prova disso são dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2010) – que revelam o aumento da população em situação de rua em São Paulo de 8.706 mil no ano 2000 para 10.399 mil em 2003 e 14.478 mil em 2011. Em Belo Horizonte também houve aumento, segundo a Fundação João Pinheiro (2013) passou de 1.179 mil em 2005 para 2.500 mil em 2012. Por consequência deste aumento, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome noticiou em seu site no dia 1º de agosto de 2013 o aumento no número de vagas em albergues, a implantação de centros de referência especializada para população em situação de rua e ampliação das equipes de abordagem social em todos os estados brasileiros (MDS, 2013).

O aumento das políticas voltadas para a população em situação de rua revela o agravamento desta expressão da questão social e a forma como suas manifestações mais agudas vêm sendo mitigadas no âmbito do Estado. Ou seja, no sentido inverso de ações estruturais que “combatam” seu crescimento e revelam com veemência a necessidade em pesquisar sobre o tema.

Justificando a discussão do trabalho informal mediante as pesquisas existentes, Rosa (2005) entende que as pessoas em situação de rua utilizam o trabalho informal como principal atividade, especialmente desde o final da década de 1970, no Brasil. Assim como a pesquisa nacional indicou que a maioria trabalha, Vieira, Bezerra e Rosa (2004) obtiveram o seguinte dado: 80% da população em situação de rua têm o trabalho informal como prevacente forma de obtenção de rendimentos (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

Nos Estados Unidos, Snow e Anderson (1998) fizeram uma pesquisa etnográfica sobre a população em situação de rua de Austin, cidade do Texas. Eles dedicam um capítulo para tratar o que chamam de "trabalho à sombra" (SNOW; ANDERSON, 1998). Os autores definem "trabalho à sombra" como atividades de catar lixo, buscando roupas, comida e materiais que possam vender; pedir dinheiro; tocar violão tentando convencer as pessoas a jogar dinheiro no estojo do instrumento musical; recitar poesias em troca de dinheiro; catação de latas e venda de entorpecentes. Algumas dessas formas de subsistência poderíamos considerar como trabalho informal, ainda que o autor não utilize o termo.

Varanda e Adorno (2004) pautam sua discussão pela saúde, porém comentam a respeito do trabalho informal realizado pela população em situação de rua. A princípio associam o trabalho informal àquele realizado antes da situação de rua, como uma forma de enfrentar a pobreza, o desemprego e “problemas como moradia” (VARANDA; ADORNO, 2004, p.61).

Citando os dados da pesquisa da FIPE (2000) os autores revelam que "60,4% dos moradores de rua encontrados nos logradouros afirmaram que o trabalho é a fonte exclusiva de seus rendimentos" (VARANDA; ADORNO, 2004, p.64). Entre os que trabalham, estão os catadores de materiais recicláveis, os descarregadores de

caminhões e os guardadores de carro. No entanto, esses autores não explicitam que essas são formas de trabalho informal.

Oliveira Sobrinho (2012), ao discutir sobre a população em situação de rua na cidade de São Paulo, objetivando trabalhar o discurso dos gestores e dos jornais em prol de uma "disciplina da informalidade", diz que:

Para fins de estudo e análise foi utilizado para referir-se aos excluídos dos espaços da cidade, em especial: moradores em situação de rua, mendigos, flanelinhas, catadores de material para reciclagem, dependentes químicos, entre outros que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Esse termo, portanto, para fins metodológicos de pesquisa obedece um critério restritivo diante da complexidade do fenômeno social que o termo envolve e do universo de pessoas que se encontram em situação de pobreza em uma cidade das dimensões estruturais e espaciais como São Paulo (OLIVEIRA SOBRINHO, 2012, p.4).

Sobrinho (2012, p.18) revela que lhe chama atenção a “relação muito tênue entre o morador de rua e a informalidade e as técnicas para sobreviver nas ruas”. Ainda que perceba a importância, seu objeto não é a relação da população em situação de rua com o trabalho informal e não se aprofunda no assunto.

Embora o fato de pessoas vivendo nas ruas, tradicionalmente concebidas como mendigos, andarilhos e “vadios”, não seja um fenômeno específico dos dias de hoje, essa condição de vida adquire características próprias do momento atual. Encontra-se hoje, [...]um novo perfil de morador de rua, [...] incluído de forma perversa pela nossa sociedade, sobrevivendo do mercado informal e da assistência social que a cidade oferece e sem perspectivas de um futuro promissor (BORIN, 2004, p.63).

Ressaltamos a expressividade da informalidade nas diversas pesquisas brasileiras. E que dentre as atividades informais realizadas, destacam-se a catação de materiais recicláveis, a atividade de flanelinha e a venda ambulante, conforme vimos através do quadro 1. Demonstramos através das informações presentes a relevância de estudar o objeto proposto.

Borin (2004) pesquisou São Paulo e percebeu a centralidade do trabalho informal, Rosa (2005), que também estudou São Paulo, e Silva (2009), pesquisando Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, oferecem indícios do mesmo fato: a população em situação de rua tem o trabalho informal como atividade essencial de sobrevivência.

Snow e Anderson (1998) dedicaram um capítulo ao assunto, que é indicado, mas não explorado⁵. Além disso, trata-se de uma pesquisa em outro país, que evidentemente possui o mesmo cerne básico de existir devido à reprodução do modo de produção capitalista em que pese as diferenças sociais e econômicas existentes entre os países.

Rosa (2005), Silva (2009), Borin (2004), Varanda e Adorno (2004), Sobrinho (2012), Snow e Anderson (1998) e Brasil (2008), reconhecem a utilização do trabalho informal por pessoas em situação de rua, o que indica a relevância deste estudo ao revelar a população em situação de rua enquanto trabalhadores informais. Contudo não trabalham o objeto de pesquisa desse projeto, qual seja: associar a importância desse trabalho informal para a população em situação de rua. Estudamos este ponto na dissertação procurando avançar no debate.

As pesquisas acima citadas são importantes para entendermos a população em situação de rua no contexto brasileiro, e demonstram a relevância em estudar a relação proposta por este projeto entre a população em situação de rua e o trabalho informal. Ainda que nos últimos anos as pesquisas acadêmicas sobre o tema população em situação de rua tenham se ampliado em diversas áreas, acreditamos que é imprescindível conhecermos a relevância da utilização do trabalho informal para a população em situação de rua.

Com relação à aproximação com o tema, o mesmo ocorre desde a infância, quando a existência de pessoas que utilizam as ruas como moradia passou a compor o nosso trajeto da casa para escola. Ver pessoas em situação de rua, desde então, nos incomodava e intrigava. Muitas perguntas pairaram em nossa mente. Tais como: Por que estão morando nas ruas? Será que é devido à falta de moradia? Onde está sua família? De onde eles vêm e para onde vão? Vivem nas ruas desde quando? São perigosos?

Em 2010 fomos convocados pela Prefeitura Municipal de Vila Velha para trabalhar no cargo de educador social. Quando chegamos à Secretaria de Assistência Social

⁵ O capítulo supracitado é intitulado como "Trabalho à sombra", este termo é usado pelos autores para atividades tais como catar lixo, pedir dinheiro, recitar poesias e tocar violão em troca de dinheiro e catar latas. Porém eles não tratam sobre a informalidade. Ainda que nesse trabalho consideremos como informais algumas dessas atividades.

para saber onde trabalharíamos, falamos da nossa necessidade em ter um horário flexível em virtude da graduação em Serviço Social, realizada no período. Resolveram que trabalharíamos no Abrigo Bom Samaritano⁶, localizado em Capuaba. Tivemos a oportunidade de trabalhar na instituição durante dois anos e nos aproximar das pessoas que estavam numa situação que tanto nos intrigava.

Dessa forma, no ano em que iniciamos o quinto período, e cursamos a primeira disciplina de pesquisa, estávamos há poucos meses trabalhando no abrigo e não tivemos dúvidas ao escolhermos estudar sobre a população em situação de rua.

Na monografia indagamos: quem- são as pessoas que vivem em situação de rua no município de Vila Velha (ES)? Traçamos o perfil deste público com base no levantamento documental realizado no Albergue Bom Samaritano e Abrigo João Calvino e nos principais referenciais teóricos que tratam a respeito do tema, conhecidos por nós até aquele momento. Destacamos o limite imposto pelos dados obtidos na monografia, visto que trabalhamos com as instituições de acolhimento do município, pessoas abrigadas, sem abranger os que na época dormiam nas ruas.

Identificamos que assim como nos estudos que tratam sobre o tema em diversos municípios brasileiros, tais como os realizados por Silva (2009), Vieira, Bezerra e Rosa (2004) e Pereira (2006), em Vila Velha são a maioria homens, que andam sozinhos ou em grupo, com baixo nível de escolaridade, a maior parte dessas pessoas está numa idade que compõe a população economicamente ativa e outro fator comum são os problemas na família.

No mestrado, continuamos os estudos sobre a população em situação de rua. O problema de pesquisa proposto reflete-se na seguinte pergunta: qual é a relevância do trabalho informal para a população em situação de rua?

A nossa hipótese é a imprescindibilidade do trabalho informal para a trajetória de saída das ruas e também enquanto meio de sobrevivência para a continuação nas ruas. Para além de influenciar na saída ou permanência nas ruas, é essencial também enquanto referência identitária.

⁶ O abrigo Bom Samaritano é um local de acolhimento institucional temporário do município, voltado para a população em situação de rua adulta presente no município.

No primeiro capítulo discutimos sobre o fenômeno população em situação de rua, exploramos sua relação intrínseca ao modo de produção capitalista. Apresentamos um breve histórico, abordamos as principais características presentes no fenômeno, indicamos as fases relacionadas ao tempo de rua, lembramos sobre a violência a que são submetidos e finalizamos com o debate sobre o trabalho na vida da população em situação de rua.

No segundo capítulo tratamos sobre a informalidade do trabalho, destacamos diferentes argumentos e formas de entendê-la e demonstramos que o trabalho informal é funcional e subordinado ao capital, podendo em alguns casos ser também subsumido a este.

No terceiro aprofundamos a discussão sobre o capitalismo e o papel da população em situação de rua perante este modo de produção e apresentamos relatos de pessoas em situação de rua para consubstanciar o debate a respeito da fulcralidade do trabalho informal em suas vidas.

Nosso objetivo geral é discutir sobre a relação entre população em situação de rua e trabalho informal no contexto do processo de acumulação capitalista contribuindo com o adensamento do debate nesse tema, podendo subsidiar técnicos e gestores na construção e aperfeiçoamento de políticas sociais. Os objetivos específicos são:

- ✓ Debater sobre quem é a população em situação de rua, entendendo a sua existência enquanto fruto necessário do capitalismo;
- ✓ Argumentar a respeito da superpopulação relativa, investigando se a população em situação de rua compõe alguma de suas formas.
- ✓ Discutir as relações capitalistas e supostamente não capitalistas presentes no trabalho informal da população em situação de rua objetivando melhor compreensão do objeto;
- ✓ Explorar o jornal "O Trecheiro" indicando a fulcralidade do trabalho informal para a população em situação de rua;
- ✓ Conhecer a relevância do trabalho informal para a população em situação de rua revelando a centralidade do trabalho.

Do ponto de vista metodológico, "Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade" (MINAYO, 2009, p.14). Concordamos com Minayo (2009), a metodologia, para nós, é o caminho que planejamos seguir para atingir nossos objetivos. Expressamos nos objetivos onde desejamos chegar e aqui traremos os métodos que usaremos para alcançá-los.

A base para a construção desse caminho é a revisão de literatura, imprescindível a qualquer pesquisa, e será realizada ao longo de todo o trabalho. A função da revisão bibliográfica é "estar a serviço do problema de pesquisa" (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.179).

Entendemos como imprescindível realizar a revisão de literatura em todo o trajeto da pesquisa, pois nos permitirá ampliar o conhecimento e aproximar-nos cada vez mais do objeto.

A matriz teórica que embasará o trabalho é importante. Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1981) comparam às redes e anzóis utilizadas pelos pescadores. Precisamos delas para pescar, da mesma forma que precisamos de uma teoria norteadora para conhecer a realidade. Utilizaremos o referencial crítico dialético.

O [...] mais importante sentido da palavra crítica diz respeito à ênfase na análise das condições de regulação social, desigualdade e poder. [...] A diferença básica entre a teoria crítica e as demais abordagens qualitativas está, portanto, na motivação política dos pesquisadores e nas questões sobre desigualdade e dominação, que, em consequência, permeiam seus trabalhos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.139).

Outra característica da teoria crítica é a defesa da inexistência de neutralidade. A pesquisa não é em nenhum momento neutra, está sempre permeada pela visão de mundo do pesquisador (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Para estudarmos o tema população em situação de rua e sua associação com o trabalho informal necessitamos transpor a aparência para entendermos o que de fato causa a situação de rua. Múltiplas são as motivações do fenômeno população em situação de rua que são frutos de um conjunto de desigualdade, tais como o desemprego, falta de moradia, relações familiares problemáticas, doenças físicas e mentais, falta de políticas públicas. Apesar disso o trabalho possui centralidade para Marx (2013) essa centralidade advém da humanização e desumanização trazidas

através do trabalho. Está aqui uma contradição, visto que o trabalho pode humanizar mas também desumanizar.

A desigualdade trazida pelo capitalismo revela um conjunto de condições adversas que perpassa a falta de oportunidades, a posição de subalternidade, relações violentas, de subjugação, acesso moroso aos serviços públicos, ingerência diante a doenças e diversidade, reprodução da pobreza em sentido amplo, como não lugar. Onde a valorização humana advém da posse.

Heterogeneidade é uma das marcas centrais do fenômeno população em situação de rua, nele estão presentes pessoas em sofrimento psíquico, ex-presidiários, portadores de HIV, dependentes químicos, pessoas e famílias que perderam a moradia, trecheiros, andarilhos.

O fenômeno população em situação de rua é composto por múltiplas determinações. Multifacetadas são as expressões da questão social presente. O modo de produção capitalista produz acumulação de riqueza associada à acumulação de miséria. As consequências são nefastas para os trabalhadores. O capitalismo se materializa através da pobreza, desemprego, falta de moradia, utilização de álcool e outras drogas, todas essas expressões e outras estão presentes na vida da população em situação de rua.

Sobre isso, Netto (2013, p.90) diz:

Produz-se riqueza social em escala exponencial ao mesmo tempo em que se produz e reproduz o pauperismo [...] O crescimento econômico, o desenvolvimento econômico social sob o capitalismo, implica sempre a reprodução de um pólo que necessariamente acompanha, com sinais trocados, aquele da expansão das riquezas sociais.

Por isso escolhemos o referencial crítico dialético para nortear nosso trabalho, ele é que melhor se aproxima da realidade e oferece bases consistentes de explicação de tal realidade. Para discutirmos acerca da população em situação de rua, precisamos debater sobre o seu cerne, o que de fato produz esse fenômeno. Dessa forma, o método crítico-dialético é o mais adequado para estudarmos nosso objeto e respondermos ao nosso problema. E, ao debatermos sobre o trabalho informal, almejamos atingir o âmago e percebê-lo sob uma ampla gama de questões

presentes, que transcenda a mera oposição com o formal, o que também nos leva ao referencial crítico.

Marx apropria-se das categorias que emanam da realidade e volta a ela utilizando-as para explicar o movimento de constituição dos fenômenos, a partir de sucessivas aproximações e da constituição de totalizações provisórias, passíveis de superação sistemática, porque históricas. Nesse processo de apreensão, o autor considera fundamental dar visibilidade às contradições inclusivas que o permeiam e às transformações ocorridas no percurso, transformações estas que resultam de múltiplas determinações, cuja análise interconectada amplia a possibilidade de atribuir-se sentidos e explicações à realidade (PRATES, 2012, p.117).

O modo de produção capitalista traz em seu âmago a contradição da necessidade de produção de desigualdade em contraste ao aumento da riqueza produzida pela humanidade. O fenômeno social aqui estudado demonstra isso. É a prova mais concreta da consequência da apropriação desigual da riqueza. Logo, não seria prudente estudá-lo sem antes desenvolver um estudo sobre a relação com o capitalismo. E, encontramos no método crítico exatamente o que pediu nosso objeto. Um método que nos permite questionar a realidade, enxergando além da aparência, que é somente um lado do real.

Quando nos referimos a contradições, não seguimos a lógica formal, que poderia considerá-la como um defeito, é na realidade "uma realidade que não se pode suprimir. Determinadas contradições surgem, outras desaparecem (são superadas), mas há sempre algumas contradições pendentes de solução" (KONDER, 1999, p.43).

O mundo está em constante movimento, passando por diversas mudanças, e contradições fazem parte de sua composição. A principal trazida pelo modo de produção capitalista sob a qual esse sistema se alicerça existe entre capital e trabalho (KONDER, 1999).

A abordagem que acreditamos ser a mais apropriada para nosso objeto é a qualitativa. Entendemos a pesquisa qualitativa como "um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano" (CRESWELL, 2010, p.26).

Trata-se de uma pesquisa documental, a técnica escolhida foi análise documental, que por sua vez pressupõe a análise de conteúdo. Salientamos que a pesquisa

documental não pode ser confundida com a revisão bibliográfica, essencial a todo o processo de desenvolvimento do trabalho. Buscamos sistematizar as informações dos documentos acessados, com o objetivo de destacar a importância do trabalho informal para a população em situação de rua (PRATES; PRATES 2009). Análise de conteúdo abrange os seguintes momentos:

a) Pré-análise

Envolve a preparação dos documentos a serem investigados, com a escolha de quais serão usadas, a definição do objetivo e hipótese. Nesse trabalho, fizemos a leitura flutuante das edições do Jornal "O Trecheiro" de janeiro de 2003 a julho de 2015 para selecionarmos os que poderiam compor nossa análise.

b) Descrição analítica

O corpus é estudado de forma aprofundada. É feita uma organização que pode se efetivar através de quadros. Com base num roteiro de análise organizamos os dados através da elaboração de um quadro de análise, que está no apêndice A desse trabalho.

c) Interpretação inferencial

Neste momento ocorre a análise dos dados, com as interpretações devidas (PRATES, 2003). Em nossa interpretação selecionamos algumas palavras-chave em cores, para facilitar a análise e negritamos os que são relevantes para o objeto proposto.

Além do que expomos acima, utilizamos o programa Iramuteq para criar a nuvem de palavras. Criamos o arquivo com as linhas de comando para a leitura pelo programa com base em nosso quadro de análise, presente no apêndice A, que foi alterado de acordo com as exigências de utilização do Iramuteq⁷.

⁷ Retiramos as informações do mapa de análise, presente no apêndice A. Mantivemos somente o resumo, visto que as informações que constam na segunda e terceira linha de nosso quadro de análise foram feitas de acordo com o mesmo. Assim, se mantivéssemos estaríamos repetindo informações.

A pesquisa é documental, pois ela é a mais adequada para nos ajudar a responder ao problema. Buscamos na biblioteca de teses e dissertações, nos periódicos da Capes, na Scielo, nas bibliotecas digitais de universidades, em livros e nos sites de Estados e Municípios pesquisas sobre população em situação de rua e também em revistas acadêmicas. Procuramos os dados referentes ao trabalho desse grupo populacional. O critério para escolha do material usado foi a exclusão, usamos as pesquisas onde haviam os dados que interessam ao nosso objeto.

Usamos entrevistas secundárias dos materiais citados acima e analisamos uma coluna do jornal "O Trecheiro". Fizemos a princípio uma leitura flutuante buscando o trabalho informal da população em situação de rua na coluna "Vida no Trecho", que traz relatos de pessoas que viveram ou ainda vivem nas ruas. Acessamos todas as edições desse Jornal entre janeiro de 2003 e julho de 2015, que totalizaram 130, realizamos a primeira leitura da coluna "Vida no Trecho" de todas elas, buscamos palavras-chave que indicassem a importância do trabalho informal nas trajetórias.

Com base nesta leitura prévia selecionamos 55 trajetórias, a partir disso fizemos um quadro para destacar as informações relevantes para o trabalho, tais como o trabalho desenvolvido antes e durante a situação de rua, as motivações que revelam sobre o fato de comporem o fenômeno social aqui estudado e um resumo da trajetória apresentada.

Na pesquisa, após a coleta, organizamos, representamos, analisamos e interpretamos os dados. Construímos o mapa de análise usado na dissertação que encontra-se no apêndice A. Depois de inserir os dados e resumos de cada história, realizamos a codificação colorindo as principais motivações da situação de rua de acordo com as histórias relatadas, assim como as trajetórias que trazem mais elementos e que foram pré-selecionadas para ilustrar o trabalho.

Dentre as 55 selecionadas, presentes no mapa, ao realizar a leitura mais aprofundada, percebemos que oito delas não traziam histórias de pessoas em situação de rua; esses, nós colorimos de **amarelo** e desconsideramos na análise dos dados.

Quanto aos motivos da situação de rua, destacamos em **azul escuro** os desentendimentos familiares, **vermelho** o desemprego, **marrom claro** a morte de

parentes e azul claro a utilização de álcool e outras drogas. Nos resumos da trajetória, marcamos com a cor rosa as palavras esposa e mãe, duas figuras de apoio importantíssimas aos homens. Sabemos que a morte da mãe e o abandono da esposa contribuí com a culminância da vida nas ruas.

Em verde destacamos algumas informações importantes das trajetórias referentes à importância do trabalho na rua, e na esperança da saída dessa condição, em alguns casos o trabalho é apresentado como um sonho. Em azul-petróleo selecionamos uma frase que indica uma contradição do modo de produção capitalista. Por fim, negritamos as trajetórias pré-selecionadas para compor o trabalho, dessas escolhemos as que aparecem ao longo do trabalho para ilustrar a discussão feita. As cores citadas neste parágrafo representam categorias e possuem relação intrínseca com a informalidade e o processo de rualização.

Para selecionar o material usado na análise documental pesquisamos na biblioteca de teses e dissertações, no portal de periódico da Capes e no Scielo. E fizemos quadros para nortear a revisão de literatura, que se encontram no apêndice B, demonstramos as palavras-chave que usamos e o número de pesquisas e artigos encontrados. Após a leitura do resumo e do sumário deles, selecionamos os que acessamos para escrever esta dissertação, os quais também aparecem, de acordo com a cor que escolhemos para a palavra-chave.

Além dessas fontes, buscamos pesquisas municipais, estaduais e nacionais sobre a população em situação de rua. O critério para utilização foi apresentar a informação que buscamos, o trabalho informal da população em situação de rua. Para ilustrar a teoria e os dados expostos usamos também reportagens de jornais televisivos que foram transcritas por nós.

Como forma de tornar público os resultados da pesquisa, pretendemos submetê-lo a revistas visando publicações, a eventos, para apresentações, e deixaremos uma cópia na de biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo e outra com a liderança estadual do movimento nacional da população em situação de rua. Portanto, utilizamos um referencial crítico dialético e realizamos uma pesquisa qualitativa, documental, com a técnica de análise documental.

2 O FENÔMENO POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA ENQUANTO FRUTO DO CAPITALISMO

É extremamente difícil viver em situação de rua. Vemos restaurantes por todas as partes e, no entanto, sabemos que não vamos poder comer. Há milhares de prédios ao redor, mas não vamos dormir em nenhum deles, senão nas ruas, que é o lugar onde as pessoas caminham. Há uma infinidade de banheiros e não vamos poder entrar em nenhum deles. É muito duro ver essas coisas e não enlouquecer (TOSOLD; BARBOZA, 2012, p.2)

Quem é a população em situação de rua? Como vive? Por que e como chegou às ruas? Quais são as suas principais características? Qual a importância do trabalho em sua vida? É fruto da preguiça ou do processo de acumulação capitalista? Neste capítulo discutiremos essas questões. Iniciamos o debate situando o fenômeno população em situação de rua em seu contexto estrutural, a intrínseca relação entre o modo de produção capitalista e a formação e ampliação da população em situação de rua.

2.1 Produto necessário à acumulação capitalista

O modo de produção capitalista produz, desde seu surgimento, miséria proporcional ao crescimento da riqueza. Quanto mais se desenvolve, maior é a produção de riqueza e a produção da miséria. Dessa forma, não é uma exceção existirem pessoas que não consigam inserção no mercado de trabalho. Tampouco a causa desse processo é a incapacidade ou falta de esforço de tais pessoas. É a consequência básica do capitalismo, para que alguns acumulem demasiadas riquezas, outros acumulam pobreza.

Ocasionalmente uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto (MARX, 2013, p.721).

Por mais ilógico que esse processo pareça, visto que se a riqueza aumenta a pobreza deveria diminuir, ocorre o contrário por causa da desigualdade na distribuição da riqueza.

O capitalismo promove acumulação, objetiva-se acumular cada vez mais com um número reduzido de trabalhadores. Os trabalhadores que ficam são cada vez mais explorados e submetidos ao capital. Seja aumentando o tempo de trabalho, ou

instalando máquinas mais eficazes, que permitam ampliar a produção reduzindo o número de trabalhos, a exploração é intensificada (MARX, 2013).

Para que essa exploração ocorra, é necessário que o número de pessoas que necessitam trabalhar, visto que possuem como única mercadoria a força de trabalho, cresça em maior medida do que as vagas. Esse modo de produção carece de um exército de reserva, um grupo de trabalhadores adicionais, supérfluos (MARX, 2013).

Com a acumulação do capital produzida por ela mesma, a população trabalhadora produz, em volume crescente, os meios que a tornam relativamente supranumerária. Essa lei de população é peculiar ao modo de produção capitalista (MARX, 2013, p.706).

A existência de uma "população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista" (MARX, 2013, p.707). Além de produto necessário ao processo de acumulação capitalista, os supranumerários funcionam como uma alavanca de acumulação. Sua existência é requisito básico, condição necessária à vida desse modo de produção.

Sendo assim, por este método, preguiça e falta de esforço não justificam a existência do fenômeno população em situação de rua. Dessa forma, ao invés de imputarmos às pessoas que vivem nas ruas responsabilidade e culpa, indicamos o cerne do problema: o modo de produção capitalista. O processo de acumulação capitalista, constitutivo e consequente da teoria do valor-trabalho, gera uma superpopulação relativa e alguns que se encontram nesse grupo passam a compor a população em situação de rua.

As pessoas vão para a rua porque a estrutura da nossa sociedade é desigual. E por vivermos em uma sociedade capitalista, a desigualdade é condição para que o capital possa se reproduzir e aumentar sempre o seu lucro. Como a riqueza da sociedade se acumula cada vez mais nas mãos de poucos e os recursos não são destinados para atender aos direitos básicos, como saúde e moradia, acaba se reforçando a divisão entre pobres e ricos (MNPR⁸, 2010, p.8).

Reiteramos que a situação de rua não é uma condição escolhida pelas pessoas que nela se encontram. Muito pelo contrário, elas foram colocadas nessa condição. O modo de produção em que vivemos exige a existência de pessoas que não

⁸ Movimento Nacional da População em Situação de Rua.

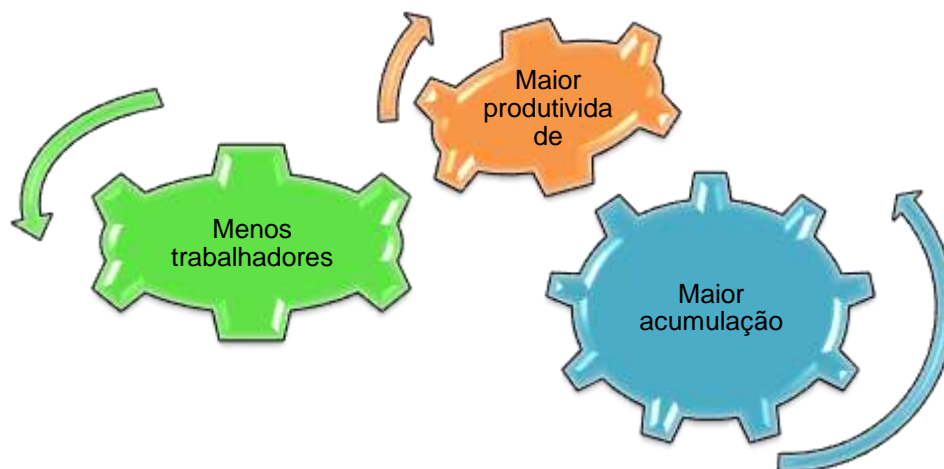
conseguirão inserção no mercado formal de trabalho. E quanto mais o capitalismo se desenvolve mais contradições e atrocidades ele carrega.

O movimento de transformação de trabalhadores ocupados em desempregados ou semiempregados é constante, quanto maior for a acumulação, quanto mais o capitalismo se desenvolve, maior será a exploração e menor o número de trabalhadores necessários (MARX, 2013).

A condenação de uma parte da classe trabalhadora à ociosidade forçada em razão do sobretrabalho da outra parte, e vice-versa, torna-se um meio de enriquecimento do capitalista individual, ao mesmo tempo que acelera a produção do exército industrial de reserva num grau correspondente ao progresso da acumulação social (MARX, 2013, p.711).

Apesar dessa tendência demonstrada acima, não acreditamos que o capitalismo chegará ao ponto de funcionar sem o trabalho, pois entendemos o trabalho como pilar ao modo de produção capitalista e produtor de riqueza. A finalidade capitalista pode ser vista na figura 1.

Figura 1- Propósito capitalista



Elaboração própria. Fonte (MARX, 2013, p.711).

Através da figura acima pretendemos indicar que o capitalismo objetiva aumentar cada vez mais a produtividade com o menor número possível de trabalhadores e a consequência desse processo é gerar uma maior acumulação⁹.

Por um lado, nós vemos pessoas altamente exploradas, com uma carga excessiva de sobretrabalho, e, do outro, um grupo de reserva, que pressiona o primeiro grupo

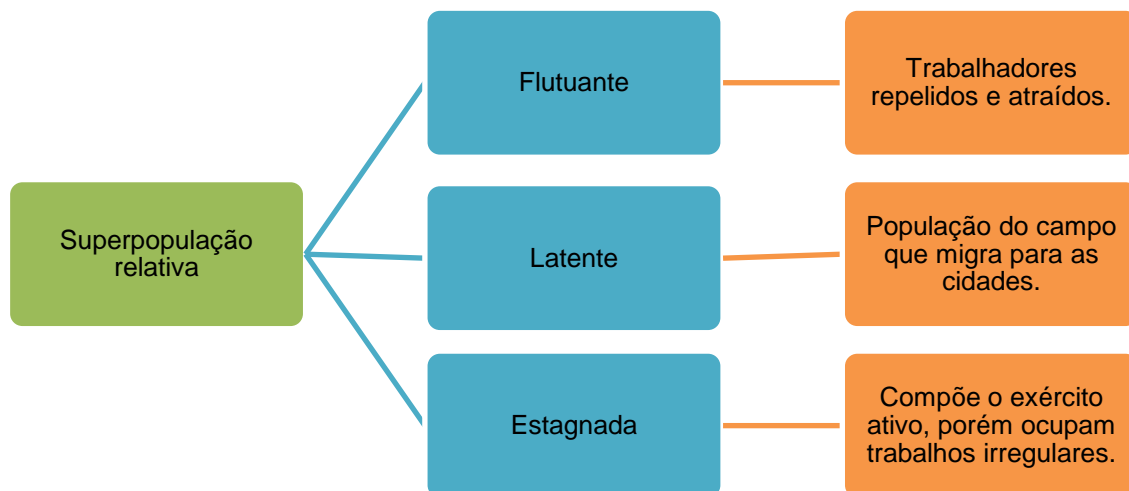
⁹ Com as setas para cima indicamos aumento, e a seta para baixo redução.

a continuar no sobretrabalho. Esta é a lei geral de acumulação capitalista segundo Marx. E a população em situação de rua compõe essa superpopulação relativa, como afirma Silva:

A reprodução do fenômeno população em situação de rua vincula-se ao processo de acumulação do capital, no contexto da produção contínua de uma superpopulação relativa, excedente à capacidade de absorção pelo capitalismo (SILVA, 2009, p.97).

Marx (2013) apresenta diversas formas de existência da superpopulação relativa, elas podem ser vistas na figura 2 abaixo.

Figura 2- Superpopulação relativa



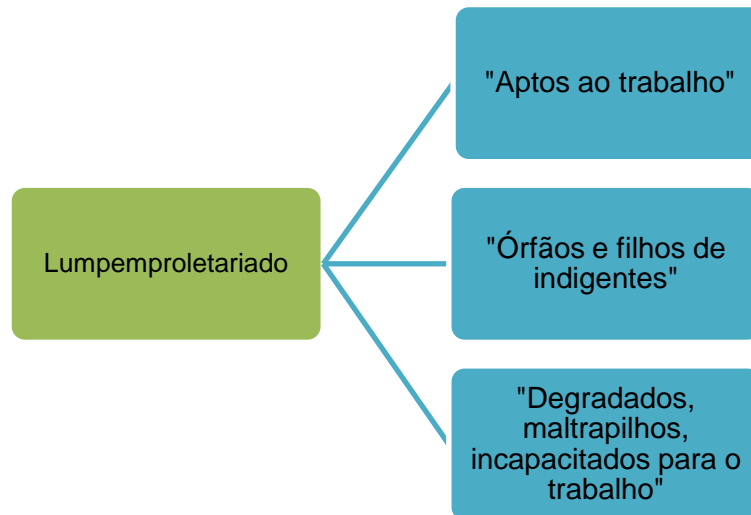
Elaboração própria. Fonte: Marx (2013).

Conforme demonstramos através da figura 2 acima, Marx (2013) divide a superpopulação relativa em três grandes grupos: flutuante, latente e estagnada. Na primeira os trabalhadores vivem momentos onde trabalham, depois deixam de trabalhar e mais tarde voltam a conseguir inserção no mercado de trabalho. No segundo, estão os migrantes do campo para as cidades, enquanto no terceiro grupo estão aquelas pessoas que apesar de inseridas no exército ativo de trabalhadores, seus trabalhos são irregulares.

Além destas três formas de superpopulação relativa, Marx (2013) indica a existência de outro grupo, o lumpemproletariado, que está localizado no pauperismo e para ele é o "sedimento mais baixo da superpopulação relativa" (MARX, 2013, p.719). "Abstraindo dos vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, do

lumpemproletariado propriamente dito, essa camada social é formada por três categorias" (MARX, 2013, p.719). A figura adiante apresenta essas categorias.

Figura 3- Lumpemproletariado



Elaboração própria. Fonte: Marx (2013, p.719).

O lumpemproletariado estaria abaixo das formas da superpopulação relativa apresentada pela figura 2 de nosso trabalho. Segundo Marx (2013) é o "sedimento mais baixo", composto por capazes ao trabalho, órfãos, e incapacitados para o trabalho, como evidenciamos na figura 3 acima.

Essa discussão, acerca da superpopulação relativa, apresentada em três formas básicas e uma que seria mais baixa, é importante para pensarmos a população em situação de rua, é determinante para entendermos esse grupo populacional como um dos frutos necessários ao desenvolvimento capitalista.

Com relação à discussão teórica sobre as formas da superpopulação relativa, no contexto do tema população em situação de rua, para Bursztyn (2000) eles compõem o lumpemproletariado, "que sobrevivem de esmolas, da caridade pública ou de pequenos furtos, mas podem também desempenhar atividades econômicas úteis" (BURSZTYN, 2000, p.43).

Para Silva (2009, p.25)

Ressalta-se, porém, que, no âmbito da superpopulação relativa, a população em situação de rua abriga-se, sobretudo no pauperismo (lumpemproletariado) ou no máximo, na população estagnada que se encontra ocupada, principalmente em ocupações precárias e irregulares.

Dessa forma, assim como Bursztyn (2000), para a autora acima a população em situação de rua comporia em maior medida o lumpemproletariado. Para Stoffels (1977, p.48), "Os mendigos estão incluídos num resíduo nitidamente distinto das outras categorias, dentro da faixa relativamente periférica que é o lumpemproletariado".

Percebemos através desses autores, que normalmente o fenômeno é visto como componente do lumpemproletariado, todavia, se poucos são os consensos com relação ao tema população em situação de rua, e a heterogeneidade é marca desse grupo populacional, como podemos indicar somente em uma forma da superpopulação relativa ou em seu sedimento mais baixo? Giorgetti (2006) discorda da inclusão automática desse grupo populacional ao lumpemproletariado, como vemos a seguir:

Os moradores de rua (denominados pelos acadêmicos de mendigo) eram incluídos automaticamente na categoria de lumpen, que encobria a diversidade dessa população. Essa nomenclatura foi considerada durante anos apropriada, pois continha o potencial de revelar por si o grau de miséria em que se encontravam as pessoas às quais ela se aplicava, dispensando informações adicionais que permitissem uma melhor caracterização dessa população (GIORGETTI, 2006, p. 42).

A multiplicidade de fatores presentes no fenômeno é diversa e as expressões da questão social presentes multifacetadas no fenômeno. Dessa forma, percebemos como inadequado dizer que a população em situação de rua encontra-se somente em uma das formas presentes nas figuras 2 e 3: lumpemproletariado, flutuante, latente ou ainda estagnada.

A seguir apresentaremos fragmentos de relatos da pesquisa realizada por Rosa (2005) que entrevistou 14 pessoas que integravam a população em situação de rua de São Paulo, mostrando a diversidade de situações possíveis, indicando diversas formas da superpopulação relativa.

Ele tinha o curso de Contabilidade, que conseguiu fazer enquanto trabalhava como servente de pedreiro em Maceió. Em 1979 decidiu ir para o Rio de Janeiro [...]. Não conseguindo emprego na sua área de formação, foi ajudante de cozinha por seis meses. Veio então para São Paulo onde trabalhou como escriturário do Inamps [...]. Ao perder o emprego em 1982, passou a desempenhar várias funções ligadas à construção civil como servente de pedreiro e outras como repositor em supermercado, ajudante de cozinha e de caminhão. Por duas vezes saiu de São Paulo a trabalho: em 1988 e 1989, quando voltou a Maceió como enfermeiro domiciliar acompanhando um senhor com mal de Parkinson; e por volta de 1995/1996, foi para uma fazenda em Vinhedo onde ficou dois anos como trabalhador

rural: roçava e cuidava da horta. Nunca conseguiu trabalho na área de Contabilidade (ROSA, 2005, p.90).

Nesse relato notamos que se trata de uma pessoa que compõe a forma flutuante, visto que diversos são os trabalhos desenvolvidos por ele, ora conseguia trabalhar, ora precisava procurar outro trabalho. Ele alternou diversos momentos de trabalho com outros onde não trabalha e precisa buscar um novo trabalho. A nosso ver, este é um exemplo de uma pessoa antes da situação de rua que passou pela forma flutuante.

Alguns relatos de pessoas em situação de rua que vivem essa forma trazem a flutuação de ser atraído e repelido ao trabalho formal, alternando a moradia nas ruas, com a saída dela. Quando é repelido vai para a situação de rua e quando atraído consegue um local e sai das ruas. Lembramos que não é algo simples, a situação de rua é síntese de diversas determinações e não somente uma. Associada à perda do trabalho há diversos outros fatores, tais como o desentendimento com familiares, a perda de laços afetivos importantes por causa da morte de um parente ou cônjuge, a utilização de álcool e outras drogas, a migração, o sofrimento psíquico, dentre outros.

Ao mesmo tempo, outro relato indica que "Desde os sete anos de idade, Ferreira acompanhava o padrasto em trabalhos geralmente instáveis e irregulares, na construção civil, em reformas e consertos domiciliares, os conhecidos bicos" (ROSA, 2005, p.101)¹⁰. Esse relato assinala a forma estagnada da superpopulação relativa, visto que Ferreira viveu trabalhando de forma instável e irregular. Chamamos atenção a esta forma, visto que a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua revelou que

a maior parte dos trabalhos realizados situa-se na chamada economia informal: apenas 1,9% dos entrevistados afirmaram estar trabalhando atualmente com carteira assinada. Essa não é uma situação ocasional. 47,7% dos entrevistados nunca trabalharam com carteira assinada (BRASIL, 2008, p.10)¹¹.

Isso indica que uma grande parcela da população em situação de rua compõe a forma estagnada, pois trabalha em atividades irregulares.

¹⁰ Rosa (2005) pesquisou pessoas em situação de rua, porém, ao trazer seus relatos, apresenta a trajetória pessoal de cada um, o que inclui suas atividades antes de ir morar nas ruas.

¹¹ Salientamos que apesar de percebermos o trabalho informal para além dos que não possuem carteira assinada, a pesquisa nacional trouxe esse conceito reduzido à assinatura da carteira de trabalho.

Outro relato revela que "Começou trabalhando aos seis anos na roça dos pais, no plantio de mamona, milho, feijão, tendo deixado essa atividade aos doze anos" (ROSA, 2005, p.87). Trata-se de um migrante rural, o que nos remete ao grupo da superpopulação relativa latente. Assim como muitos outros relatos de pessoas que foram para as ruas ao migrar do campo para as cidades em busca de trabalho, apontando claramente para a forma latente. E, de certa forma, associa-se também à forma flutuante, visto que normalmente a migração está associada a um momento de repulsão do trabalho.

Assim, a população em situação de rua compõe a nosso ver a superpopulação relativa, em todas as suas formas. Ora flutuante, latente, estagnada e ora lumpemproletariado, tudo depende do contexto de cada trajetória de vida.

Entendido o cerne do fenômeno, e o porquê de sua existência, avançamos no estudo sobre a população em situação de rua, trazendo um breve histórico sobre o fenômeno população em situação de rua.

2.2 Histórico do fenômeno população em situação de rua

A população de rua expõe as contradições básicas do modo de produção capitalista de produção: a falácia de que todos possuem iguais oportunidades e a evidência de que, embora a produção seja social, a apropriação dos ganhos é sempre individual, sendo as pessoas em situação de rua testemunhas vivas de que a exploração e a desigualdade estão no cerne deste modo de produção (PEREIRA, 2007, p.200).

A existência de pessoas em situação de rua ocupando as ruas das cidades não é nova. "A cidade pré-industrial se caracterizava em parte pela 'onipresença de mendigos'" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.29). A estratégia de sobrevivência utilizada por essas pessoas era a mendicância que às vezes se associava aos furtos e à prostituição.

A estigmatização era reduzida pela hospitalidade motivada na época pela tradição e havia uma idealização da pobreza, eles tinham os mendigos como santos. A aspiração franciscana teve influência para tal idealização (SNOW; ANDERSON, 1998).

Isso começou a mudar a partir do século XIV. Quando os valores religiosos, ao invés de motivar a ajuda aos pobres e tê-los como santos, passou a ver a pobreza com maus olhos. E, com a morte de uma parcela considerável da população pela peste

negra, por volta de 1348, foi aprovada a "primeira lei de vadiagem bem desenvolvida [...] em 1349" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.30).

Dois fatores primordiais para o crescimento no número de pessoas em situação de rua foram a industrialização e os cercamentos das terras comunais. Além disso, o preço dos aluguéis e dos alimentos subia enquanto o salário reduzia.

Lembramos que "a história do fenômeno população em situação de rua remonta o surgimento das sociedades pré-industriais da Europa, no contexto da chamada acumulação primitiva, em que os camponeses foram desapropriados e expulsos de suas terras" (SILVA, 2009, p.25).

Para entendermos melhor esse aspecto, vamos lembrar a respeito do feudalismo, modo de produção que antecedeu o capitalismo. A Europa foi dividida em grandes áreas de terra, os feudos, cujos donos eram os senhores feudais (KOSHIBA, 2004).

Parte do feudo era destinada a produção para o senhor feudal. Alguns dias na semana os servos trabalhavam nessas terras, plantando, colhendo, cuidando dos animais. Os demais dias eles podiam trabalhar para si mesmos, em terras comunais que eles podiam usar para subsistência, criando animais, plantando e colhendo.

A produção dos feudos era para subsistência, não existia grande excedente, aos moldes capitalistas. Porém, com a mudança nas técnicas de produção e com o avanço tecnológico, a produção cresceu. Com o crescimento do excedente, as feiras faziam-se necessárias com uma frequência cada vez maior e as cidades, antes esquecidas, voltaram a ter importância (KOSHIBA, 2004).

Um fator preponderante para a derrocada do modo de produção feudal e ampliação da população em situação de rua foi o cercamento das terras comunais. Aquela área utilizada para subsistência dos servos foi cercada para criação de carneiros, visto que a lã traria um grande retorno financeiro. Marx (2013) sobre esse processo diz que o carneiro teve mais importância que as pessoas. Os camponeses que viviam daquela terra foram expulsos de seu local de sobrevivência para dar espaço aos carneiros.

Sem outra opção, destituídos de sua casa, seu trabalho e sua antiga vida, muitos foram obrigados a trocar sua força de trabalho nas indústrias nascentes. Alguns

conseguiram e se adaptaram às insalubres condições de trabalho. Outros não conseguiram inserção, a indústria não gerava vagas na mesma proporção que o cercamento expulsava força de trabalho. Além disso, o preço dos alimentos e dos aluguéis estava inflacionado, o que dificultava a vida dos trabalhadores (PEREIRA, 2007).

Alguns foram para as ruas, eram divididos entre aptos e inaptos ao trabalho, os aptos ao trabalho que mendigavam e vagavam pelas ruas eram considerados vagabundos, a eles cabia disciplina, pois não mereciam a caridade. Os incapazes ao trabalho recebiam uma licença para mendigar, a eles cabia uma escassa assistência. Abaixo citamos algumas das formas de punição aos não merecedores.

Açoitamento e encarceramento para vagabundos válidos. Eles devem ser amarrados atrás de um carro e açoitados até que o sangue corra de seu corpo, em seguida devem prestar juramento de retornarem a sua terra natal ou ao lugar onde moraram nos últimos três anos e serem postos a trabalhar (...) Aquele que for apanhado pela segunda vez por vagabundagem deverá ser novamente açoitado e ter a metade da orelha cortada; na terceira reincidência, porém, o atingido, como criminoso grave e inimigo da comunidade, deverá ser executado (MARX apud PEREIRA, 2008, p.40).

As chamadas leis sanguinárias, que puniam severamente os chamados "vagabundos", impediam a mendicância e mobilidade de trabalhadores em busca de melhores condições de vida, além disso, os trabalhadores eram obrigados a aceitar qualquer salário. Foi uma forma de forçar os trabalhadores, que se tornavam uma força de trabalho escassa, a ganhar pouco. Além disso, o povo era proibido de ajudar aos mendigos que tinham condições físicas de trabalho (PEREIRA, 2009).

Os "mendigos" que migravam passavam por punições severas. Eram açoitados, marcados com ferro em brasa, deportados para as colônias e presos. A brutalidade com que eram tratados pode ser observada na citação abaixo. A discriminação com relação a esse grupo populacional era grande. A literatura os descrevia como vagabundos, criminosos, ladrões e fraudulentos.

Caças humanas militares eram organizadas periodicamente para recolher os moradores de rua e, uma vez presos, eram com frequência sumariamente submetidos ao tronco, ao açoite e às vezes à forca. O ferrete era comum, assim como a perfuração da orelha, introduzida numa lei de 1572 que exigia que todos os vagabundos fossem "chicoteados e queimados através da cartilagem da orelha direita com um ferro quente de uma polegada de diâmetro". A prisão de vagabundos era comum e eles eram frequentemente confinados na casa de correção (SNOW; ANDERSON, 1998, p.32).

Dessa forma, "as condições histórico-estruturais que originaram e reproduzem continuamente o fenômeno população em situação de rua na sociedade capitalista são as mesmas que deram origem ao capital e asseguraram a sua acumulação" (SILVA, 2009, p.25).

2.3 Quem é a população em situação de rua?

Um fator comum expresso por Pereira (2007); Prates, Prates e Machado (2011); Escorel (1999); Silva (2009); Vieira, Bezerra e Rosa (2004) e Rosa (2005) é a predominância masculina na situação de rua. Apesar disso, o número de mulheres neste processo de rualização está subindo (PRATES; PRATES; MACHADO, 2011).

Os dados do IBGE (2006; 2014) revelam que o número de mulheres no Brasil é maior que o de homens, sendo que na região Sudeste a diferença é ainda maior. Além disso, os homens jovens e adultos morrem mais, enquanto vítimas de acidentes de trânsito e da violência. Seguindo essas informações, chama atenção o fato da população em situação de rua ser basicamente masculina, visto que não acompanha a maioria de brasileiros, formada por mulheres.

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) explicam o fato pela ideia do homem provedor. Os homens saem de casa mais cedo em busca de sustentar a si mesmo. Ao formar família, deseja sustentá-la; quando não conseguem, procuram meios para isso em outros estados, almejando inserção em algum trabalho e, na ocasião em que seus planos não se concretizam, eles preferem as ruas a voltar para casa em condição pior do que saíram como revela a citação a seguir:

Às vezes eu penso em voltar, sabe? Mas voltar da forma que eu tô não posso [...] eu tenho a maior vergonha de voltar para minha casa, da forma que eu tô, destruído, tinha que estar bem melhor, sabe? Ó só, vou falar uma coisa [...] sem dente, sem roupa, sem nada, sei lá, destruído totalmente, não volto não (SCOREL, 2006, p.133).

Segundo Prates (2016) a questão do homem provedor não é o único que explica a maioria masculina. A mulher executa tarefas domésticas, cuida de irmãos menores e se expõe mais na rua, sofre violência sexual, além disso, há a questão cultural de uma sociedade machista que aceita mais a presença do homem na rua do que da mulher.

A única pesquisa nacional do Governo Federal para mensurar a quantidade e perfil de pessoas em situação de rua foi realizada em 71 cidades brasileiras¹², em 2007. 10,4% do total encontrado foram escolhidos pela "técnica de amostragem probabilística sistemática" (BRASIL, 2008, p.5) para responder a questionários.

Os dados da pesquisa demonstram que existiam 31.922 pessoas vivendo em situação de rua. Ela revelou que 82% são homens, 53% possuem idade entre 25 e 44 anos. Logo, compõem a população economicamente ativa, 52,6% possui renda semanal entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00 e 74% sabem ler e escrever.

O abalo emocional dos homens ao perderem algum familiar, também contribui para a situação de rua, especialmente a morte da mãe, da esposa ou a separação conjugal, o próximo relato expressa essa questão.

Com 17 anos eu me casei até os 21, aí eu fiquei viúvo. Eu já era dependente químico nesta época, não com tanta intensidade, eu usava bebida alcoólica esporadicamente nos finais de semana, consumia maconha, mas quando aconteceu o fato da minha viuvez, eu caí num estado de total desespero, que foi quando eu conheci a cocaína, aí já comecei a usar cocaína injetável já no intuito de auto-destruição. E deste ponto em diante eu fiquei 3 anos, eu recordo que eu fiquei até os 24 anos neste relacionamento com drogas, aí eu perdi a moradia, retornei para a rua, conseqüentemente perdi o trabalho, aí já engloba também a auto-estima, o amor próprio, todo este lado que gera dependência química (MELO, 2011, p.44).

Frisamos que na situação de rua estão presentes múltiplos fatores, dificilmente um fator sozinho acarretará na ida para as ruas. No relato acima isso fica explícito, ao destacar a morte da esposa, a utilização de entorpecentes, a perda da moradia e do trabalho.

Dessa forma, a população em situação de rua é formada basicamente por homens que sofreram múltiplas perdas. Perderam os vínculos familiares, o trabalho regular, a moradia e vivem com rendimentos auferidos de trabalhos informais.

Voltando aos dados da pesquisa, dentre os motivos para a situação de rua estão: utilização de álcool e outras drogas (35,5%), desemprego (29,8%) e briga com membro da família (29,1%). De todos os entrevistados, 71,3% responderam um dos três motivos apontados acima. A maioria utiliza a rua para pernoite, somando 69,6%.

¹² São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre não fizeram parte da pesquisa, as três primeiras devido a existência prévia de pesquisas semelhantes nos anos anteriores. A última, pelo motivo de realizar uma pesquisa com os mesmos objetivos no período da Pesquisa Nacional.

Com relação a benefícios recebidos pelo poder público, 88,5% não acessam nenhum benefício (BRASIL, 2008).

Assim, atentamos para o cuidado em afirmar, com base nessa pesquisa, que as pessoas em situação de rua moram na rua por serem drogadas. Não podemos dizer isso, pois é difícil mensurar até mesmo se a utilização de entorpecentes foi uma "causa" para a situação de rua ou se ela foi a "consequência". Será que eles usavam álcool e outras drogas e isso os levou a morar na rua, ou foi o contrário, a moradia nas ruas que apresentou como preponderante para sua subsistência a utilização desses psicoativos? E, mesmo se a explicação das pessoas que integram o fenômeno aqui estudado fosse a utilização de álcool e outras drogas antes da situação de rua, ou no processo de "realização", reiteramos que o problema é estrutural e não resultado de ações individuais. Afinal, nesse modo de produção as expressões da questão social surgem como consequência da relação exploratória do capital sobre o trabalho.

Salientamos que Vieira, Bezerra e Rosa (2004) comparam a utilização do álcool a um analgésico, utilizado pelas pessoas em situação de rua para "suavizar o desconforto, a solidão e permite o estabelecimento de laços com os companheiros de rua" (VIEIRA; BEZERRA; ROSA 2004, p.102). Acreditamos que de fato isso é de grande influência na utilização de entorpecentes, e assim, não podemos reduzir o fenômeno à utilização de psicoativos.

há funcionalidade do uso do álcool para a pessoa em situação de rua, entre elas o favorecimento de encontros coletivos e o anestesiar do sofrimento que essa situação provoca, apesar do alheamento à realidade. Assim, ressalta-se a importância do álcool como elemento socializador nos grupos de rua, possibilitando à pessoa "integrar" uma rede tênue e efêmera de vínculos afetivos que se encontram fragmentados: "nesse processo (socialização na rua) o álcool é um elemento fundamental" (BOTTI et al, 2010).

O desemprego, assim como a briga com membro da família, também não pode ser isolado, como se sozinhos provocassem a situação de rua, reafirmamos que o âmago do problema é o modo de produção capitalista. Afinal, os valores do consumo, da intolerância a diversidade, da mercantilização de tudo atravessa o conjunto das relações de poder, dominação, subjugação e exploração (PRATES, 2016).

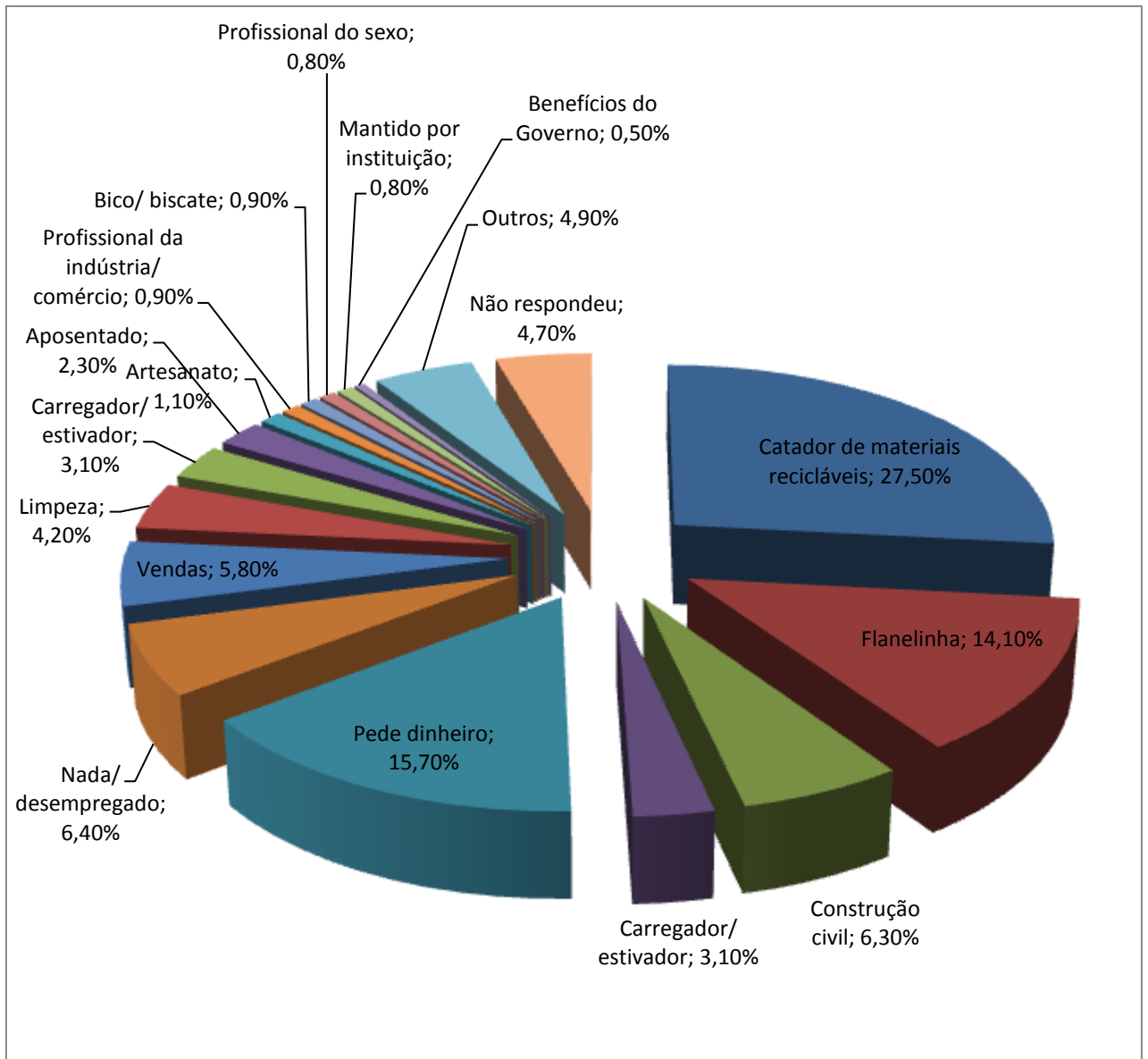
Como trajetória comum, pesquisadores, tais como Escorel (1999) e Rosa (2005), apontam a saída de casa, a migração de homens provedores com o intuito de lograr melhores condições de vida para si e para sua família. Sem conseguir inserção, dormem nas ruas por não ter outra opção, ainda procuram trabalhos, mas, quando não conseguem, esses continuam nas ruas, ao invés de voltar para casa, especialmente devido à vergonha de ter "fracassado".

Nesse ponto há convergência com a pesquisa nacional, que indica uma quantia considerável de pessoas: 45,8% estão em situação de rua no mesmo local em que residiam antes dessa situação (BRASIL, 2008). "O movimento de volta à terra natal ou à família também está presente nos depoimentos. Significa, em primeiro lugar, voltar numa situação financeira melhor, voltar com alguma coisa, ter conseguido algo" (ROSA, 2005, p.146).

É difícil falar do fenômeno população em situação de rua sem falar de trabalho, ele é central na vida dessas pessoas, tanto de sua falta ou precarização, quanto sua referência para as pessoas que estão em situação de rua e se enxergam como de fato são, trabalhadores. O trabalho é um fator preponderante entre várias pesquisas realizadas sobre o tema.

A pesquisa nacional sobre a população em situação de rua revelou que somente 15,7% das pessoas em situação de rua brasileira mendiga ou pede como principal estratégia de sobrevivência, enquanto para 70,9% o trabalho é primordialmente utilizado. As atividades destacadas pela pesquisa estão presentes na figura a seguir.

Gráfico 1- Trabalhos realizados



Elaboração própria. Fontes: BRASIL (2008); QUIROGA (2010).

Esses dados fortalecem a relevância em estudar a relação entre o trabalho informal¹³ e a população em situação de rua brasileira.

Aliás, é interessante notar que mais de duas décadas antes da realização desta pesquisa, uma pesquisadora já atentava para a utilização do trabalho enquanto

¹³ Concordamos com Soares (2008) ao entender como trabalho informal "não só as atividades de sobrevivência, como também os trabalhadores autônomos, os empregados informais, os trabalhadores terceirizados, os cooperados, aqueles que trabalham por conta própria, dentre outros. [...] O trabalho informal vai se concretizar com a existência de relações de trabalho em que de imediato ou nas mediações seja possível identificar o controle do capital sobre o trabalho e/ou compra e venda da força de trabalho nas relações entre capital e trabalho" (SOARES, 2008, p.140).

estratégia de sobrevivência. Ainda que utilize o termo mendigo para designar o grupo populacional aqui estudado, avança ao entender que a utilização da mendicância e pedido não representava a primeira opção das pessoas que utilizavam as ruas como moradia. "A maioria desses miseráveis recorre à esmola em casos extremos, quando não tem mais onde recorrer. Enquanto podem, refugiam-se no trabalho" (DI FLORA, 1987, p.16).

Di Flora (1987) demonstrou que a mendicância e o pedido não ocorriam por desejo ou escolha dessas pessoas. Além disso, a autora demonstra a vergonha presente em ter que pedir esmola para sobreviver. Muitos se embriagavam para conseguir pedir ou mendigar, as citações abaixo demonstram isso nos relatos de três homens, suas idades respectivamente são 49, 44 e 31 anos:

"tenho vergonha de pedir, às vezes eu bebo, você também beberia porque senão não dá coragem" (DI FLORA, 1987, p.120).

"Eu acho que é feio pedi. Só peço quando necessito. O ser normal não gosta de pedir, eu não me adapto a essa situação de pedir, o certo é trabalhar" (DI FLORA, 1987, p.120).

"Não me sinto bem pedindo. O trabalho é necessário. O homem trabalhando é mais feliz, mais realizado" (DI FLORA, 1987, p.121).

Percebemos quão forte é a relação do tema com o trabalho. Indicamos a população em situação de rua enquanto trabalhadores que compõem a alavanca de acumulação do processo produtivo capitalista. Abaixo trazemos uma música para ilustrar esse ponto.

Música: Eu tô morando na rua
Compositor: Osvaldo Manoel Vicente

Ô minha gente escuta o que eu vou falar
Eu tô morando na rua e desse jeito não dá
Vou pedir pro Presidente para ele nos ajudar
Conseguindo um bom emprego pra casa eu quero voltar.
Eu deixei minha família em minha terra natal. Fui em busca de emprego,
olha eu me dei mal.
Chegando aqui em São Paulo na rua e o meu leito é um jornal.
Essa falta de emprego juro que não é normal Eu tô morando na rua
parecendo um animal.
Minha cama é o cimento, meu colchão é um jornal.

Refrão: Sem dinheiro e sem emprego e sem casa pra morar
Eu tô morando na rua, mas não vou continuar.
Quando eu arrumar um emprego pra casa eu quero voltar (COSTA, 2004).

A música acima relata o que apontamos na discussão teórica feita neste capítulo, conta a história de um homem em idade economicamente ativa que deixou seu local de origem em busca de trabalho, sem conseguir foi para as ruas e ainda têm esperança em conseguir um trabalho, que vê como porta de saída da situação de rua.

2.4 Especificidades da situação de rua

A heterogeneidade presente no fenômeno população em situação de rua está permeada por múltiplas determinações. Diversas são as causas associadas à ida para as ruas. Os fatores mais enfatizados pela literatura são o desentendimento com alguns membros da família, chamada de quebra dos vínculos familiares e o desemprego (SILVA, 2009). "A história revela que as causas estruturais desse fenômeno vinculam-se à estrutura da sociedade capitalista" (SILVA, 2009, p.105).

Como discutimos ao tratar sobre a superpopulação relativa, pessoas incluídas de forma subalterna são o fruto necessário da acumulação capitalista, e à medida que aumenta a produção de riquezas, aumenta o número da superpopulação relativa (MARX, 2013).

Silva (2009) destaca três condições básicas do fenômeno população em situação de rua: 1) Pobreza extrema, 2) desentendimentos familiares, chamados por Silva (2009) de quebra de vínculos familiares e 3) ausência de moradia com utilização da rua como habitação são os pilares preponderantes da situação de rua (SILVA, 2009).

Entendemos a pobreza na sociedade capitalista como consequência da desigualdade na distribuição da riqueza produzida, visto que a reprodução é social e a apropriação privada, baseada na exploração do capital sobre o trabalho (SILVA, 2009; MARX, 2013; NETTO, 2001).

Logo, a pobreza para nós é uma expressão da questão social, compõe um dos produtos necessários à acumulação capitalista, que associa acumulação de riqueza à acumulação de miséria.

Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, desemprego, os empregados de modo precário e intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a

revolta, a tensão e o medo são sinais que muitas vezes anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade (YASBEK, 2012, p.290).

No que diz respeito aos desentendimentos familiares, "a quase totalidade das pessoas que se encontram nessa situação possui referência familiar, embora os vínculos afetivos e de solidariedade que as unem se encontrem fragilizadas ou completamente interrompidas" (SILVA, 2009, p.130).

A família é um "elemento fundamental de apoio material, solidariedade e de referências no cotidiano, permite uma primeira e basilar configuração da população de rua" (SCOREL, 2006, p.103). De fato, a família possui grande importância e nem sempre ela possui condições de proporcionar o apoio necessário aos seus membros.

A desintegração familiar por morte é uma "fonte" de população de rua desde a época medieval (...). André, catador da rua Sorocaba, em Botafogo, é o mais velho de doze irmãos, sendo que um deles morreu. Sua saída de casa foi devido a conflitos com o pai e os irmãos (SCOREL, 2006, p.107).

Silva (2009) destaca seis características fundamentais do fenômeno população em situação de rua. O primeiro traço característico do fenômeno população em situação de rua são suas "múltiplas determinações" (SILVA, 2009, p.105). O reconhecimento de que não é somente um, mas diversos os fatores envolvidos na situação de rua é consenso no debate (SILVA, 2009).

Os fatores que envolvem a situação de rua podem ser divididos em "estruturais", "biográficos" e "fatos da natureza" (SILVA, 2009, p.105).

Fala-se em fatores estruturais (ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social etc.), fatores biográficos, ligados à história de vida de cada indivíduo (rupturas dos vínculos familiares, doenças mentais, consumo frequente de álcool e outras drogas, infortúnios pessoais- morte de todos os componentes da família, roubos de todos os bens, fuga do país de origem etc.) e, ainda, em fatos da natureza ou desastres em massas - terremotos, inundações, etc. (SILVA, 2009, p.105).

O segundo ponto determinante é o fato de tratar-se de uma "expressão radical da questão social" (SILVA, 2009, p.106). Entendemos que a relação contraditória existente entre capital e trabalho, âmago do capitalismo, que se traduz em diversas expressões da questão social, continua com o desenvolvimento capitalista. Dessa forma, não surgiu uma "nova questão social", novas são suas expressões que

surgem quanto mais o processo de acumulação capitalista se desenvolver (NETTO, 2001).

O fenômeno população em situação de rua é uma expressão incontestada das desigualdades sociais resultantes das relações sociais capitalistas, que se processam a partir do eixo capital/trabalho. E, como tal, é expressão incontestada da questão social (SILVA, 2009, p.115).

A existência de um grupo de seres humanos que vivem nas ruas demonstra que o capitalismo chegou num nível de barbárie elevado. Visto que mesmo havendo possibilidade de todas as pessoas do mundo viverem confortavelmente, ainda existem muitas que não tem nem mesmo os meios básicos para reprodução de sua vida.

O terceiro ponto é a presença da população em situação de rua nas cidades, o que não é um fator novo, pois a existência das cidades está fortemente ligada ao fenômeno população em situação de rua. Essa centralidade nos grandes centros urbanos atualmente é explicada pelo maior número de oportunidades de trabalhos que compõe a estratégia de sobrevivência das pessoas em situação de rua.

Nas cidades são encontrados materiais recicláveis que podem ser vendidos, tornando-se uma fonte de renda, os carros para serem lavados e vigiados, os caminhões para serem descarregados. A própria arquitetura da cidade permite o pernoite desse grupo populacional, com a existência de locais que podem ser utilizados por eles para pernoite. Além disso, nas cidades estão presentes os abrigos e albergues, que podem ser buscados pelas pessoas em situação de rua. Nas cidades, igrejas e ONGs promovem distribuição de comida, especialmente à noite (SILVA, 2009; VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

Outro ponto importante é "o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade às pessoas atingidas pelo fenômeno" (SILVA, 2009, p.119). Quando tratamos a respeito dos termos para designar a situação de rua, ficou notório tal preconceito. A noção prévia, motivada pela ideologia neoliberal dominante, é considerar as pessoas em situação de rua enquanto vagabundos e perigosos, um grupo preguiçoso, que não se esforçou, não estudou, não gosta de

trabalhar, não quer trabalhar, culpadas por sua situação¹⁴ (SILVA, 2009; SNOW; ANDERSON, 1998).

Todavia, quando estudamos a respeito do tema, percebemos que essas pré-noções não passam de preconceito. A população em situação de rua é formada por componentes da superpopulação relativa que não escolheram a situação em que se encontram, mas nela foram colocados como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que busca trabalho formal, todavia sua condição de componente da população em situação de rua associado a um baixo nível instrucional e em alguns casos à utilização de álcool e outras drogas, um problema de saúde pública, dificulta o seu êxito.

O quinto fator determinante são as particularidades regionais. Em período de inverno rigoroso no Sul e Sudeste do país há uma menor percepção do fenômeno porque as pessoas por ele atingidas utilizam estratégias para se proteger do frio, recolhendo-se em albergues ou outros espaços e, algumas vezes, deslocando-se, temporariamente, para outras cidades ou regiões (SILVA, 2009, p.121).

O último aspecto que caracteriza a situação de rua destacado por Silva (2009, p.122) "é a tendência à naturalização do fenômeno [...] que atribui aos indivíduos a responsabilidade pela situação em que se encontram, isentando a sociedade capitalista da produção e reprodução do fenômeno e o Estado da responsabilidade de enfrentá-lo".

Finalmente, reiteramos que as pesquisas sobre a população em situação de rua indicam, de forma geral, o seguinte perfil: homens sós, que andam em grupos ou sozinhos, em idade economicamente ativa, que tiveram problemas na família, seja motivada pela utilização de álcool e outras drogas pelas pessoas que vão para as ruas ou por seus familiares, seja pela morte de algum parente, ou ainda a separação da esposa. Possuem baixo nível instrucional e o desemprego está frequentemente presente.

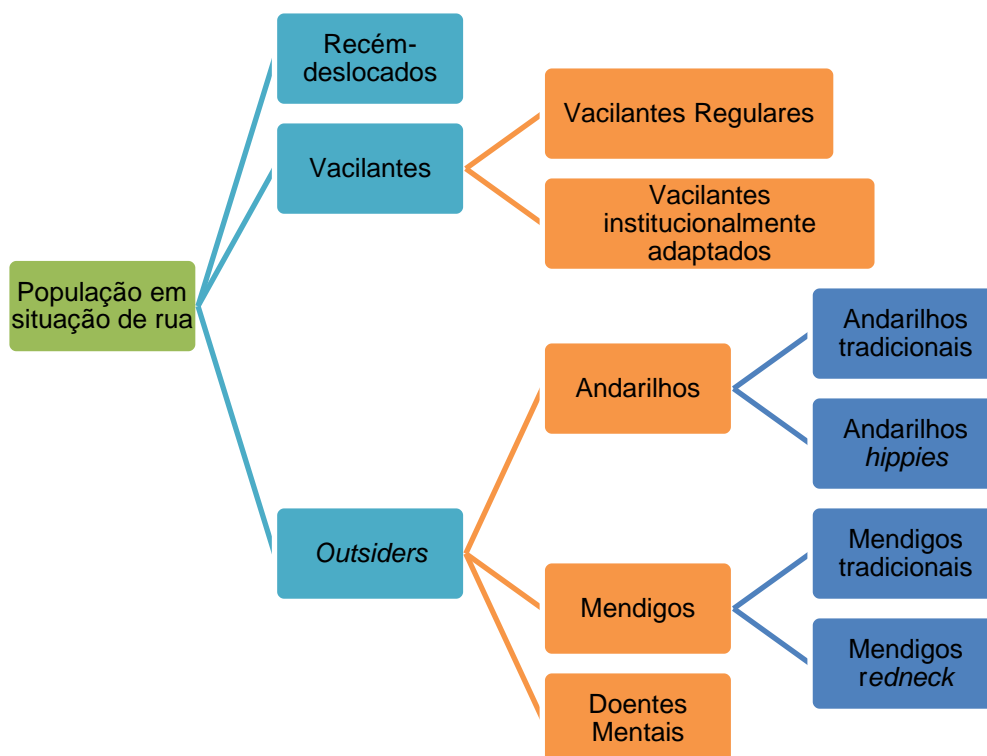
¹⁴ Salientamos que o preconceito para com as pessoas em situação de rua não é algo novo e existe desde muitos anos antes do surgimento do neoliberalismo. Com tratamentos desumanos que chegavam até aos assassinatos em praça pública. Ainda que a caridade fosse motivada, prestada aos considerados pobres merecedores.

2.5 Fases da situação de rua

O tempo de rua é relevante, visto que quanto mais cresce o tempo vivendo nas ruas, mais difícil fica voltar para a vida anterior, voltar a ter contato com a família, conseguir um trabalho regular. O tempo de rua serve também para diferenciar as fases da situação de rua.

Snow e Anderson (1998) dividem as pessoas em situação de rua em grupos e subgrupos com características próprias. A seguir traremos uma figura que elaboramos para observarmos melhor o que ele chama de "tipologia" com os grupos e subgrupos, em seguida faremos algumas considerações, apresentando as principais características e diferenças entre elas.

Figura 4- Tipologia da população em situação de rua



Elaboração própria. Fonte: Snow e Anderson (1998).

A figura acima demonstra três fases gerais da situação de rua e suas subdivisões. O determinante nelas é o tempo de rua. Quanto mais tempo nas ruas mais há proximidade com a tipologia de "outsiders". Reiteramos que a pesquisa desses autores, ainda que tenha diversos traços comuns com a realidade brasileira, demonstra a realidade de outro país numa década diferente da que vivemos. Dessa

forma, lembramos da importância do fenômeno do crack na realidade brasileira, que amplia o leque da dependência química.

Os recém-deslocados estão há pouco tempo nas ruas, têm medo dessa nova realidade na qual eles se encontram, desejam voltar para a vida anterior à situação de rua, planejam sair das ruas, conversam sobre isso, e suas ações baseiam-se em tentativas para atingir seu objetivo. Procuram trabalhos que Snow e Anderson (1998) chamam de convencionais, e também trabalhos de um dia. "Repudiam a identidade social de pessoa de rua e rapidamente enfatizam para os outros que não são como a maioria dos moradores de rua" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.88). Dessa forma, eles reproduzem o preconceito ao não se considerarem semelhantes a pessoas em situação de rua.

Os vacilantes perdem o medo das ruas, a vida e sobrevivência nas ruas passam a ser algo familiar. Conhecem novas pessoas nas ruas e possui maior facilidade em conseguir comida, abrigo e companhia. Desejam sair das ruas, mas suas ações para concretizar tal desejo não são tão contínuas quanto à dos recém-deslocados. (SNOW; ANDERSON, 1998).

Os vacilantes regulares estão no meio do caminho, podem conseguir sair das ruas a qualquer momento, como podem continuar nela e tornar-se um "outsider". Os vacilantes institucionalmente adaptados estão também numa fase de transição e possuem ligação com as ruas, mas conseguem em certa medida se afastar. Trabalham nos locais que oferecem serviços para as pessoas em situação de rua em troca de moradia, alimentação e uma pequena remuneração (SNOW; ANDERSON, 1998).

Quando as pessoas chegam ao momento em que são chamados de "outsiders" já se acostumaram com a vida nas ruas, seu objetivo maior é sobreviver nas ruas e não sair dela. "São indivíduos para quem a vida de rua se tornou um dado que não se questiona [...] Raramente falam sobre sair das ruas. São pessoas para quem o passado e o futuro se aniquilaram no presente" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.102). O grupo de "outsiders" foi subdividido pelos autores entre andarilhos, mendigos e doentes mentais.

Os andarilhos deslocam-se com frequência e a utilização do álcool é uma de suas marcas, são subdivididos entre tradicionais e hippies. Um dos fatores presentes nos andarilhos é a expulsão, a sociedade inicialmente aceita sua presença, depois os expulsa. Os andarilhos tradicionais são identificados através do consumo de álcool e do trabalho. Suas migrações são motivadas pela busca de trabalho. Os andarilhos hippies usam outras drogas em maior medida do que o álcool e andam com outros hippies, utilizando locais próximos a faculdades para venda de entorpecentes (SNOW; ANDERSON, 1998).

Os mendigos, ao contrário dos andarilhos, possuem uma pequena mobilidade, ficam nos mesmos locais por muito tempo e a dependência do álcool é crônica. Dois grupos fazem presença, os tradicionais e os *redneck*. Os mendigos tradicionais não costumam trabalhar. O motivo para isso, de acordo com os autores, é a indiferença ou debilidade física em que se encontram devido aos anos de bebida nas ruas. Sua estratégia de sobrevivência é a mendicância, catação de lixo e doações de instituições de caridade. Os mendigos *redneck* brigam com frequência, andam em grupos e para sobreviver, além da mendicância, vendem plasma e comercializam objetos (SNOW; ANDERSON, 1998). Reiteramos que a venda de plasma não é uma realidade brasileira.

Para os doentes mentais os autores utilizaram três critérios: "internação anterior, designação como doente mental para outros indivíduos moradores de rua; e conduta tão bizarra e situacionalmente inadequada que ela seria [...] interpretada como [...] doença mental" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.115). Sobrevivem encontrando comida no lixo, mendigando e recebendo benefícios de renda do governo. Salientamos, que no Brasil o número de pessoas que acessa benefícios do governo é pífio, 88,5% não acessa nenhum tipo de benefício.

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) apresentam três momentos da situação de rua, que consideramos como fases e destacamos a associação ao trabalho de cada uma delas:

a) Ficar na rua

Há medo em ficar nas ruas e todas as forças são usadas na tentativa de encontrar um trabalho e conseguir sair das ruas, eles não se consideram pessoas em situação de rua e tampouco se associam aos que moram nas ruas.

Normalmente as atividades desenvolvidas por quem se encontra neste momento da situação de rua são: "Construção civil, empresas de conservação e vigilância" (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p.95).

b) Estar na rua

Ainda existe o medo das ruas, todavia as pessoas já se associam aos que vivem nas ruas, começam a conhecer os locais de distribuição de comida. Ainda buscam trabalho mesmo que sua busca não seja tão veemente quanto na primeira fase.

É comum neste momento o desenvolvimento das seguintes atividades: "Bicos na construção civil, ajudante geral, encartador de jornal, catador de papel" (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p.95).

c) Ser da rua.

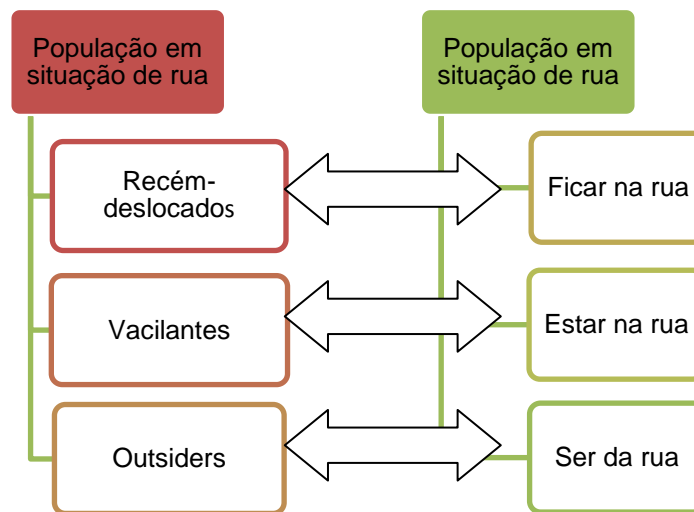
Muito tempo passou, as pessoas passam a se identificar como população em situação de rua, conhecem estratégias de sobrevivência nas ruas e não possuem mais medo em se associar aos grupos que utilizam as ruas como moradia. Quanto maior o tempo de rua menor é a possibilidade de saída das ruas.

Os que possuem essas características costumam realizar as seguintes atividades: "Bicos, especialmente de catador de papel, guardador de carros, encartador de jornal" (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p.95).

Um dos diferenciais dessas fases é a alternância, os que se encontram nas duas primeiras fases ainda alternam as ruas com albergues, abrigos e pensões. Porém a última fase é caracterizada pelas autoras de "permanente". Destacamos que essa permanência não significa que ninguém que chega a esse momento consegue sair dele e sim demonstra a dificuldade que é exponenciada quanto maior é o tempo de rua. Afinal, o tempo de rua é fundamental, visto que quanto mais tempo as pessoas ficarem nas ruas, gradativamente mudam seus hábitos, sua aparência e a situação de rua torna-se cada vez mais uma parte de sua identidade (VIEIRA; ROSA; BEZERRA, 2004).

Observamos que as três tipologias básicas de Snow e Anderson (1998) - recém-deslocados, vacilantes e "outsiders" possuem grande semelhança com três diferentes situações com relação à vida nas ruas demonstradas por Vieira, Bezerra e Rosa (2004), que chamam de ficar na rua, estar na rua e ser da rua. Dessa forma, associaremos nesse trabalho os recém-deslocados aos que ficam nas ruas; os vacilantes aos que estão na rua e os "outsiders" aos que são da rua, como podemos observar na figura abaixo.

Figura 5- Tipologias e fases



Elaboração própria.

2.6 Violência

Sabemos que desde a Idade Média, a violência é uma forma de tratamento oferecido às pessoas em situação de rua, os chamados mendigos e vagabundos sofriam punições por estarem nas ruas mendigando. Açoitamentos, decepções de orelhas, marcas com ferro em brasa, encarceramento, escravidão, e assassinatos eram formas de tal punição, como destacamos no item sobre o histórico do fenômeno população em situação de rua (PEREIRA, 2007).

Apesar de muito tempo ter passado, ainda hoje a população em situação de rua sofre com a violência. Prova disso foram os

Brutais ataques contra a população de rua de São Paulo, cometidos entre os dias 10 e 22 de agosto de 2004, que resultaram em sete mortos e oito feridos, para ilustrar os perigos que corre a população de rua. De acordo com o jornal O Estado de Minas, na madrugada de 31 de agosto de 2007, um andarilho de 25 anos que dormia em uma rua de Belo Horizonte

acordou em desespero ao ver suas pernas pegando fogo. Ataques como este, são comuns em todas as cidades do país (PEREIRA, 2008, p.84).

A violência nas ruas é uma preocupação para o grupo populacional aqui estudado, visto que muitos são os riscos de morar nas ruas. Existem pessoas que espancam e ateam fogo enquanto os supostos mendigos dormem. E, quando é necessário chamar a polícia, ela demora mais a chegar do que se fosse uma chamada que não envolvesse a população em situação de rua.

Os irmãos Geraldo e Adolfo relataram o descaso do poder público. Revelaram que ainda que a ditadura militar tenha terminado há muitos anos, a tortura na rua continua através do que o poder público chama de limpeza, baseada em ações onde seus pertences são levados. Contam também que são retirados à força dos locais públicos e levados para outros municípios.

Geraldo é cozinheiro e Adolfo, horticultor. Já trabalharam com carteira assinada e já viajaram por muitas cidades do Brasil, também. É o desemprego que sempre os devolve às ruas. Nesses períodos, é com a catação que conseguem algum dinheiro" [...]. Apontam os luxuosos edifícios que circundam a praça e dizem: "São eles que chamam a Prefeitura, eles não gostam de moradores de rua, não. Quem tem tudo quer sempre mais e tiram até dos que nada têm (BARBOZA, 2013, p.2)¹⁵.

Outro exemplo de violência foi um movimento que ocorreu nos Estados Unidos, em Santa Cruz, no ano de 1984. Algumas pessoas em situação de rua dormiam sob pontes e eram chamados de iscas. E muitas pessoas estavam envolvidas contra essas chamadas iscas, vestiam literalmente a camisa para defender seu preconceito e saíam às ruas atacando a população em situação de rua (SNOW; ANDERSON, 1998).

No jornal "O Trecheiro", na edição de dezembro de 2009 encontramos a seguinte denúncia:

O caso mais grave aconteceu com Santos que foi para rua por conta do desemprego, depressão e por ter perdido a mãe e o pai. "Não consigo mais trabalhar"! Ele teve suas costelas quebradas, o braço ainda traz a marca da gravidade das pancadas e a fala que foi prejudicada por violência na cabeça. "Quando eles vieram tirar a gente da praça, os colegas saíram e eu fiquei. Disse para o policial: se o senhor me pegasse no flagra, em algum delito, matando, roubando ou traficando... Ele gritou: Cala sua boca! E veio para cima de mim, ele e mais quatro PMs. Hoje estou com a costela fraturada, um pé quebrado e com problemas na voz", relata Santos. Morar na rua para todos eles não é uma opção, mas a única saída: "A gente depende da calçada para morar", conclui Santos (COSTA, 2009, p.1).

¹⁵ Relato 50 do mapa de análise.

No Brasil, a violência contra esse heterogêneo grupo populacional também é forte. Como exemplo, lembramos uma notícia alarmante de 2012: em pouco mais de um ano, 195 pessoas em situação de rua foram assassinadas (COTIDIANO, 2012). Por outro lado na própria rua há solidariedade reproduzida pela divisão e compartilhamento do cobertor e do álcool (PRATES, 2016).

2.7 Trabalho

Snow e Anderson (1998) entendem o trabalho regular como um trabalho remunerado cujos locais de trabalho, tempo e remuneração são combinados previamente. "A falta de disponibilidade ou de acesso ao trabalho regular que torna o trabalho um dos dilemas centrais na vida dos moradores de rua" (SNOW; ANDERSON, 1998, p.185).

Será que o número de postos de trabalho é suficiente para todos os trabalhadores? Quando tratamos sobre a população em situação de rua, por exemplo, sabemos que o baixo nível instrucional¹⁶ é uma das características que forma o seu perfil. Snow e Anderson (1998) demonstraram em sua pesquisa que pouquíssimos são os trabalhos para os quais a população em situação de rua poderia se candidatar. Somente cerca de 5% dos trabalhos disponíveis poderiam ser disputados pelas pessoas que moram nas ruas. Para além disso, em tempos de desemprego estrutural e da baixa qualificação há uma necessidade de organização para o trabalho (PRATES, 2016).

O modo de produção capitalista foi o primeiro que conseguiu produzir o suficiente para todos. Por esse motivo ele é o mais bárbaro. Mesmo com a possibilidade material de superação da pobreza, ela continua. Pessoas extremamente pobres que moram nas ruas existem desde muito tempo, como já demonstramos ao falarmos sobre as leis sanguinárias e punições aos "mendigos".

A diferença e o que torna o capitalismo ainda mais cruel, é que os modos de produção anteriores, mesmo se quisessem, não teriam condições materiais de acabar com a pobreza ou com a existência dos chamados mendigos. A capacidade produtiva não oferecia o suficiente para todos. Hoje, diferentemente, existe o

¹⁶ A soma dos que nunca estudaram (15,1%) com os que não completaram o ensino fundamental (48,4%) totaliza 63,5% segundo a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de rua (2008).

suficiente, mas a distribuição desigual permite que muitos vivam na pobreza, alguns chegando até mesmo à situação de rua, sobrevivendo sem sequer se alimentar adequadamente, enquanto poucos possuem uma quantia imensurável de dinheiro e tenham muitos bens desnecessários (NETTO, 2013).

É evidente que a forma do trabalho desenvolvido por pessoas que não moram nas ruas, é diferente daquele desenvolvido pela população em situação de rua. O trabalho continua importante na vida dessas pessoas, mas toma um novo significado. O que desaparece não é o trabalho e sim o compromisso em ter a vida cronometrada (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

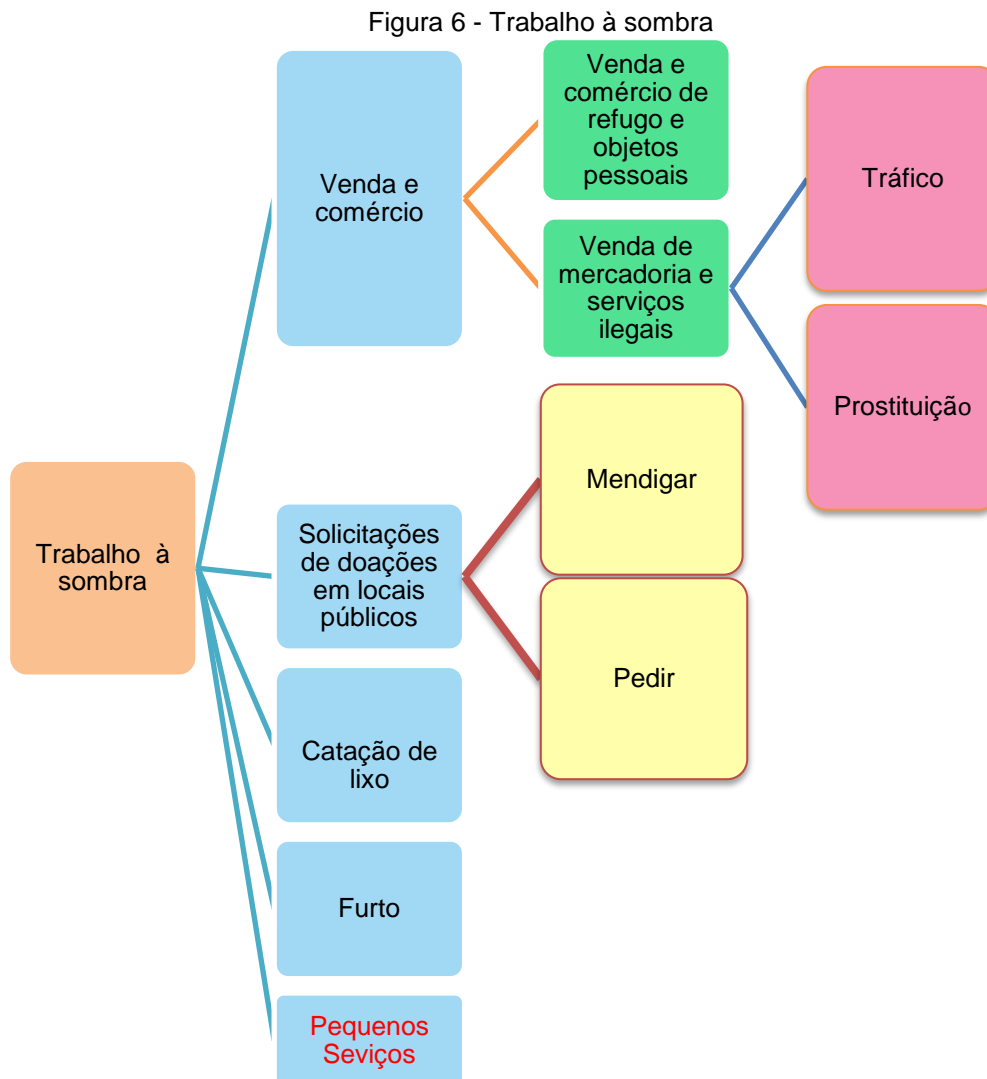
Muitos são os empecilhos ao trabalho regular. Além do baixo nível de escolaridade, como já citamos, existem outros, tais como: a dificuldade em tomar banho e vestir roupas adequadas à entrevista, quando precisam levar o colchonete que usam a noite e roupas extras, o empregador logo percebe que se trata de alguém que mora na rua e dificilmente o escolherá para a vaga, e, mesmo quando conseguem tomar banho, vestir uma roupa adequada e guardar seus pertences, eles precisam indicar um endereço e quando usam o endereço do abrigo em que estão são descartados para a vaga (SNOW; ANDERSON, 1998).

Quando a pessoa em situação de rua supera todos esses obstáculos e consegue um trabalho formal, ele acaba dependendo das instituições voltadas para a população em situação de rua para alimentar-se e dormir, precisando cumprir diversas regras e horários. Seguir essas regras relacionadas aos horários para entrada no albergue e das refeições representa faltas e atrasos nos trabalhos, o que motiva sua demissão. Esse é um padrão que Snow e Anderson (1998, p.200) chamam de "porta-giratória em que o trabalho regular torna-se temporário e cíclico".

Uma das formas de trabalho realizado pelo grupo populacional aqui estudado é o trabalho de um dia, aqueles em que não há continuidade, envolve o descarregamento de caminhões, trabalho em quintais, na construção civil, esse tipo de trabalho apesar de pagar menos que um trabalho regular, remunera no fim do dia de trabalho (SNOW; ANDERSON, 1998).

Snow e Anderson (1998) discutem sobre algumas das estratégias de sobrevivência utilizadas pelas pessoas em situação de rua, eles chamam de "trabalho à sombra".

Segue um esquema sobre as formas de "trabalho à sombra" indicadas pelos autores.



Elaboração Própria. Fonte: Snow e Anderson (1998).¹⁷

Snow e Anderson (1998) consideram as diversas formas acima esquematizadas como trabalho.

Não se trata de trabalho tal como concebido tradicionalmente, com certeza. Mas é trabalho, pois em cada caso a atenção e a energia se concentram na obtenção de dinheiro ou de outros bens materiais para uso pessoal ou troca. Diferentemente do trabalho remunerado, todavia, nessas atividades há de pouca a nenhuma troca regularizada de trabalho por dinheiro [...] Trata-se de estratégias compensatórias de subsistência que são criadas ou buscadas na sombra do trabalho mais convencional (SNOW; ANDERSON, 1998, p.238).

¹⁷ Composto Venda e comércio, Snow e Anderson (1998) destacam a venda de plasma, como essa estratégia de obter rendimentos não está adequada à realidade brasileira, não colocamos em nossa figura. Os autores não destacam os pequenos serviços, nós trazemos por entendermos que se trata de uma prática fundamental para a vida da população em situação de rua brasileira.

Dois aspectos nos chamam a atenção na pesquisa de Snow e Anderson (1998) no que diz respeito ao trabalho: o primeiro é o fato dele considerar a mendicância e o pedido de dinheiro como trabalho, visto que as pessoas despendem tempo e força nesta empreitada. O segundo ponto pode ser visto no último esquema, é a diferenciação feita entre mendicância e pedido de dinheiro. A mendicância envolveria as atividades onde as pessoas em situação de rua tomam uma posição de humildade, e seu corpo e jeito solicita dinheiro. O pedido de dinheiro difere-se, ao invés da humildade as pessoas que utilizam essa estratégia de sobrevivência pedem com mais veemência, importunam, andam junto com as pessoas a quem pedem de forma que provocam medo e reclamam quando não recebem a ajuda solicitada.

Catar lixo não envolve menos labuta e suor do que a maioria dos tipos de trabalho manual e pedir dinheiro exige efetivamente uma certa índole interacional e o emprego de aptidão para contatos interpessoais que são a parte integrante de muitos tipos de trabalhos com vendas (SNOW; ANDERSON, 1998, p.278).

Destacamos também que a ética do trabalho faz da mendicância e do pedido de dinheiro algo impróprio, se o trabalho dignifica o homem, ideário de nossa sociedade capitalista, a mendicância representa o oposto disso. Dessa forma, os recém-deslocados e vacilantes têm mais dificuldade em utilizar essa estratégia, eles preferem continuar buscando trabalhos para sobreviver. Lembramos que esses grupos não vivem há muito tempo nas ruas, e ainda não se identificam enquanto pessoas em situação de rua. Os recém-deslocados sequer costumam se associar aos que estão em situação de rua. Para esse grupo, estão presentes a vergonha e o embaraço. A mendicância e o pedido são mais usados pelos "outsiders", grupo há mais tempo na rua, com poucas expectativas de saída dessa situação¹⁸ (SNOW; ANDERSON, 1998).

No que diz respeito à utilização do álcool, trata-se de uma forma de fugir da realidade em que a população em situação de rua vive. Outra maneira de fuga é a criação de realidades alternativas. Muitas vezes a doença mental surge como consequência da situação de rua, como uma forma de ignorar a realidade (SNOW; ANDERSON, 1998).

¹⁸ Enfatizamos que estamos nos referindo a utilização dessas estratégias de sobrevivência entre a população em situação de rua. Lembramos que existem pessoas que praticam a mendicância sem morar na rua (PRATES, 2016).

Existem aquelas pessoas que antes da situação de rua utilizavam o álcool e também aquelas que viviam em sofrimento psíquico e isso contribuiu para sua vida nas ruas. Entretanto, como destacamos acima, essas duas vertentes podem ser consequências na vida desse grupo populacional (SNOW; ANDERSON, 1998). Silva (2005) ao tratar do assunto revela:

"Questões relativas à saúde, como o alcoolismo e dependência a outras drogas também aparecem como fatores determinantes para a situação de rua, tanto no que diz respeito ao sujeito já ter a dependência anterior à ida para a rua, como adquiri-la através da própria vida na rua" (SILVA, 2005, p.31).

Segundo Borysow e Furtado (2013) a vida em situação de rua pode levar ao agravamento de problemas mentais conforme vemos a seguir

Em Belo Horizonte, foi realizada pesquisa sobre sintomas de depressão na população em situação de rua (BOTTI et al., 2010). Seus resultados apontaram que 56,3% das pessoas pesquisadas apresentavam indícios de depressão. Dessa parcela, 24,5% indicaram grau moderado e 4,9% apresentavam sintomas graves. Em Juiz de Fora, identificou-se alta taxa de indícios de esquizofrenia entre moradores de rua, 9,6%, número proporcionalmente superior à população geral brasileira (HECKERT; SILVA, 2002). No Rio de Janeiro, outra pesquisa identificou que 22,6% da população de um albergue apresentavam distúrbios mentais, e a maioria relatou o convívio com esses problemas antes da ida às ruas (LOVISI et al., 2001). Importante destacar que Botti e seus colaboradores (2010) também reconheceram que muitos dos transtornos mentais encontrados nessa população já estavam presentes antes da ida às ruas, e que a condição de sobrevivência que engloba a má alimentação, a falta de qualidade de sono e higiene e a vivência em situações estressoras podem ser desencadeadoras de transtornos mentais (BORYSOW; FURTADO, 2005, p.38).

Para Silva (2005) enquanto alguns estudos veem a desinstitucionalização dos hospitais psiquiátricos na década de 1980 contribuiu para o aumento do número de pessoas em sofrimento psíquico que compõe a população em situação de rua; outros percebem como questões principais os problemas econômicos, a falta de estrutura familiar o aumento do desemprego e até mesmo o azar.

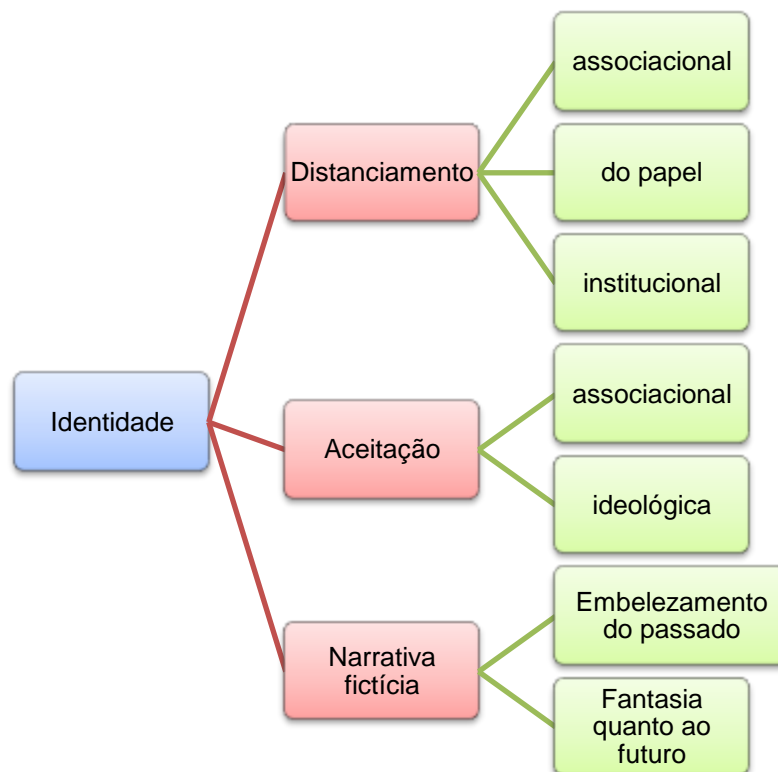
A vida nas ruas é difícil, as pessoas em situação de rua diariamente precisam lutar para conseguir abrigo, buscar trabalho, proteger-se da violência quando não consegue vaga em abrigos, viver com a decepção de não conseguir um trabalho estável, quando conseguem algum trabalho ele não supre suas necessidades básicas e acaba continuando dependente das instituições voltadas para a população que vive nas ruas. Além disso, veem constantemente o olhar de desprezo das

peças que os chamam de vagabundos, preguiçosos e que precisam procurar trabalho. Causando sofrimento e entre as formas de fuga estão o álcool, como já dissemos, a doença mental e também as drogas.

O tempo de rua é um dado fundamental, e quanto maior o tempo nas ruas maior é a probabilidade das pessoas usarem cronicamente álcool e drogas (SNOW; ANDERSON, 1998).

No que diz respeito à identidade com as ruas, Snow e Anderson (1998) apresentam três tipos com algumas variações, esquematizamos abaixo sobre isso.

Figura 7 - Identidade



Elaboração própria. Fonte: Snow e Anderson (1998).

O distanciamento associacional é comum entre os recém-deslocados, eles se diferenciam dos demais que estão na mesma situação, afirmando-se enquanto trabalhador, diferente da população em situação de rua (SNOW; ANDERSON, 1998).

O distanciamento do papel é também comum entre os recém-deslocados, é uma forma de negação de um suposto papel exercido, para negá-lo. Envolve abandonar ou não aceitar trabalhos de um dia normalmente usados por pessoas em situação

de rua, que envolvem um grande esforço físico e baixo pagamento (SNOW; ANDERSON, 1998).

O distanciamento institucional, comum entre vacilantes e "outsiders", que usam as instituições há mais tempo. Consiste basicamente em apontar muitos pontos negativos nas Instituições que trabalham com a população em situação de rua, como uma forma de ter autonomia quanto a eles (SNOW; ANDERSON, 1998).

Aceitação do papel é identificar-se como andarilho, pessoa em situação de rua. Reconhecer a si mesmo como pessoa que mora na rua. Aceitação ideológica envolve a participação em grupos com quem se identifique, um exemplo é o grupo de alcoólicos anônimos (SNOW; ANDERSON, 1998).

A narrativa fictícia é dividida em duas, o embelezamento da realidade e a fantasia. O embelezamento é mais comum entre os "outsiders" e a fantasia entre os recém-deslocados. Contar uma história verdadeira, porém aumentada quanto ao acontecimento de alguns fatos ou histórias falsas, totalmente inventadas (SNOW; ANDERSON, 1998).

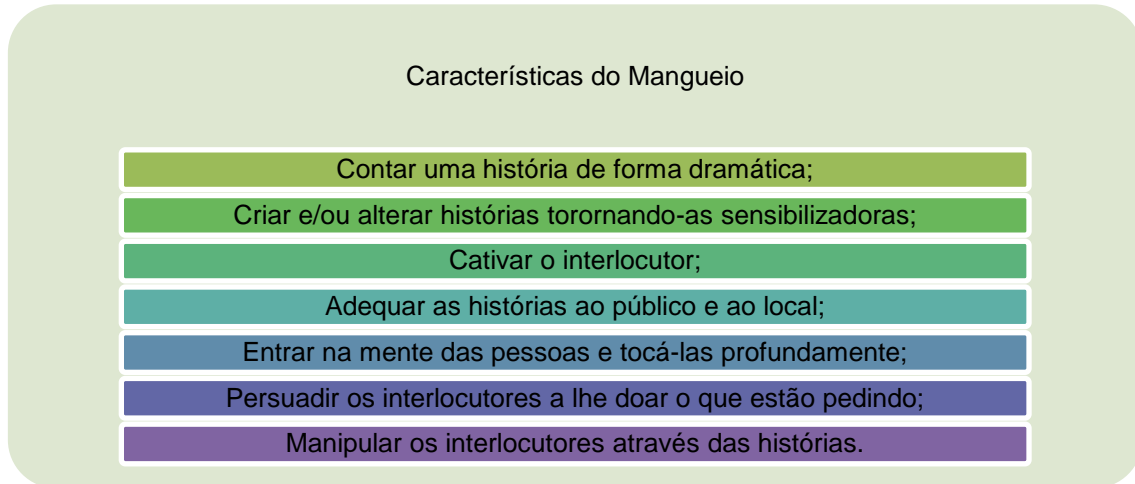
Melo (2011) revela uma das estratégias de sobrevivência utilizada pela população em situação de rua, o manguêio, uma forma de conseguir dinheiro, alimento ou roupas contando uma história, que pode ser total ou parcialmente inventada, de forma a comover os interlocutores, que, sensibilizados os ajudam. O fragmento da entrevista abaixo revela como uma pessoa em situação de rua, Ivanir, vê o manguêio.

Para quem tá na rua, chega uma hora que, até mesmo uma hora da noite você consegue dinheiro com as outras pessoas. Sai batendo palma para pessoa, chega lá, o cara olha, começa a conversar com você, começa a trocar uma ideia como se fiz na gíria. E o cara você conseguiu convencer ele, assim, afetar o psicológico. O cara puxa lá seus dois, cinco, dez, vinte reais, do bolso e dá pra ti. Só para começar, quem tá na rua faz... sei lá cara, eles contam histórias tão tristes, que não aconteceram mas inventam, tem uma mentalidade tão boa para inventar história (MELO, 2011, p.63).

Observamos que ao se referir aos que usam o manguêio, Ivanir não se incluiu. Lembramos que quando tratamos sobre as fases da situação de rua dissemos que nas duas primeiras, ficar e estar, que associamos à recém-deslocados e vacilantes, não há identificação das pessoas em situação de rua enquanto tal, o que justifica o

fato de Ivanir dizer que "eles contam histórias tão tristes...", mesmo também tendo usado o manguêio (MELO, 2011, p.63).

Figura 8- Manguêio



Elaboração própria. Fonte (MELO, 2011).

Uma das formas de manguêio é contar todas as tragédias da vida como se houvessem acontecido naquele dia. Um dos relatos que retratam o manguêio conta a história de Ivanir, que antes da situação de rua comprava remédios para tratar a bronquite crônica que sua mãe sofria. Nas ruas, lembrou-se desse fato, correu para que quando abordasse as pessoas estivesse com aspecto cansado, contou que o pai sofria de bronquite crônica, e estava em casa esperando os remédios e rapidamente conseguiu dinheiro (MELO, 2011).

Outro exemplo, agora de um manguêio baseada em história totalmente fictícia, foi quando encontraram a chave de um carro importado e abordaram os transeuntes contando que estava indo para a maternidade, a esposa o esperava dentro do carro, em trabalho de parto e a gasolina havia acabado. Melo (2011) revela que esse manguêio foi visto como muito bem sucedido, visto que os envolvidos conseguiram muito dinheiro. Uma das explicações para o sucesso é que os ouvintes se identificam com a história.

O manguêador desenvolve uma experiência dos sentimentos e condutas morais. Reconhece e identifica os valores em pauta e se utiliza dessa experiência adquirida a duras penas numa gramática em que o que está em jogo é sua própria sobrevivência. É fundamentalmente em virtude da constituição desta expertise que a compreensão sobre a negatividade do termo mendigo e da necessidade de auxílio tem um revés de exacerbação dos aspectos de criatividade e capacidade de construir respostas às dificuldades de auto-sustento (MELO, 2011, p.81).

2.8 Totalizações provisórias

Percebemos a multiplicidade de fatores presentes no fenômeno aqui estudado. Apesar da heterogeneidade presente, indicamos quem são as pessoas que moram nas ruas: Na sua grande maioria homens, em idade economicamente ativa, desempregados, que passaram por problemas na família e possuem baixo nível instrucional e há um grupo significativo de pessoas em sofrimento psíquico, onde se inclui o uso abusivo de álcool e demais drogas, com a presença especial do crack nos últimos anos.

Vimos que desde os primórdios da situação de rua, em outro modo de produção, a violência estava presente na forma em que são tratados os que utilizam as ruas como moradia e subsistência. Mesmo que tenham se passados séculos desde as punições dos períodos descritos, ainda existem diversos casos de violência contra a população em situação de rua, motivada pela visão discriminatória da sociedade com relação ao problema e do próprio poder público que nem sempre está preparado para garantir seus direitos.

Nas cidades há presença de pessoas, que podem lhes doar alimentos, roupas, dinheiro e também lhes oferecer bicos. Existe a possibilidade em conseguir trabalhos informais que gerem alguma renda, como catar papelão e guardar carros. A arquitetura das cidades permite a vida nas ruas e também a existência de instituições e locais de distribuição de comida são fatos que fazem com que os grandes centros urbanos sejam o local usado pela população em situação de rua para sobreviver, pois oferece condições para que isso seja possível.

Sua sobrevivência dá-se principalmente através do trabalho informal. Frisamos que o predomínio do trabalho informal em suas vidas é inegável quando observamos os dados da pesquisa nacional (BRASIL, 2008).

A explicação do fenômeno população em situação de rua é estrutural, motivado pelo modo de produção que se baseia na desigualdade e não distribui a produção. Aliás, possui como requisito para sua existência a criação e ampliação de uma superpopulação relativa.

Chegam à situação de rua por diversos fatores que se interligam, dentre eles o desemprego, os desentendimentos familiares, a utilização de álcool e outras drogas,

a pobreza e a falta de habitação, a migração do homem provedor em busca de trabalho que lhe proporcione melhores condições de vida (BRASIL, 2008; SILVA, 2009).

Até aqui, destacamos o grupo populacional aqui estudado como componente da superpopulação relativa, e a sua existência como fruto necessário do processo de acumulação capitalista. No próximo capítulo trataremos a respeito da funcionalidade do trabalho informal.

3 TRABALHO INFORMAL E SUA FUNCIONALIDADE AO CAPITAL

Como vimos anteriormente, o grupo populacional aqui estudado utiliza primordialmente o trabalho informal como estratégia de sobrevivência e neste capítulo, temos por objetivo discutir sua relevância para a população em situação de rua. Para isso, argumentaremos sobre o trabalho informal e sua funcionalidade ao capital.

Lembramos que a crise do capital da década de 1970 acarretou perniciosas consequências para os trabalhadores. As medidas neoliberais tomadas para recuperar o capital da crise foram nefastas para os trabalhadores: reestruturação produtiva, redução de direitos sociais, ampliação da exploração e do desemprego, aumento das terceirizações e crescimento da informalidade.

O trabalho informal é um tema que envolve posições divergentes no que diz respeito a conceito, características e se faz parte ou não do capitalismo. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) enfatiza a existência de dois setores na economia, um capitalista e outro não capitalista, defende que a existência de um setor informal não interessa aos fins capitalistas, são somente estratégias de sobrevivência de pobres. Informalidade e pobreza estão associadas para a OIT (TAVARES, 2010).

Será o setor informal não capitalista? Soares (2008), por outro lado, demonstra que o trabalho informal faz parte do capitalismo e serve ao capital, sendo subordinado e funcional a ele e em alguns momentos passa a ser subsumido. Dessa forma, faz parte do capitalismo.

Na perspectiva da OIT, o "setor informal", assim chamado pela OIT desde 1972 a partir do relatório Kenya, seria de acesso facilitado, trabalho familiar, a escolaridade para qualificação dos trabalhadores não é a tradicional, além disso, os trabalhadores informais estão desprotegidos socialmente. O "setor formal" possui acesso difícil, exige qualificação de educação tradicional, utiliza recursos estrangeiros e alta tecnologia (TAVARES, 2010).

A partir de 1980 surge uma nova concepção de informalidade associada à subordinação, que percebe a associação entre setor capitalista e informalidade, entendendo que mesmo o setor informal serve ao capital (TAVARES, 2004).

Tavares (2004) não considera a informalidade como a OIT, para ela a caracterização de informalidade não pode considerar "atividades à margem da produção moderna, isto é, capitalista" (TAVARES, 2004, p. 10). Vai além disso, e ao invés de estar separado do capitalismo, é incorporado por ele.

A autora entende o mercado informal como momento de valorização do capital, uma "forma dominante de produção" (TAVARES, 2004, p.11). "O trabalho informal [...] não pode mais ser tratado como suplementado, como supérfluo ou intersticial, pois todos os movimentos do capital, neste movimento histórico, sugere que a informalidade tende a se generalizar" (TAVARES, 2004, p.25).

Reiteramos que mesmo o chamado setor informal serve ao modo de produção capitalista, lhe é funcional (TAVARES, 2004). "A informalização do trabalho torna-se, então, um traço constitutivo e crescente da acumulação de capital dos nossos dias, uma vez que se torna cada vez mais permanente" (ANTUNES, 2011, p.408). Essa permanência da informalidade precisa ser discutida.

Assim, a informalidade associa-se não somente à existência de desempregados, mas também à necessidade de acumulação do capital e mesmo os trabalhos informais estão à *mercê* da exploração do capital.

Portanto, o trabalho informal de que nos ocupamos aqui não tem nenhuma identificação com a unidade produtiva que caracteriza o "setor informal" na perspectiva da OIT; também não se identifica com aquelas ações de assistência à pobreza recomendadas pelo Banco Mundial e FMI; e tampouco é intersticial à produção capitalista. Trata-se de emprego informal sem carteira assinada, sem registro na previdência social, excluído dos benefícios públicos essenciais, mas funcional à acumulação capitalista (TAVARES, 2010, p.33).

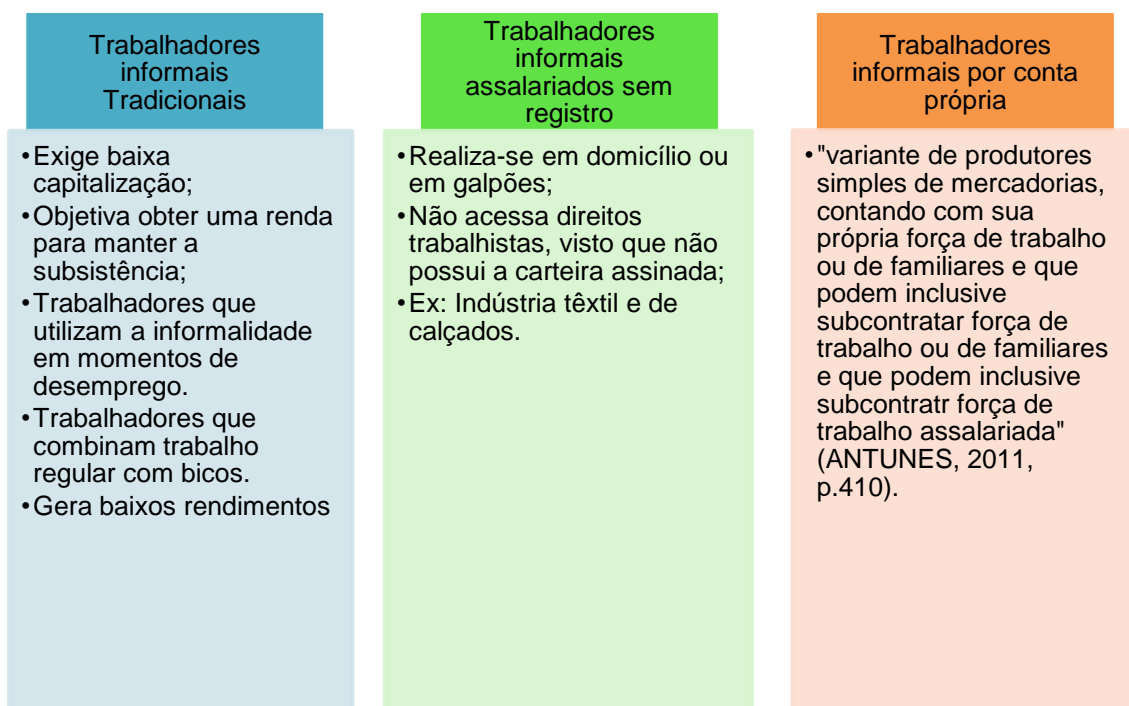
O trabalho continua fundamental para a sociedade, todavia, sua forma e seus benefícios são outros. Não mais estáveis, com diversas garantias trabalhistas, mas temporário, precário, precarizado, instável e informal. Dessa forma, a precarização do trabalho, desemprego e informalidade impregnam-se ao trabalho. E quanto mais esse processo se intensifica, maiores são os números de pessoas que sem outra perspectiva passam a viver nas ruas e formar o que chamamos aqui de escória da informalidade, o que evidencia a substancialidade do trabalho, mesmo em tempo de precarização e informalidade (ANTUNES, 2011; TAVARES, 2004).

Entendemos a informalidade como um maior aviltamento do trabalho assalariado. O capital percebe que poderia ganhar ainda mais com um trabalhador sem direitos trabalhistas e o Estado regulamenta e aceita o trabalho informal. "O uso em larga escala do trabalho informal representa [...] a escolha de uma forma que se adapta ao fim capitalista" (TAVARES, 2004, p.24).

Organismos internacionais como o Banco Mundial e FMI chegam a defender o crescimento do "setor informal" para combater o desemprego e servir como ações complementares de assistência aos mais pobres. Mas "tratar o setor informal como ação complementar às políticas de assistência é excluir o trabalho informal do processo de reprodução do capital" (TAVARES, 2004, p. 28).

Antunes (2011) apresenta os seguintes grupos de trabalhadores: 1) informais tradicionais, 2) assalariados sem registro 3) informais por conta própria. O primeiro grupo, dos tradicionais, se subdivide entre os que são menos e mais instáveis. Os menos instáveis são aqueles que possuem meios de trabalho e normalmente realizam suas atividades no setor de serviços (aqui se encontram os pedreiros e vendedores ambulantes). As figuras que seguem ilustram sobre estes aspectos.

Figura 9 - Modos de ser da informalidade.



Elaboração própria. Fonte: Antunes (2011).

Figura 10 - Informais tradicionais



Elaboração própria. Fonte: Antunes (2011).

Os mais instáveis são contratados por tempo determinado, frequentemente recebem a remuneração por peça ou serviço (carregadores e carroceiros encontram-se nesse grupo). Aqueles que realizam o trabalho informal quando estão desempregados também formam o grupo dos tradicionais juntamente com os possuidores de outra fonte de renda, mas realizam atividades informais para complementação de renda, exemplo disso, são as pessoas que vendem produtos cosméticos. A renda desse grupo de pessoas é baixa e eles não acessam os direitos trabalhistas, em caso de alguma intercorrência ficam sem remuneração (ANTUNES, 2011).

Os assalariados sem registro, diante da flexibilização do trabalho, não têm mais sua carteira assinada, promovendo intensificação do trabalho precarizado. Um exemplo são as pessoas que trabalham em casa para empresas. No último grupo, os trabalhadores informais por conta própria, onde se encontram os pequenos empresários que usam a própria força de trabalho, de familiares e subcontratam (ANTUNES, 2011).

3.1 Trabalho Informal e sua relevância para a população em situação de rua

O trabalho informal aparece como refúgio, para parte significativa da superpopulação excedente, enquanto integrante da sociedade capitalista, válvula de contenção de um processo de convulsão social, e mecanismo

eficiente de extração da mais-valia por parte dos capitalistas (SOARES, 2008, p.135).

O termo informal foi usado pela primeira vez em 1971, por Keith Hart, num estudo a respeito do desemprego na África. Em 1972 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) percebeu que o capitalismo havia gerado novas formas de ocupações, que destoavam do setor tradicional da economia, entre as suas características estavam: "não se organizavam com base no trabalho assalariado, e a remuneração poderia ultrapassar a do setor tradicional da economia" (SOARES, 2008, p.85). Em um estudo realizado nesse mesmo ano, a OIT usou pela primeira vez a expressão "setor informal".

A informalidade existe em países centrais e também naqueles periféricos. Todavia, possui maiores proporções nos países periféricos. A explicação da OIT para a informalidade é o desenvolvimento econômico atrelado à industrialização, que não gera a quantidade de oferta de trabalhos suficiente para a população economicamente ativa, que, sem acesso ao mercado de trabalho, veem o trabalho informal como alternativa, especialmente a abertura de "negócios não organizados" (SOARES, 2008, p.85).

Para a OIT o setor formal é contrastado ao informal, enquanto o primeiro é protegido o segundo é desprotegido. As características do setor informal são: "facilidade¹⁹ de entrada; técnica simples; qualificação adquirida fora do sistema escolar formal; utilização de recursos locais; empresas de propriedade familiar; pequena escala de atividades; e mercados concorrenciais" (SOARES, 2008, p.86). Além dos que possuem essas características, a OIT considera também os trabalhadores por conta própria como informais.

A OIT lançou na década de 1970 o "Programa Regional de emprego para a América Latina" (PREALC), que serviu durante cerca de vinte anos como o principal centro de pesquisa sobre informalidade. Ainda que o termo tenha surgido nos estudos da África, foi na América Latina que encontrou maiores ponderações (RAMOS, 2007).

Para a PREALC a informalidade caracteriza-se pela utilização de membros da família como funcionários, de recursos locais, baixa produtividade. Além disso, a

¹⁹ Soares (2008) nos lembra que se de fato a inserção na economia informal fosse fácil, todos poderiam abrir um negócio, e não existiriam desocupados.

inserção na informalidade é uma estratégia de sobrevivência daqueles que se encontram desempregados. Uma "oportunidade" para sair do desemprego. Um dos problemas dessa visão de informalidade é considerar o desemprego como voluntário, visto que, supostamente, todos os desempregados poderiam inserir-se na informalidade (RAMOS, 2007).

Três formas de informalidade são identificadas pela PREALC: 1) atividades voltadas para a sobrevivência; 2) desempregados conjunturais e 3) empreendedores (PAMPLONA, 2001).

A OIT considera que com a informalidade as barreiras existentes entre capital e trabalho são quebradas. Para ela o trabalhador aproxima-se do capitalismo que comporia a figura do trabalhador capitalista. Salientamos que para Soares (2008, p.87), trata-se de uma "ideia descabida". Por que

Não é o fato de ser proprietário dos meios de produção que faz, desse trabalhador, um capitalista, pois entende-se que o capital é, antes de tudo, uma relação social. O simples fato de ser proprietário do dinheiro, de máquinas, dos meios de produção, não significa que o indivíduo seja capitalista. É necessário que esses meios de produção articulem-se com a exploração da força de trabalho com a qual será valorizado o capital (SOARES, 2008, p.87).

O trabalho informal, segundo a concepção marxista, serve também, como contratendência à lei da queda da taxa de lucro, por isso, tende a crescer, reduzindo cada vez mais os custos da força de trabalho (SOARES, 2008).

Apesar de o trabalho estar no centro da criação de valor, verifica-se no capitalismo uma tendência à queda da taxa de lucro, a qual é resultado do processo que leva à composição orgânica do capital (...).

Para se contrapor à tendência à queda da taxa de lucro, os capitalistas adotam métodos que venham a permitir a reversão do processo que leva às crises econômicas (SOARES, 2008, p.141).

Tal concepção discorda da ideia de dualidade presente no chamado setor formal e no setor informal, "formal e informal se inter-relacionam e são elementos essenciais para o desenvolvimento do capitalismo, rompendo, assim, com a ideia de setor informal isolado e como sinônimo de atraso e subdesenvolvimento" (SOARES, 2008, p.96).

A informalidade vive um novo contexto, no qual "não é mais possível conceber os setores formal e informal como separados e desconectados, na medida em que essa

nova dinâmica subordina o setor informal ao processo de acumulação capitalista" (ARAÚJO, 2011, p.168).

Deve-se observar que o trabalho informal não comporta apenas ocupações excluídas do trabalho coletivo, e menos ainda, que se restringe às atividades de estrita sobrevivência. Toda relação entre capital e trabalho na qual a compra da força de trabalho é dissimulada por mecanismos, que descaracterizam a condição formal de assalariamento, dando a impressão de uma relação de compra e venda de mercadorias consubstancia trabalho informal (TAVARES, 2002, p.52).

A autora enfatiza a noção de a informalidade ir além de atividades de sobrevivência, uma vez que alguns, a OIT, por exemplo, veem o trabalho informal somente como atividades de sobrevivência que estão fora do sistema capitalista. E outros percebem o trabalho informal para além das atividades de sobrevivência, que não estão fora do sistema capitalista, muito pelo contrário, estão intrinsecamente ligadas (SOARES, 2008; TAVARES, 2002).

Tavares (2002) [...] afirma que seria necessário classificar as atividades informais em dois segmentos: um atrasado, em que se encontram as atividades de sobrevivência e outro, moderno, no qual o trabalho informal realiza-se no interior da produção capitalista (SOARES, 2008, p.98).

Soares (2008) apresenta dois tipos de informalidade, o primeiro envolve as atividades informais que visam à sobrevivência e estão subordinadas ao capital. O segundo envolve as atividades que objetivam valorizar o capital e estão subsumidas a ele. De toda forma, entendemos que o trabalho informal está intimamente ligado ao capitalismo.

No primeiro estão presentes os trabalhos voltados para estrita sobrevivência do trabalhador. Aqui estão incluídos os "trabalhadores domésticos; por conta própria; biscateiros; membros de cooperativas de serviços, que oferecem trabalho improdutivo, como limpeza; e vendedores" (SOARES, 2008, p.121).

No segundo encontram-se as atividades onde as pessoas são ao mesmo tempo trabalhadoras e patrões e muitas vezes servem como apêndice à produção tradicional, permitindo ampliação da exploração dos capitalistas. Neste segundo grupo estão as cooperativas, os trabalhadores por conta própria e os terceirizados (SOARES, 2008).

Soares (2008) demonstra que a informalidade do trabalho não advém de momentos de crise econômica, tampouco veremos sua supressão nos períodos de

crescimento, o trabalho informal não é transitório nem pode ser evitado. Isso porque o trabalho informal é fruto do desenvolvimento do capitalismo. Assim como o capitalismo produz um número de pessoas que compõe uma superpopulação relativa, onde o desemprego faz-se sempre presente, o desenvolvimento capitalista ofereceu as condições para o restabelecimento do trabalho informal. Foi o desenvolvimento do capitalismo que ofereceu as bases para o trabalho informal. Ele é "produto da dinâmica capitalista" (SOARES, 2008, p.141).

Normalmente a noção de informalidade associava-se aos países periféricos, que não viveram o Estado de Bem Estar Social. Para Druck (2011), a informalidade reconfigurou-se e esse processo está intimamente ligado ao capitalismo, "às novas bases de competitividade e produção, aos novos modelos produtivos e de organização do trabalho, à globalização, às novas políticas nacionais / neoliberais às novas formas de regulação do Estado [...] e, [...] a crise do fordismo e às tentativas de superá-lo" (DRUCK, 2011, p.69).

O trabalho informal possui grande funcionalidade ao capital, uma vez que contribui para a redução nos salários da classe trabalhadora empregada formalmente, reduz os gastos na empresa, além de servir como gerador de ocupação para aqueles que não conseguiram inserção e ainda evita "convulsões sociais", trata-se de uma forma de "manter a ordem" (SOARES, 2008, p.122).

Enquanto as atividades informais de sobrevivência são funcionais e subordinadas ao capital, as do segundo grupo além de funcionais e subordinadas são subsumidas ao capital, esta subsunção revela o trabalho informal que contribui com o processo de valorização do capital, gerando mais-valia (SOARES, 2008).

Antes de continuar, vamos discutir brevemente a respeito da subsunção e subordinação da informalidade ao capital. Soares (2008) em seu livro *Trabalho Informal: da Funcionalidade à Subsunção ao Capital* discute a respeito da subordinação da informalidade ao capital, e também sobre sua subsunção ao mesmo. Seus argumentos corroboram a percepção de que o trabalho informal "em vez de ser uma anomalia do sistema produtor de mercadorias é, na verdade, produto do capitalismo" (SOARES, 2008, p.11).

A identificação do trabalho informal enquanto subordinado, funcional e/ou subsumido se dá a partir do seu reconhecimento enquanto produtivo, conforme lemos a seguir.

Nesse trabalho consideramos como atividades funcionais e subordinadas ao capital, aquelas que estão voltadas para a sobrevivência do trabalhador (trabalho nem produtivo e nem improdutivo) e aquelas que não participam diretamente do processo de valorização do valor (atividades classificadas como trabalho informal improdutivo) [...] Constatamos também a ocorrência do processo de subsunção formal do trabalho ao capital no âmbito do trabalho informal. Neste caso, a subsunção do trabalho ao capital dá-se quando a força de trabalho é incluída e "como que transformada em capital" (SOARES, 2008, p.142).

Ainda que existam formas de trabalho informal que não sejam subsumidas ao capital, continua funcional e subordinado a ele, "todas as atividades informais de trabalho estão subordinadas, integradas e são funcionais à reprodução da sociedade do capital" (SOARES, 2008, p.119).

Enquanto o trabalhador informal é subordinado e funcional, busca então a sobrevivência e não visa à acumulação do capital, o trabalhador informal que além de subordinado e funcional é subsumido ao capital; "são considerados produtivos ou improdutivos, conforme participarem direta ou indiretamente do processo de valorização do capital" (SOARES, 2008, p.119).

Soares (2008) cita como exemplos dos não subsumidos os trabalhadores rurais, vendedores ambulantes, trabalhadores domésticos, "por conta própria; biscateiros; membros de cooperativas de serviços" (SOARES, 2008, p.121). São exemplos dos subsumidos as cooperativas de produção, o trabalho em domicílio e o trabalho nas pequenas empresas²⁰.

A funcionalidade presente mesmo naqueles que não são subsumidos está em servir como gerador de ocupação para milhões de pessoas, evitar um processo de convulsão social, mantendo assim a ordem, baixando os custos das empresas. Na subsunção, o trabalho informal produz riqueza material, é um "mecanismo eficiente de extração de mais-valia absoluta por parte dos capitalistas" (SOARES, 2008, p.136).

Segundo Soares, subsunção é o "processo no qual o trabalhador existe para reproduzir o capital" (SOARES, 2008, p.11). Trata-se de uma subordinação peculiar,

²⁰ Soares (2008) evidencia que nem todos os cooperados, trabalhadores a domicílio ou pequena empresa passará pelo processo de subsunção.

mais precisa, é como se o trabalho se consubstanciasse enquanto capital, com o intento de valorizá-lo. Ainda que pareça com a mera venda de mercadorias, no processo de subsunção o "trabalho informal gera mais-valia absoluta e valoriza o capital" (SOARES, 2008, p.127).

Reiteramos que consideramos a informalidade como funcional e subordinada ao capital, inclusive as atividades de estrita sobrevivência. Podendo ser também subsumida, neste caso, ocorre quando "o trabalho informal gera mais-valia absoluta e valoriza o capital, apesar de muitas vezes, aparentemente, parecer que o trabalhador informal está vendendo mercadorias" (SOARES, 2008, p.127).

O trabalho informal tende a continuar se expandindo, devendo, possivelmente, generalizar-se como forma predominante nas relações de trabalho no capitalismo. [...] as condições de trabalho caminham para uma maior precarização, com o aumento da jornada de trabalho, redução do salário real e extinção de benefícios sociais existentes. Dessa forma, a tendência é ampliação do grau de alienação do homem, maior brutalização do gênero humano e, por conseguinte, "barbarização" das relações sociais. [...] só por meio de uma transformação radical da estrutura do sistema será possível frear o processo de "desenvolvimento da barbárie" nas relações sociais e, substituí-lo por um processo humanizante (SOARES, 2008, p.145).

Consideramos que "o trabalho informal refere-se não só às atividades de sobrevivência, como também aos trabalhos informais, ao trabalho independente, assim como aos trabalhadores terceirizados, cooperados, conta própria, dentre outros" (SOARES, 2008, p.101).

3.1.1 Auto-emprego

Pamplona (2001) destaca que no final do século XIX havia declínio do auto-emprego e os especialistas previam que a queda seria ainda mais acentuada. Suas previsões se confirmaram até a década de 1970. A partir desse período o mundo viu um crescimento sem precedentes do auto-emprego.

Pamplona (2001) diz que o desemprego é somente o fenômeno mais aparente da reestruturação produtiva, cujas características são a flexibilização do trabalho, a terceirização, e utilização de máquinas e produtos importados. Com o objetivo de reduzir ao máximo os custos, as consequências são sempre nefastas para os trabalhadores.

A precarização do emprego, associada à emergência crescente das "formas atípicas" de emprego, é menos visível mas [...] muito mais dramática e

importante. Dentre as formas atípicas de emprego, estão os empregos temporários [...], os empregos part-time [...], o trabalho em domicílio, a subcontratação ou a terceirização, o trabalho independente ou auto-emprego (PAMPLONA, 2001, p.53).

No que diz respeito à definição de auto-emprego, Pamplona (2001) apresentou as ideias de alguns autores, tais como: Aronson, que considera o grau de autonomia como o ponto de diferenciação do auto-emprego para o emprego assalariado. Steinmetz & Wright, que considera o auto-empregado como patrão de si mesmo. "Bryson & White argumentam que [...] a característica chave do auto-emprego seria o 'grau de autonomia ou independência que o indivíduo auto-empregado tem no seu trabalho'" (PAMPLONA, 2001, p.74).

Uma das características que compõe o auto-emprego é que seus trabalhadores-patrões possuem seus próprios instrumentos e materiais de trabalho.

Enfim, o auto-emprego:

É uma situação de trabalho na qual o trabalhador independente controla seu processo de trabalho; fornece a si próprio seu equipamento, o que permite que o proprietário dos meios de produção participe diretamente da atividade produtiva; sua renda não é previamente definida; seu objetivo primordial é prover seu próprio emprego (PAMPLONA, 2001, p.273).

Pamplona (2001) considera que a essência da informalidade é o auto-emprego, dado que esse tipo de trabalho é uma forma de auto empregar-se. E, ainda que nem todos os trabalhadores do setor informal sejam auto-empregados, "tudo o que é auto-emprego é informal" (PAMPLONA, 2001, p.242).

3.1.2 Trabalho por conta própria

Como categoria, o "conta própria" reúne grande diversidade de trabalhadores para os quais o desempenho de tarefas, no âmbito da divisão social do trabalho, depende quase que exclusivamente do dispêndio da força de trabalho própria - a que se alia, muitas vezes, o uso da força de trabalho de membros da família-, necessitando de baixa ou quase nula capitalização. São os artesãos, os pequenos vendedores, notadamente os ambulantes, os ocupados em serviços de reparação e pequenos consertos, os prestadores de serviços pessoais e muitos outros conhecidos da paisagem das cidades brasileiras, pequenas e grandes. De modo geral, trabalhando em condições de produção ou de prestação de serviços que não requerem capital, o trabalhador por conta própria dispõe de baixo nível de qualificação para o trabalho e vive em condições materiais precárias (PRANDI, 1978, p.25).

Segundo Prandi (1978), o trabalhador por conta própria estaria fora da relação de oposição entre capital e trabalho assalariado, à medida que não emprega a outrem nem é empregado por outro, torna-se ao mesmo tempo patrão e empregado de si

mesmo. Ainda que o autor compreenda isso, ele percebe que o trabalhador por conta própria "depende da ordem burguesa" (PRANDI, 1978, p.31).

O trabalho autônomo não pode -sob o capitalismo- desprender-se de sua condição histórica de forma passada, arrastando atrás de si o arcaísmo advindo de sua capacidade de gerar sobretrabalho alienável para o capitalista [...] Assim, o trabalho autônomo, no nível formal e aparente, nem está subordinado ao capitalista nem às classes subalternas, mas tem sua exploração determinada no todo dinâmico do modo capitalista de produção, que, por ser predominante, historicamente já colocou em plano secundário o trabalhador incapaz de gerar excedente, mesmo que ainda dele faça uso, na finalidade última de se realizar (PRANDI, 1978, p.31).

Reflitamos esse aspecto apontado pelo autor, será que o trabalho por conta própria, de fato não está subordinado nem aos capitalistas nem às classes subalternas? Acreditamos que Soares (2008) avançou no debate, percebendo não somente uma subordinação do trabalho informal ao capital, como em alguns casos, uma subsunção a ele.²¹

Prandi (1978) lembra que o trabalho por conta própria serve para redução na "magnitude exposta do exército industrial de reserva" (PRANDI, 1978, p.36). Isso contribui para que o desemprego não atinja níveis tão altos a ponto de gerar conflitos sociais gigantes e de difícil controle. "O trabalho autônomo, pois, em essência e em forma, ele não é próprio do modo de produção capitalista" (PRANDI, 1978, p.40).

Os trabalhadores por conta própria têm a função de "prestar bons serviços na manutenção (pelo menos em curto prazo) dos níveis de emprego necessários à forma de acumulação 'pacífica'. Mas em nenhum momento o capital recuará diante da oportunidade de destruir o trabalho autônomo" (PRANDI, 1978, p.37).

A citação acima demonstra que apesar do autor reconhecer a função do trabalho por conta própria como contribuinte de uma "paz", no sentido de enfraquecer as lutas de classes, defende a noção de que o capital está pronto para destruir o trabalho por conta própria.

²¹ Salientamos que a década de 1990 no Brasil, as condições sócio econômicas associadas ao desenvolvimento do capitalismo contribuíram para o avanço do trabalho informal, o número de trabalhadores por conta-própria passou a subir, uma novidade com relação aos anos anteriores, que tendiam a decrescer. Dessa forma, Soares (2008) pôde estudar esses avanços, enquanto Prandi (1978) até o momento de escrita do livro não teve a mesma oportunidade.

Essa ideia de destruição dessa forma de trabalho pelo capital é diferente do entendimento que tem Soares (2008). Para Soares (2008), o desenvolvimento do capital permitiu a formação de novas formas de trabalho, dentre elas o trabalho informal. Dessa forma, o capitalismo ao invés de destruir novas formas de trabalho, as produz.

Existem diversas formas de trabalho autônomo, algumas que se voltam mais para subsistência, como o lumpemproletariado, e outras onde podem até mesmo alcançar remunerações maiores que aquela recebida pelos assalariados formais. Exemplo disso são os profissionais liberais. Paul Singer (1977) aponta alguns grupos que compõem o que ele chama de setor autônomo:

a) Explorações camponesas; b) unidades de comércio varejista; c) unidades de prestação de serviços (bares, oficinas de reparação, jardineiros, engraxates, carregadores, táxis); d) artesãos e indústrias domésticas (costureiras, alfaiates, ceramistas, processamento de fumo, padarias); e) profissionais liberais; f) 'lumpen' (mendigos, prostitutas, delinquentes) (SINGER, 1977, p.79).

Chamamos atenção para a última forma de trabalho por conta própria presente na citação acima, aqui aparece a figura do chamado mendigo²².

3.3 Totalizações provisórias

Após a crise do capital de 1970 o mundo passou a adotar medidas de cunho neoliberal, houve um processo de reestruturação produtiva, redução dos direitos trabalhistas, aumento do desemprego e do trabalho informal. Houve crescimento no número de trabalhadores por conta própria, autônomos, terceirizados, subcontratados e cooperados.

A discussão a respeito do que é trabalho informal é ampla, existem os que como a Organização Internacional do Trabalho consideram o trabalho informal como um setor separado e oposto ao formal, que se encontra fora do capitalismo, tem baixa remuneração e exige menor escolaridade (PAMPLONA, 2001).

²² Que nesse trabalho chamamos de população em situação de rua por concordarmos com Silva (2009) e percebermos o termo como o mais adequado para demonstrar as contradições do modo de produção capitalista. Para aprofundar a discussão ver Silva (2009), Rosa (2005) e Pereira (2008). Lembramos que conforme discutimos no primeiro capítulo sobre as formas da superpopulação relativa, consideramos que a população em situação de rua pode compor cada uma de tais formas, não somente o lumpemproletariado.

Outros defendem que o trabalho informal ao invés de externo a relações capitalistas encontra-se sempre subordinado ao capitalismo, e às vezes torna-se subsumido a este (SOARES, 2008).

A visão da OIT é limitada, pois não representa a totalidade dos trabalhos informais. Os trabalhos informais não se enquadram somente na forma defendida por tal visão. Além disso, o capital consegue diversas formas de valorização, uma delas é através de alguns trabalhos informais. Assim, concordando com Soares (2008), entendemos que o trabalho informal, seja ele de qualquer forma, é funcional ao capital, podendo até mesmo ser subsumido a este, logo, compõe as relações capitalistas de produção e distribuição.

Diversas são as formas de trabalho informal. Existem as cooperativas, as terceirizações, subcontratações, empresas domiciliares, trabalhadores autônomos, por conta própria e existe também a forma mais tradicional, voltada para sobrevivência (SOARES, 2008).

Destacamos que parte da população em situação de rua participa de cooperativas. A ideia é a mesma que a do pequeno empreendimento. Ao tratar de informalidade, dissemos que houve incentivo para que as pessoas virassem empreendedoras, motivadas pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial, tornando-se patrões de si mesmos. O relato a seguir demonstra como se identifica um cooperado catador, que utiliza as ruas como moradia e sustento. "Aqui ninguém tem patrão, patrão é quem? É você mesmo, se você num trabalha, num recebe (...) agora cê tem aquela pessoa que você trabalha, aquela pessoa cê tem um dever, mostrá o serviço, mas num é seu patrão" (DOMINGUES JUNIOR, 2003, p.87).

Domingues Júnior (2003) chama atenção ao fato da discriminação por parte dos catadores cooperados com relação aos chamados moradores de rua. Eles se diferenciam afirmando que na cooperativa eles são limpos, têm higiene e não usam álcool, há uma reprodução do preconceito.

Tavares (2010) apresenta o dualismo presente no setor formal e setor informal como um erro, visto que o mais apropriado é pensar na totalidade. Dessa forma, ela vê uma incoerência em falar de setores. "Todas as formas de organização da produção, mesmo as que não podem ser consideradas expressões claras de relações

capitalistas, estão submetidas as determinações do capital, sejam elas amparadas pela lei ou exercidas na clandestinidade" (TAVARES, 2006, p.2).

A discussão sugerida pela autora é do trabalho informal no capitalismo, e não de setores. E um ponto importante para o debate do tema abordado por Tavares (2006) é o entendimento de que pequenos empresários nem sempre são capitalistas, muitas vezes não passam de patrões, empregar trabalhadores não é o único requisito para caracterizar o capitalista.

O trabalhador por conta-própria não possui autonomia simplesmente por trabalhar dessa forma. "Em certos casos, especialmente mediante a prática da terceirização, muitos trabalhos informais se articulam por fios invisíveis à produção formal" (TAVARES, 2006, p.3).

É inegável a existência de ocupações informais na esfera da estrita sobrevivência, mas há, também, relações como a do trabalho domiciliar, e das cooperativas de trabalho, subcontratadas por grandes empresas capitalistas, sem que os trabalhadores tenham direito a qualquer proteção social, embora lhes sejam impostas obrigações idênticas à relação em que há compra e venda da força de trabalho (TAVARES, 2006, p.6).

Destacamos no capítulo anterior que o fator presente no fenômeno população em situação de rua consensual entre os pesquisadores é a heterogeneidade. Diversas são as características da população em situação de rua. Dessa forma, o trabalho informal desenvolvido também é diverso. Normalmente o trabalho informal dessas pessoas é voltado para estrita sobrevivência. Todavia, em virtude da multiplicidade que envolve o tema, não descartamos outras formas de trabalho informal.

Conforme Soares (2008, p.99): "Assim como a dinâmica do desemprego acompanha o desenvolvimento do capitalismo, o trabalho informal também avança com este". Reiteramos que o desemprego é uma consequência do capitalismo, e não do baixo nível instrucional, é requisito para sua existência. Junto com ele aparecem novos meios de explorar os trabalhadores através da informalidade, tais como através de subcontratações, terceirizações e cooperativismo (SOARES, 2008).

A informalidade tornou-se mais uma forma que serve ao capital, direta ou indiretamente, mesmo que nem todas sejam subsumidas ao capital, visto que somente as que estão presentes no processo de valorização do capital o são, certamente são funcionais ao capital, subordinada a ele (SOARES, 2008).

O trabalho informal que visa à sobrevivência é utilizado pelas pessoas por causa do desemprego, da falta de capacitação suficiente para que consigam inserção no trabalho formal e por "opção pessoal" (SOARES, 2008, p.4). E, mesmo essas atividades informais voltadas para sobrevivência são funcionais e subordinadas ao capital. Uma das funções da informalidade é evitar uma "convulsão social" (SOARES, 2008, p.5). Outra funcionalidade é servir para reduzir custos das empresas. Além disso, serve também para mascarar a inclusão subalterna pela via de inclusão precária.

Salientamos que reconhecemos a existência da forma de informalidade comentada acima, voltada para a sobrevivência, que são funcionais e subordinadas, mas não subsumidas ao capital. Todavia, entendemos que esta não é a única informalidade. Existem formas de informalidade que são além de subordinadas e funcionais, subsumidas ao capital (SOARES, 2008).

O mercado de trabalho é assolado com a precarização do trabalho, cresce o número de subcontratações, terceirizações, trabalho por conta própria, auto-emprego, enfim, crescem diversas formas de trabalho informal.

O trabalho informal, antes considerado algo de países periféricos, passa a ganhar força também nos países centrais. E amplia-se ainda mais na periferia do mundo. Ao invés de uma atividade não capitalista, é funcional ao capitalismo, e, em alguns casos subsumido a ele. Dessa forma, a informalidade serve ao capital.

Além das formas mais precárias de trabalho para o sustento, que fazem parte da informalidade, os pequeno-empresários, os trabalhadores por conta própria, os auto-empregados, os cooperativados, os subcontratados, os terceirizados, dentre outros, também são trabalhadores informais, dependendo da forma de análise. Por exemplo, se os subcontratados e terceirizados possuírem carteira assinada, seguindo o critério contratual eles não seriam informais, porém, de acordo com a análise que buscamos, eles podem compor a informalidade (SOARES, 2008; TAVARES, 2002).

Reiteramos que discutimos acerca do trabalho informal por indicarmos a população em situação de rua enquanto trabalhadores informais, funcionais e subordinados ao capital (BRASIL, 2008; VIEIRA; BEZERRA, ROSA, 2004).

4 A FULCRALIDADE DA INFORMALIDADE PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Segundo Marx (2013, p.648), "O escravo romano estava preso por grilhões a seu proprietário; o assalariado o está por fios invisíveis". Não é somente o assalariado que está preso a esses "fios invisíveis", e sim todos aqueles que só possuem a força de trabalho para trocar no mercado de coisas, que como destacamos abarca a população em situação de rua. Esses fios os prendem de tal forma que mesmo morando nas ruas, embora não tenha um contrato de trabalho e esteja formalmente desempregado, o trabalho continua como referência fundamental. E nas ruas realizam atividades informais que não lhes proporcionam salário, tampouco direitos trabalhistas, mas exigem muitas horas de empenho diário para suprir as necessidades de sobrevivência.

O capital repele cada vez mais trabalhadores, emprega cada vez menos. Os trabalhadores realizam uma carga de trabalho cada vez maior, contribuindo para que menos trabalhadores realizem mais trabalho, dessa forma, cada vez mais cresce a produtividade do trabalho (ANTUNES, 2011).

Se, portanto, certo grau de acumulação do capital aparece como condição do modo de produção especificamente capitalista, este último provoca, em reação, uma acumulação acelerada do capital. Com a acumulação do capital desenvolve-se, assim, o modo de produção especificamente capitalista e, com ele, a acumulação do capital. (MARX, 2013, p.701).

Figura 11 - Modo de produção capitalista



Elaboração própria. Fonte Marx (2013).

"A acumulação capitalista produz constantemente, e na proporção de sua energia e seu volume, uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, isto é, excessiva para as necessidades médias de valorização do capital e, portanto, supérflua" (MARX, 2013, p.705). Conforme discutimos no primeiro capítulo indicamos que a população em situação de rua compoñha o grupo excedente de trabalhadores, supérfluos. Atentemos que o sentido de supérfluo não é desnecessário ou inútil, e sim demasiado, uma quantidade de pessoas que está além da capacidade de absorção do mercado de trabalho.

Isso é evidenciado quando Marx (2013)²³ apresenta a superpopulação relativa enquanto produto do capitalismo, e além disso, como alavanca ao processo de acumulação. Dessa forma, se a superpopulação relativa serve como alavanca ao processo de acumulação, ela não pode ser vista como inútil, e sim como excedente necessário. A população em situação de rua ao contrário de inútil compõe a superpopulação relativa, é excedente às necessidades de valorização do capital, serve como alavanca ao processo de acumulação capitalista.

O sobretabalho da parte ocupada da classe trabalhadora engrossa as fileiras de sua reserva, ao mesmo tempo que, inversamente, esta última exerce, mediante sua concorrência, uma pressão aumentada sobre a primeira, forçando-a ao sobretabalho e à submissão aos ditames do capital (MARX, 2013, p.711).

Assim, quanto mais os trabalhadores forem explorados e aumentarem sua produtividade, maior será o exército de reserva que pressionará os ativos a continuarem submissos ao capital. Quanto mais trabalham mais produzem riqueza alheia (MARX, 2013).

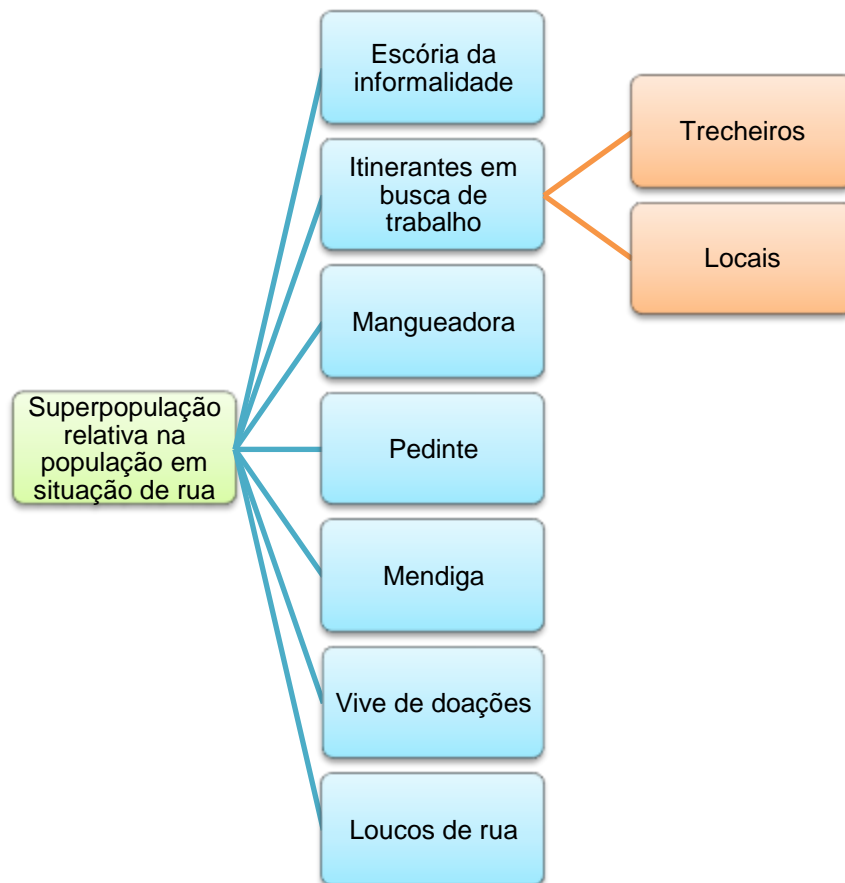
"A superpopulação relativa existe em todos os matizes possíveis. Todo trabalhador a integra durante o tempo em que está parcial ou inteiramente desocupado" (MARX, 2013, p.716). Entendemos a superpopulação relativa como produto e alavanca ao processo de produção capitalista, como desenvolvemos no primeiro capítulo e relembramos acima. Essa última citação evidencia que de fato a população em situação de rua integra a superpopulação relativa, visto que é composta por uma

²³ "Mas, se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista" (MARX, 2013, p.707).

extensa parcela de desempregados, afinal como já afirmamos, somente 1,9%, segundo a pesquisa nacional, trabalha formalmente (BRASIL, 2008).

Marx (2013) deixou claro que não esgotou as formas de superpopulação relativa, visto que descreveu as formas contínuas e não as periódicas. É fascinante o fato dessas formas vistas por Marx (2013) ainda existirem passado mais de um século de quando escrito. No entanto, poderíamos pensar para além das três formas e o substrato mais baixo, apontado pelo autor, sob o contexto da população em situação de rua. A figura abaixo sintetiza os principais aspectos dessas diferentes formas presentes no grupo populacional aqui estudado.

Figura 12- Formas da superpopulação relativa da população em situação de rua



Elaboração própria.

Ao apresentar essa figura não objetivamos enclausurar a superpopulação relativa a estas formas, tampouco considerar que elas são usadas separadamente. Almejamos demonstrar que, para além do que Marx (2013) encontrou, podemos destacar outras formas no estudo aqui desenvolvido. Atentamos para o fato de que uma mesma pessoa pode ao mesmo tempo compor diversas formas.

A escória da informalidade são os trabalhadores que desenvolvem trabalhos informais que não lhe proporciona rendimentos suficientes sequer para a moradia, poderíamos considerá-la como um sub-grupo da estagnada²⁴. Os itinerantes trecheiros são aqueles que viajam pelo país em busca de trabalho; os itinerantes locais também buscam trabalho, todavia dificilmente saem de seu estado de origem, migra entre os municípios.

Com relação aos loucos de rua Ferraz (2000) diz que

Para ser classificado como um "louco de rua" faz-se necessário, naturalmente, que um indivíduo preencha dois requisitos: ser "louco" e ser "de rua." É assim, então, que tais pessoas podem ser pensadas como "personagens do teatro do mundo," cuja loucura se encena no palco da cidade, em praça pública. Para que estas condições sejam preenchidas, este louco, evidentemente, será o louco "solto," não institucionalizado, aquele que escapou da psiquiatria, da medicalização e do hospício. De um modo geral, será o louco pobre e sem família, ou cuja família não possa dele cuidar. Sem a presença da família, não existe quem possa se envergonhar da publicidade de sua loucura. Na maioria das vezes, ainda que haja exceções, sua loucura se acrescenta à mendicância e à perambulação, circunscritas a limites que podem ser os da cidade ou uma parte dela, ou ainda, em certos casos, ampliam-se para áreas rurais do município e mesmo abranger cidades vizinhas (FERRAZ, 2000, p.122).

Marx (2003) alega que em todas as sociedades houve antagonismo entre classes e uma explorava a outra, porém, para que a exploração ocorresse, era imprescindível que fossem oferecidas condições suficientes para que os explorados continuassem vivos. Porém, no capitalismo ocorre algo diferente:

O operário moderno, ao contrário, em vez de elevar sua posição com o progresso da indústria desce cada vez mais abaixo das condições de existência sua própria classe. Cai no pauperismo que cresce ainda mais rapidamente do que a população e a riqueza. Torna-se, então, evidente que a burguesia é incapaz de continuar sendo a classe dominante da sociedade, impondo como lei suprema suas próprias condições de existência. É incapaz de exercer seu domínio porque não pode mais assegurar a existência de seu escravo em sua escravidão, porque é obrigada a deixá-lo cair num estado tal que deve nutri-lo em lugar de se fazer nutrir por ele (MARX, 2013, p.37).

O fenômeno população em situação de rua expõe com clareza essa incompetência da burguesia afirmada por Marx, que é própria dessa classe, e a contradição básica do modo de produção capitalista, indica a sua putrefação. Afinal, são a confirmação do que Marx (2013) escreveu há mais de um século e, para nós, indicamos que

²⁴ Sobre as três formas apontadas por Marx (2013) da superpopulação relativa e o seu substrato mais baixo, discutimos no primeiro capítulo.

compõem uma parcela da classe trabalhadora, afinal, vivem do trabalho, ainda que em sua forma mais instável, conforme vimos no capítulo anterior.

A gama presente no estudo da informalidade é enorme. No que se refere à população em situação de rua, consideramos que a figura preponderante é a do informal tradicional. Antunes (2011) apresenta a divisão entre os mais e menos instáveis, como vimos no capítulo anterior.

A população em situação de rua compõe o modo tradicional da informalidade, entre os mais instáveis. Trabalha em atividades que a maioria da população domiciliada não busca, que exige força física, salientamos que as principais atividades realizadas, segundo a pesquisa nacional são a catação de materiais recicláveis e flanelinha que juntos somam 41,8%. E ainda que trabalhem arduamente conseguem rendimentos pífios, que normalmente são insuficientes até mesmo para o aluguel de um quarto numa pensão.

Entendendo que "todas as atividades informais se encontram vinculadas de maneira sutil, mas irrecusável, ao todo-poderoso capital" (BARBOSA, 2011), as atividades informais ainda mais precarizadas, realizadas pela população em situação de rua são funcionais ao capital.

Parte significativa das atividades informais não se encontra com seus processos de trabalho subsumidos formalmente ao capital, não nega a funcionalidade dessas atividades para o sistema. Mais do que isso, **todas as atividades informais de trabalho estão subordinadas, integradas e são funcionais à reprodução da sociedade do capital** (SOARES, 2008, p.119, grifo nosso).

Segundo Prandi (1978, p.48), "As formas mais rudimentares de trabalho por conta própria são representadas por atividades que não dependem de nenhuma habilidade ocupacional e de nenhum capital (guardadores de carros, carregadores de feiras, biscates)". É dentre essas formas mais rudimentares que se encontram os trabalhos informais desenvolvidos pela população em situação de rua.

A existência de pessoas trabalhando por conta própria é resultado do processo de acumulação capitalista, "não significam por si nenhum atraso ou excrecência no conjunto total das relações mas, muito pelo contrário, ajudam a compor a totalidade como ela é" (PRANDI, 1978, p.73). Para o autor, o trabalho autônomo "é um elemento do proceso de assalariamento e exploração do trabalhador em geral e por

isso, está subsumido pelas próprias relações capitalistas, operando como um todo" (PRANDI, 1978, p.117).

O capitalismo se metamorfoseou de tal forma que consegue esconder cada vez melhor suas contradições através da informalidade do trabalho, como se houvesse igualdade entre comprador e vendedor de mercadorias. O trabalho informal é

uma das alternativas de geração de ocupação e renda para um número cada vez maior de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal. Por outro lado, verifica-se que a expansão do trabalho informal tem beneficiado o capital no que se refere à exploração do trabalho e à produção de mais-valia de forma disfarçada. Dessa forma, o trabalho informal em vez de ser uma anomalia do sistema produtor de mercadorias é, na verdade, produto do capitalismo (SOARES, 2008, p.10).

A escória da informalidade é funcional ao capitalismo, está integrada, porém, normalmente, não é subsumida a ele. Busca a sobrevivência, não visa acumulação de capital.

4.1 Mendicância²⁵, pedido e a importância trabalho

Stoffels (1977) e Snow e Anderson (1998) consideram a mendicância como trabalho. Segundo Stoffels (1977), os mendigos têm a mendicância como profissão, voltada para duas finalidades principais, ou a sobrevivência imediata ou a acumulação com fim de "fazer poupança"²⁶. "A ordem da mendicância profissional estrutura-se em torno da continuidade da produção da dívida: manutenção do local de trabalho, formação de clientela, código normativo" (STOFFELS, 1977, p.118). A autora entende a mendicância como uma

relação de compra e venda de um serviço específico produzido a nível ideológico; no quadro de uma estruturação peculiar de atividade, o mendigo, ao produzir a dívida, vende os valores ideológicos de afirmação da ordem e boa consciência inerentes ao dom, valores que o cliente ("doador") compra com a esmola (STOFFELS, 1977, p.117).

Diversos são os fatores envolvidos na mendicância, Stoffels (1977) percebe um processo de trabalho, a escolha do ponto é fundamental. Dentre eles estão as portas

²⁵ Reiteramos que a mendicância não está restrita à população em situação de rua. Existem os que mendigam sem morar nas ruas, como uma forma de ampliar a renda familiar, ou em alguns casos, "fazer poupança" (Ver Prates; Prates; Machado, 2011).

²⁶ Salientamos que a prática da mendicância, usada em menor medida pela população em situação de rua não é utilizada somente pelas pessoas que utilizam as ruas como moradia. "Alguns sujeitos que utilizam o espaço da rua como sobrevivência, seja para a prática de mendicância, seja para a realização de trabalhos geralmente precários, como cuidar de carros ou fazer outros biscates, retornam para suas casas no final do dia e, portanto, não se caracterizam como alguém que habita as ruas" (PRATES; PRATES; MACHADO, 2011, p.195).

das Igrejas, as feiras, os comércios, faróis, praças, bairros residenciais. Todavia, além da escolha há também a necessidade de manutenção do mesmo, impedindo que outros utilizem o mesmo local para pedido, e, mesmo se utilizarem, a conquista da clientela é essencial para que escolham ajudá-lo. A linguagem é seu instrumento de trabalho, e diversas são as técnicas de pedido, com a utilização de discursos, apelo para a caridade, apresentação de documentos e de deficiências físicas que impossibilitam o trabalho. E a finalização do pedido através do agradecimento ao receber, respondendo com votos de felicidade e/ou retribuição divina.

Segundo Stoffels (1977) a mendicância não é a primeira opção das pessoas, muito pelo contrário. É depois de não terem outra alternativa que passam a utilizar a mendicância, quando chegam a um

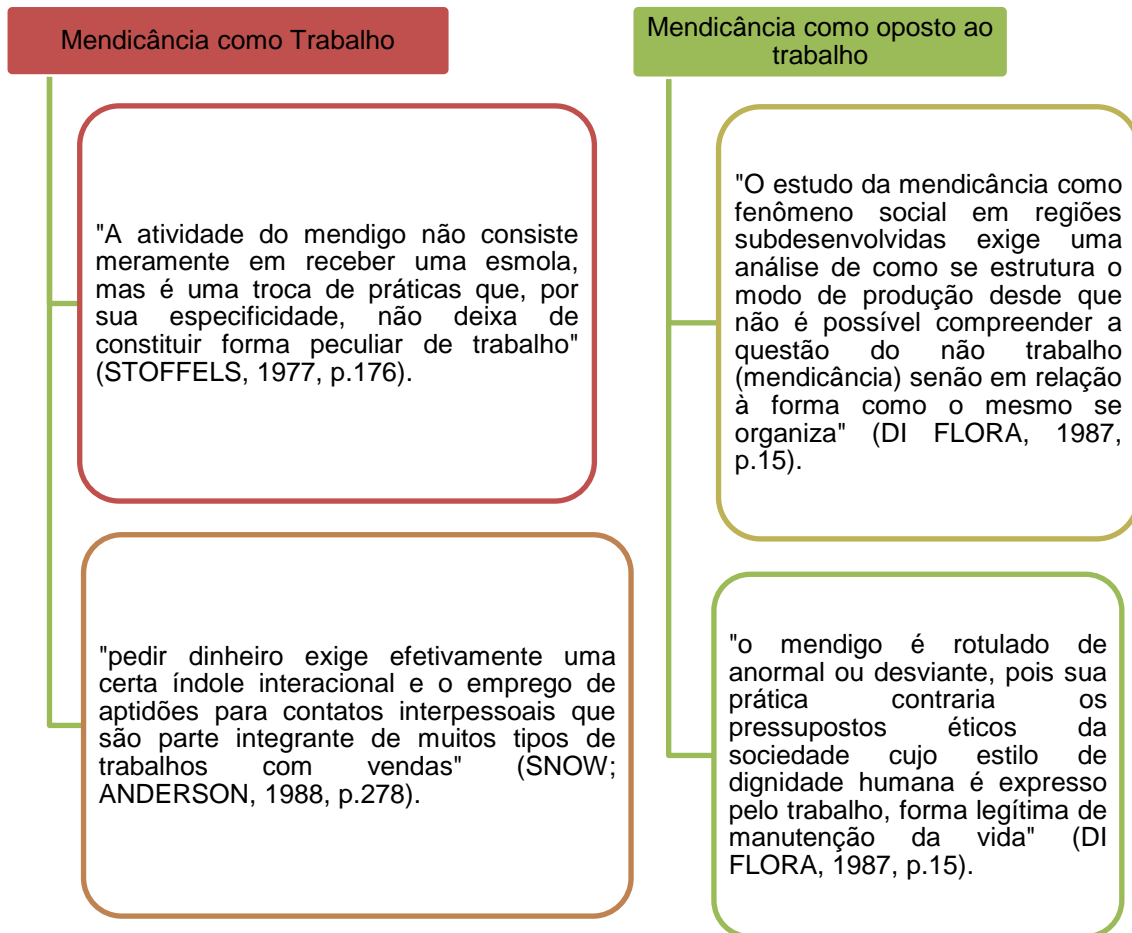
"ponto zero", momento predominante nos casos estudados, e correspondente sociologicamente ao nível zero de subsistência, entendido como esgotamento dos recursos sócio-econômicos suscetíveis de manter a sobrevivência do indivíduo, antes inserido numa situação de carência, mas possuidor de um mundo relacional peculiar (família, conhecidos) ou com acesso a mecanismos do sistema (trabalho) (STOFFELS, 1977, p.170).

Vim há três anos atrás, do Paraná, minha mãe morreu e fiquei sem família. Fiquei aborrecido. Ouvi falar em São Paulo. Dizem que aqui é bom e vim pra cá. Quando desci do trem, fiquei morando na rua, aqui e ali, nunca no mesmo lugar. Trabalhava em jardim. Quando perdi os documentos, comecei a catar papel de manhã e a pedir auxílio nas casas à tarde (STOFFELS, 1977, p.170).

O relato acima demonstra exatamente o "ponto zero" da citação anterior. Migrante, com vínculo familiar destruído através da morte de sua mãe, tem esperança de melhores condições de vida em São Paulo, onde passa a morar nas ruas, insere-se no trabalho informal, catando papelão, porém, o que lhe rende não é o suficiente e pede em casas.

A mendicância "Fundamenta-se [...] numa legitimação implícita que corresponde à reposição da afirmação de um vínculo de solidariedade, pela mediação dinâmica de caridade e piedade, do sentimento de bem-estar e inferioridade do outro, que configuram a doação" (STOFFELS, 1977, p.172). A figura a seguir expõe alguns argumentos da caracterização da afirmação e negação da mendicância enquanto trabalho.

Figura 13 - Mendicância



Elaboração própria

Na sociedade capitalista que idealiza o trabalho como elemento primordial para a dignidade, a mendicância encontra legitimidade somente para pessoas que não são aptas ao trabalho. Logo, a maior parte da população em situação de rua brasileira não encontraria legitimidade social para a mendicância, que está associada à vergonha, e ao desprezo, como pode ser observado no relato a seguir: "O que é ruim na rua, é o desprezo da gente que dá esmola. Não é que eles me agrediriam ou me insultariam, mas eles me tratam de 'vagabundo' ou me falam 'vai trabalhar' (...) quando eu peço na rua, não sou gente, sou vergonhoso" (STOFFELS, 1977, p.179).

A pesquisa de Stoffels (1977) trouxe diversos relatos de pessoas que se envergonhavam da atividade de sobrevivência que realizavam, pois, para estas, mendigar não é trabalho, reproduziam o discurso de considerar os que não trabalham como vagabundos. Alguns, para fugir deste rótulo desculpavam-se dizendo que eram incapazes para o trabalho, considerando-se doentes. Uma das

consequências da vergonha em pedir é a utilização do álcool e de outras drogas para ter coragem de praticar o pedido.

Como dissemos, para Snow e Anderson (1998) a mendicância e o pedido são formas de trabalho, visto que nessas estratégias de sobrevivência há gasto de energia, além de necessitar de uma capacidade de convencimento para que os outros lhe deem dinheiro, roupas, alimentos, dentre outros. Seriam a mendicância e o pedido trabalho? Para ilustrar nossa discussão trazemos abaixo um relato de um homem em situação de rua que sobrevive através da mendicância.

Meu nome é Ronald Davis. Estou nas ruas há um ano e meio (...). Os guardas aparecem às cinco ou seis da manhã. Então às seis eu começo a pedir e tento sobreviver (...).As pessoas passam por mim e dizem: "Arrume um trabalho vagabundo".

(...) Não me importo como, mas se eu conseguir um emprego, fazer isto humanamente... Você perde toda a sua humanidade quando está pedindo nas ruas. Entende?

(...) Não importa o que pensem de mim, sei que acima de tudo sou um ser humano. E não é pela minha aparência que há motivos para me chamar de vagabundo. Porque eu não sou (DAVIS, 2015).

No relato de Davis (2015) vemos a sua vergonha da prática da mendicância, especialmente pelo grau de preconceito sofrido, o fato de ser considerado pelas demais pessoas como um vagabundo e de muitos que dizem para que ele procure um emprego. Ele demonstra aflição devido à falta de emprego e as dificuldades que enfrenta em suas tentativas. Deseja uma inserção num trabalho para voltar a ter humanidade, pois se sente tratado como se não fosse humano, ao ficar em situação de rua.

Ele começa a pedir às seis horas da manhã, é uma atividade utilizada para subsistência diária, tida como indigna, afinal, como já dissemos, a dignidade encontra-se intrincada ao trabalho, e a mendicância e pedido não são considerados como trabalho. Todavia, não seria um trabalho? No caso dele, por exemplo, acorda cedo e pratica sua atividade de subsistência diariamente.

Seu trabalho assemelha-se ao daqueles que representam instituições de caridade e ligam diariamente para diversas pessoas solicitando doações. Claro que guardadas as devidas diferenças, visto que o trabalho desenvolvido nas ruas pelos pedintes é informal, não lhe renderá um salário no final do mês e sim rendimentos diários para

que possa viver naquele dia, dentre outros. Todavia, o que almejamos destacar é a ação básica desses trabalhos, ambos pedem dinheiro.

Davis (2015) não considera a atividade que realiza como trabalho, todavia, não seriam a mendicância, o pedido e o manguieio formas de trabalho? Uma das explicações para que ele não perceba o que desenvolve como trabalho, é o tempo em que está na rua. Como vimos o tempo de rua é um dado fundamental, contribui para pensar o momento de rua. Segundo Stoffels (1977, p.176), "o reconhecimento da prática da mendicância como trabalho equivalente ao trabalho legitimado pela ideologia dominante só existe no caso de mendigos altamente profissionalizados". E, estes são os que estão há mais tempo em situação de rua, como discutimos no primeiro capítulo, aqueles que tornaram-se "outsiders", encontram-se no momento em que "são da rua". A seguir um relato que considera a mendicância como trabalho:

O que eu faço é trabalho. Tem o mesmo valor do que qualquer outro trabalho. Eu sou profissional há muitos anos... Formar a freguesia é como no comércio; para mantê-la, é preciso uma conquista do coração para que a pessoa não vá comprar em outro lugar. É preciso que o cliente dê alguma coisa. Não se vive só com frequêns de bom dia. Eu levo todo mundo na minha harmonia (STOFFELS, 1977, p.176).

A seguir, um homem em situação de rua associa amabilidade ao processo de mendicância: "Eu recebo esmola, mas eu agradeço. É uma retribuição através de Deus. Tem também minha amabilidade. Eu compro a consciência devido aos meus modos" (STOFFELS, 1977, p.176).

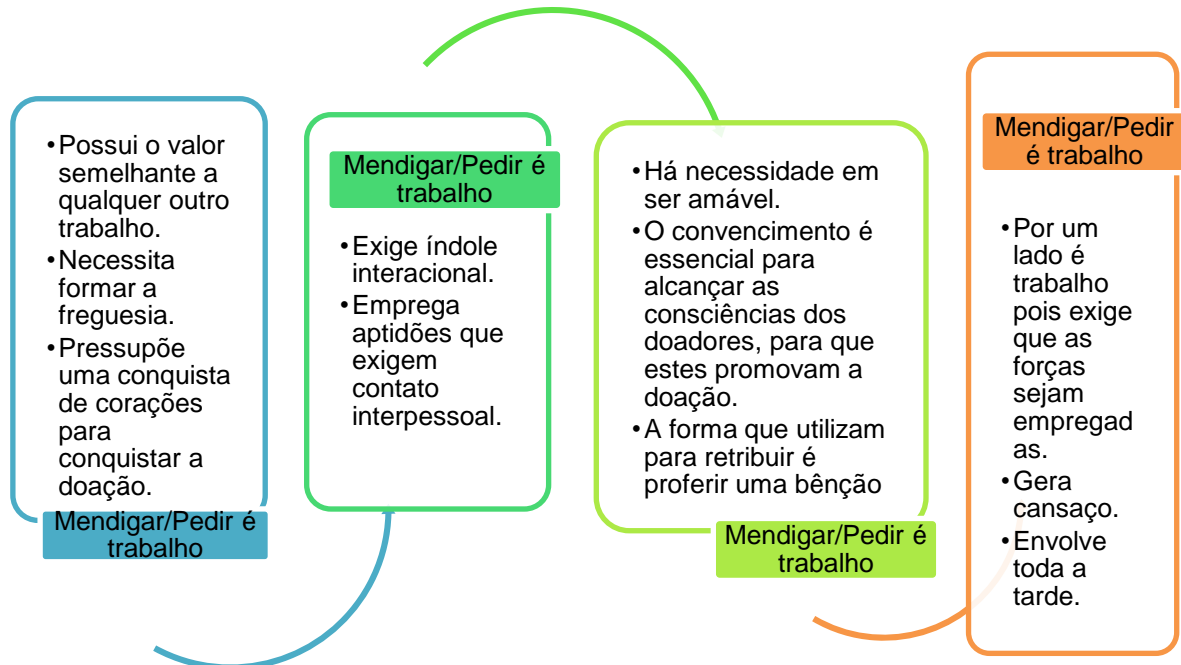
Alguns retratam a mendicância de forma ambígua, ora como trabalho ora como oposto ao trabalho, como pode ser visto a seguir:

Pedir é trabalho, num certo ponto. Pedir dá trabalho: [...]. Cansa muito. A gente fica aqui à tarde e à noite, vai embora. Mas, num outro ponto, não é: para o trabalho, a gente já tem que ter compromisso. Para pedir, a pessoa não tem: vem quando quiser, sai quando quiser. Pedir é melhor do que trabalhar, porque não tem compromisso. Por outro lado, é pior, porque no trabalho, a gente tem menos preocupação: ninguém briga com a gente porque a gente tá trabalhando (STOFFELS, 1977, p.176).

Outros, semelhantemente a Davis (2015), não consideram a mendicância como trabalho, como vemos no próximo relato: "Pedir não tem nada a ver com o trabalho. Trabalhar é usar as mãos às vezes, calejar, derramar... Na mendicância, tem muita gente que mente, é desonesta" (STOFFELS, 1977, p.175).

A seguir apresentamos uma figura que sintetiza principais motivos para considerar a mendicância e o pedido como trabalho de acordo com o que foi apresentado acima.

Figura 14²⁷ - Mendicância, uma forma de trabalho



Elaboração própria. Fonte: Stoffels (1977).

Através da figura acima vemos alguns fatores apontados por pessoas em situação de rua entrevistados por Stoffels (1977), que associam a mendicância com o trabalho. No segundo fator apontado, a necessidade em formar uma freguesia, há uma comparação com o comércio, que precisa envolver os clientes de forma que eles escolham seu estabelecimento para realizar a compra. Da mesma forma, o ato de mendigar para ele precisa agir de forma a conquistar pessoas que lhe ofereçam doação. Quanto à compra das consciências, diz respeito ao apelo sobre o dever moral de ajudar e ser caridoso. A retribuição da quantia doada é a bênção vinda de Deus.

O manguieio é outra estratégia de sobrevivência utilizada pela população em situação de rua, caracteriza-se por pedir dinheiro de uma forma diferente, conta-se uma história, normalmente muito triste que pode ser total ou parcialmente real, ou totalmente inventada visando sensibilizar as pessoas a dar-lhes dinheiro, roupas ou comida, como já destacamos no primeiro capítulo. "A história precisa ser dramática o suficiente para cativar e ter sucesso no estabelecimento da relação, e assim, obter

²⁷ A figura foi elaborada com base nos relatos trazidos por Stoffels (1977), presentes na página 176.

sucesso como estratégia para criar resoluções temporárias às circunstâncias da vida na rua e à própria sobrevivência" (MELO, 2011, p.66).

Cada contexto e situação particular favorecem as estratégias diferenciadas para o manguêio. O tipo de história que se usa com uma pessoa de idade avançada não é o mesmo que se usa com um jovem, da mesma maneira que a abordagem na frente de um supermercado com pessoas saindo das compras com suas famílias, não será a mesma utilizada na frente de uma festa com pessoas embriagadas e assim por diante (MELO, 2011, p.82).

Segundo Melo (2011), o manguêio abarca entrar na mente das pessoas, tocá-las profundamente através das histórias. Dessa forma, o manguêio envolve criatividade ao inventar ou alterar uma história, dramaticidade ao contá-la, capacidade de persuasão para que os outros lhe deem o que estão pedindo e análise do público abordado e do local escolhido para planejamento.

Um palestrante informa-se a respeito do público a quem falará, usando palavras e formas de dizer diferentes para cada auditório, e um professor fomenta discussões diferentes para cada etapa, pois para que os estudantes entendam um debate sobre determinados assuntos ele precisa entender outros. Essa análise do público também está presente como estratégia daqueles que praticam o manguêio, porém, resguardadas as suas particularidades, visto que no manguêio não há uma relação de trabalho assalariado.

Segundo Paulo, "Quem tá na rua tem uma idéia fácil de convencer. O usuário então... é o maior manipulador." E ainda; O manguêador deveria trabalhar de vendedor. Quando você vai numa loja, você chega lá e sabe o que quer comprar. Vamos dizer, você vai comprar uma calça, você escolhe a calça e vai levar. O vendedor tá ali pra te atraparhar, ele quer te convencer a levar uma meia, uma cueca, outra coisa que você não foi lá pra comprar (MELO, 2011, p.81).

Segundo Melo (2011) a história contada muda de acordo com a situação. Para pessoas que estão saindo de boates e casas de festas alcoolizados, eles pedem dinheiro para comprar bebida alcoólica, mesmo se estiverem com fome e queiram a doação para custear alimentos. Nas portas de supermercados e igrejas a abordagem muda, pode falar da fome, ou da necessidade em juntar dinheiro para comprar remédio ou uma passagem, ainda que a real utilização seja outra.

4.2 Fim do trabalho?

Diversos autores acreditam na perda da centralidade do trabalho. Para eles, o trabalho deixou de ser agente integrador, e está fadado ao desaparecimento.

Jeremy Rifkin, André Gorz e Adam Schaff são alguns deles. Teriam eles razão? Haverá desintegração da sociedade do trabalho?

Um ponto discutido pelos defensores do fim da sociedade do trabalho é a informatização e inovações tecnológicas que levam cada vez mais pessoas ao desemprego, através do aumento no número de máquinas e redução no número de trabalhadores, que chegaria ao ponto de não haver mais trabalhadores.

Gorz usa a expressão abolição, para referir-se ao lugar em que o trabalho chegará. Para ele, a crise do capitalismo levou à substituição da classe trabalhadora pelo que chama de uma não classe de não trabalhadores, que seria formada pelos trabalhadores que estão fora do mercado formal, e os que trabalham em tempo parcial, temporários e desempregados. O caminho apontado pelo autor é a redução do tempo de trabalho, para que haja redução da desigualdade social, gerando o benefício de todos (SILVA, 1999; CARDOSO, 2011).

Essa tese nos leva a entender que se o trabalho deixa de ser o elemento fundador da riqueza, a reivindicação dos meios de produção pela classe que vive do trabalho torna-se prescindível e sem sentido, e o capitalismo continuaria a reinar, sem alternativas para um projeto revolucionário. Visto que, a classe potencialmente revolucionária, aquela que vive do trabalho, desapareceria (PRIEB, 2000, p.68).

O referencial teórico que embasamos esse trabalho, como ficou nítido desde a introdução, é crítico, discutimos a respeito de diversos aspectos da obra de Marx (2013), relacionando-o com o tema proposto. Esse autor evidencia a relevância do trabalho para o modo de produção capitalista. O diferencial em Marx é exatamente esse, enquanto outros pensadores embasavam a explicação da geração da riqueza pelas rendas da terra e outras fontes, Marx identificou a mercadoria especial do capitalismo, única capaz de gerar riqueza, a força de trabalho que no capitalismo é aprisionada pela forma assalariada. Ainda que alguns autores dessas teorias do fim do trabalho se intitulem marxistas, negar a centralidade do trabalho é negar as ideias centrais de Marx.

Em suma, ainda estamos numa sociedade na qual todos são subordinados a uma dinâmica do trabalho que se põe por si mesma. "Todos" neste caso, tem abrangência ilimitada, envolvendo tanto os trabalhadores ocupados e desocupados, que têm no trabalho a garantia de sua subsistência social e mesmo biológica, quanto os próprios capitalistas, que são compelidos pela

concorrência a empurrar adiante a produção a qualquer custo, ou melhor, ao menor custo possível (CARCANHOLO; MEDEIROS, 2012. p.185).

O trabalho no modo de produção capitalista é cada vez mais alienado e suas relações fetichizadas, abarcando diversos tipos de trabalho, mesmo os mais precários, que aparentemente estão externos a relações capitalistas, mas quando olhamos com atenção percebemos que são funcionais. O que não demonstra o fim do trabalho e sim a amplificação da exploração.

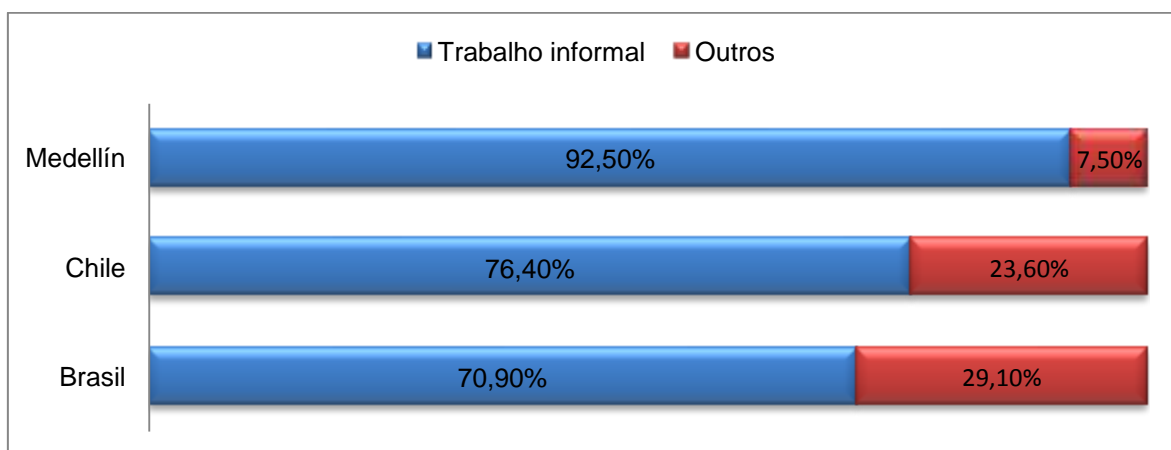
Nos parece que a população em situação de rua é prova de que o trabalho continua central no mundo em que vivemos, e que o seu fim não ocorrerá no modo de produção capitalista, afinal, continua preponderante para o capitalismo.

Afinal, mesmo numa condição em que poderiam utilizar outras estratégias de sobrevivência, a população em situação de rua busca no trabalho informal a sua principal estratégia de subsistência, sua realização enquanto ser humano e sua ação para evitar a discriminação.

4.3 Informalidade na situação de rua

Sabemos que a informalidade é um fator essencial para a população em situação de rua, seja para a estrita sobrevivência, como para afirmar-se enquanto pessoa, em busca de dignidade. O gráfico que segue demonstra que esse trabalho está presente também em outros países. O gráfico seguinte destaca a informalidade como principal atividade realizada pela população em situação de rua de acordo com as pesquisas de Medellín (2009), Chile (2012) e Brasil (2008).

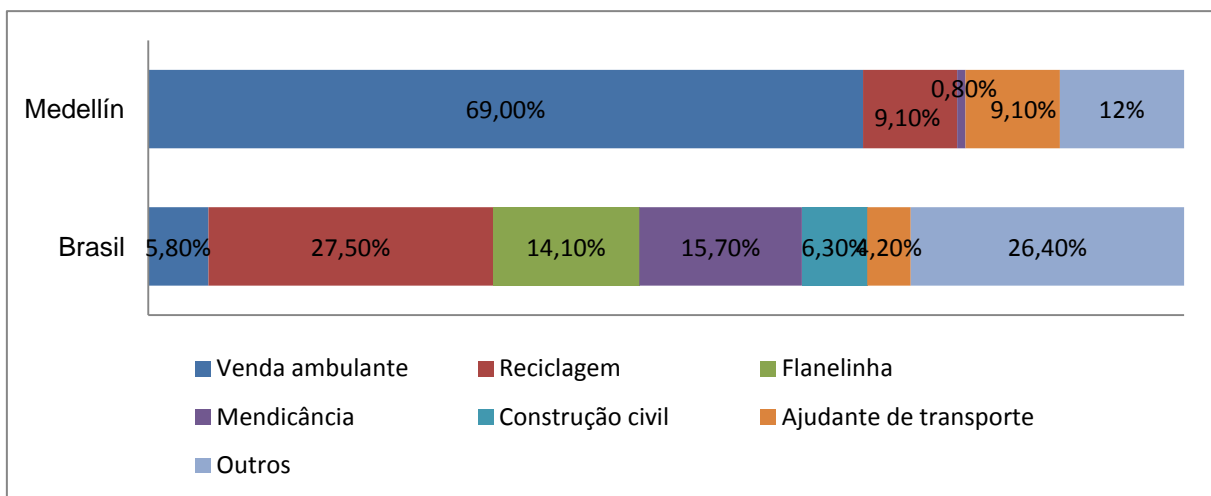
Gráfico 2- Informalidade na situação de rua



Elaboração própria. Fonte: Brasil (2008), Chile (2012), Calcagno (1999) e Medellín (2009).

A figura acima evidencia que a utilização da informalidade como principal estratégia de sobrevivência na situação de rua não é restrita ao Brasil. No Chile totalizou 76,40%, enquanto Medellín traz um número ainda mais expressivo, visto se tratar de 92,5%. Com relação aos trabalhos realizados pela população em situação de rua, em Medellín as vendas ambulantes se destacam, enquanto no Brasil o trabalho com materiais recicláveis é uma das principais atividades, conforme vemos no gráfico seguinte.

Gráfico 3- Trabalhos informais desenvolvidos²⁸



Fonte: Medellín (2009); Chile (2012); Quiroga (2010)²⁹. Elaboração própria.

Na pesquisa nacional feita no Chile, além dos elementos estruturais e biográficos presentes no fenômeno, destacam, compondo a ruptura de vínculos sociais, a família e trabalho regular. "Ruptura de los vínculos laborales. Las personas no tienen un empleo o no tienen un empleo fijo que les proporcione ingresos estables. Aunque, probablemente, alguna vez lo tuvieron" (CHILE, 2012, p.20).

Reconhecem que os fatores estão intimamente ligados, de forma que a ruptura de um laço contribua para que o outro também seja destruído. A perda do emprego, por exemplo, pode ser motivada pela dificuldade em superar o abandono ou a morte da

²⁸ As pesquisas não evidenciam os trabalhos ou a mendicância como trabalhos informal, para nós estão envolvidos na informalidade, por isso apresentamos o gráfico dessa forma.

²⁹ Os dados do Brasil dados foram retirados da apresentação de Júnia Quiroga no Seminário Nacional sobre Direitos e Garantias da População em Situação de Rua realizado no dia 03 de novembro de 2010, em Brasília.

esposa. O contrário também pode acontecer, e os desentendimentos familiares serem motivados pela perda do emprego (CHILE, 2012).

el proceso de superación de la situación de calle dice relación con la revinculación de las personas con sus propios proyectos de vida, con la reconstrucción de relaciones edificantes y con la progresiva reincorporación al mercado del trabajo que les permita obtener su autonomía de acuerdo a su contexto (CHILE, 2012, p.20).

Assim, a pesquisa chilena indicou o trabalho como fundamental para entrada e saída das ruas, uma vez que a sua perda é preponderante, para, somado a outros fatores, culminar na situação de rua. E a inserção num emprego para a superação dessa situação, ao reincorporar-se ao mercado de trabalho. Seria o trabalho informal fundamental para essa superação?

Para o desenvolvimento dos trabalhos informais é necessário considerar alguns aspectos, tais como se precisarão recorrer a instrumentos de trabalho (carroças, carrinhos), a escolha do local e a regularidade ou intermitência do trabalho, a relação com o Estado (através da polícia, por exemplo) e a relação com os clientes (ESCOREL, 1999).

A intermitência é uma das características do trabalho desenvolvido pelo grupo aqui estudado, pois o objetivo é a sobrevivência imediata, o que contribui para que, em alguns casos, num dia estejam catando latas, no outro papelão, carregando e descarregando caminhões, ou vigiando carros. A figura do biscateiro, que faz de tudo, está presente. Embora trabalhem exaustivamente, dificilmente conseguem uma renda que supra além de necessidades imediatas (ESCOREL, 1999).

Com frequência eles são submetidos às condições de trabalho escravo: trabalha-se muito sem segurança alguma, tampouco possuem garantias trabalhistas. Snow e Anderson (1998) contam que é comum a realização de atividades como limpar quintais, aparar a grama de jardins, fazer telhados, todavia não há garantia de pagamento, e, ocorre deles trabalharem e nada receberem ao final do dia. Vieira; Bezerra e Rosa (2004) contam que em São Paulo existem empreiteiros chamados de gatos urbanos que selecionam alguns para trabalhar em péssimas condições de trabalho com baixíssima remuneração. Elas também destacam casos onde as pessoas trabalharam, mas não receberam.

O trabalho também está fortemente envolvido na vida dos chamados trecheiros, aqueles que se deslocam pelo país motivados por notícias de emprego e migram em busca de trabalho. Às vezes, quando não conseguem o que almejam, passam a utilizar as ruas como moradia. O relato adiante ilustra esse fato:

De Manaus fui para Porto Velho trabalhar no garimpo e peguei malária. Fui para Cuiabá e trabalhei durante um ano e pouco, mas fui despedido. A fábrica despediu os empregados mais velhos de tempo de serviço. Era cozinheiro. Depois vim para São Paulo. Voltei para o Acre, mas não consegui emprego. Fui para a Bolívia atrás de serviço. Percorri várias cidades trabalhando no garimpo. Fui pra Cuiabá e novamente para São Paulo (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p.85).

No que diz respeito à inserção num trabalho formal, nas ruas a dificuldade aumenta em demasia, conforme vimos no primeiro capítulo. Desde a ida ao local de entrevista até o momento em que superam todos os obstáculos e conseguem o emprego, isso é expresso no relato a seguir de Moacir da Silva Ribeiro: "A gente sai atrás de emprego, mas não acha. Quando acha e fala que é de albergue, já não dão trabalho. Às vezes, tem que achar um comprovante de residência no meio do lixo para poder conseguir alguma coisa" (VIANA, 2006, p.4).

Ainda que consiga vencer esses obstáculos e conseguir o trabalho, manter-se nele também é permeado por problemas (SNOW; ANDERSON, 1998).

4.3.1 Homem provedor

Uma das explicações para que uma significativa parcela da população em situação de rua seja formada por homens é a consequência da noção do homem provedor. O homem é pressionado a buscar os meios de subsistência próprios e de sua família, quando não consegue culpa a si mesmo e sai de casa em busca de meios para manter a si mesmo e a sua família. Não conseguindo um trabalho que lhe renda o suficiente para tal, prefere ficar nas ruas a voltar para casa em condições piores que saiu. O relato adiante expressa bem isso:

Eu não posso voltar pra casa do jeito que eu tô, por isso eu queria arrumar um quarto pra mim, estabilizar-me de novo, ir juntando meu dinheiro, levar minha vida normal como eu tinha antigamente, depois, comprar minhas coisas como eu tinha e aí eu agarrar e voltar pra minha casa; vou chegar na minha casa de bermuda e uma mochila nas costas (SCOREL, 2006, p.147)?

Ainda sobre essa vergonha em não conseguir os recursos básicos para manter a casa e a família, "São comuns a narrativa de não ter conseguido 'ser homem o suficiente', causando grande vergonha" (MELO, 2011, p.46).

O trabalho é fundamental para a efetivação do "dever social masculino de genitor e provedor" (ESCOREL, 1999, p.110). O homem sente a necessidade de manter financeiramente a si próprio e à sua família. Quando ele não consegue sente-se fracassado, incapaz, inútil e passa a procurar um trabalho para cumprir seu papel de provedor, às vezes essa busca o leva a migrar. E quando não consegue emprego prefere viver nas ruas a passar pela vergonha de retornar de forma pior do que saiu. Salientamos que essa relação não é meramente cultural, mas estrutural ao capitalismo.

De acordo com os códigos sociais as mulheres têm o seu lugar na casa, seu compromisso é com a reprodução, enquanto aos homens caberia prover a família. "A função de reprodução remete ao espaço privado da existência, tendo como lócus a casa, e a de provedor induz às atividades na esfera pública" (COLBARI, 1995, p.112).

Trata-se de uma hierarquia, onde a figura do homem provedor é o eixo estruturante. "A estabilidade da vida familiar depende, portanto, da situação do homem no mercado de trabalho. Por essa razão, as oscilações econômicas que afetam a oferta de emprego potencializam as tensões familiares" (COLBARI, 1995, p.121).

Nesse contexto, o desemprego vem acompanhado de uma desestabilização no nível familiar, o homem deixa de prover e perde poder dentro de sua casa, perante sua família (COLBARI, 1995).

Essa noção do homem provedor pode ser vista no relato de Luis Maria de Jesus Ferreira: Saiu de casa em busca de trabalho, quando consegue, junta dinheiro e volta para casa. "Eu sempre saí de casa com a ideia de conseguir dinheiro. Agora minhas voltas estão demoradas, pois não estou encontrando emprego e não gosto de voltar para casa sem dinheiro" (COSTA, 2005a, p.2).

Os indivíduos não percebem mais nenhum futuro plausível em nenhum modo de vida integrado à dinâmica social e perdem o sentido da vida. Desesperançados e sentindo-se inúteis, procuram compensações para seus azares ou defeitos na bebida (ESCOREL, 1999, p.57).

A utilização de álcool e outras drogas é um elemento presente no fenômeno população em situação de rua. O que desejamos destacar aqui é sua relação com o fracasso pessoal, pois uma das formas da vida perder o sentido é quando o desemprego os acomete e ao não conseguirem inserção num novo trabalho buscam um esconderijo no vício. Outra situação recorrente é quando a utilização de entorpecentes passa a ocorrer nas ruas, como instrumento de socialização e uma forma de esquecer os problemas (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004; ESCOREL, 1999).

4.4 Centralidade do trabalho e relevância da informalidade

O trabalho, portanto, é uma referência fundamental para o indivíduo, influenciando decisivamente não apenas na construção de sua identidade individual e profissional, como também em sua forma de inserção no meio social (...) uma vez que na sua relação com o trabalho o indivíduo constrói uma rede de significados que influenciam a centralidade das outras esferas de sua vida (SOUZA; TOLFO, 2009, p.1).

Há alteração no significado do trabalho para aquelas pessoas que passam pelo processo de rualização. O trabalho não é mais permanente, torna-se intermitente, o horário deixa de ser regulado externamente pelo patrão, passa a ser regulado pelo trabalhador, o pagamento não é mais ao final do mês e sim ao final do dia (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004). A seguir veremos parte do relato de Raimundo que têm a sua vida embasada no trabalho.

Repórter: Você veio da Bahia há quantos anos?

Entrevistado: **Eu vim da Bahia** está com **dois anos e meio** (...). **Eu vim para trabalhar** de na (sic) obra. (...) Pegavam uma perua aqui e iam na Bahia: Quem quer trabalhar de pedreiro em São Paulo? Pago tanto, num sei o quê (...).

R: Mas durou pouco, o empreiteiro deu um golpe.

E: Pegou uma bolada e sumiu. E ficou todo mundo dentro da obra lá (RECORD, 2015, transcrição e grifo nosso).

Vemos a migração em busca de trabalho, trajetória presente em grande medida nas histórias da população em situação de rua. Essa tentativa vai além de meramente encontrar um emprego, visto que o trabalho é central em diversos aspectos, sua busca é acompanhada por sonhos e esperança de uma vida melhor. Na próxima citação Raimundo demonstra isso.

O relato demonstra um homem que assim como muitos outros são "progressivamente aliçados do mercado formal de trabalho, [...] exercem atividades

profissionais intermitentes e instáveis, de baixa remuneração, e não têm residência fixa, vivem a alternância da moradia em pensões, em albergues e nas ruas da cidade" (ROSA, 2005, p.36).

Narrador: Mas por enquanto, Ramiro não pensa em voltar.

Entrevistado: Porque **aqui você arruma "dez real"**, você arruma durante o dia, mas i lá pra você arrumar é mais difícil. Aí você fica aqui e acaba ficando, ficando. Aí **depois você "esmagrece", fica feio, fica com vergonha de voltar para lá** (RECORD, 2015, transcrição nossa)...

Atentamos para a explicação do porquê continuam em São Paulo morando nas ruas, ao invés de voltar para o seu local de origem, a Bahia. Para ele é menos difícil conseguir rendimentos em São Paulo do que na Bahia. Sobre isso, Vieira, Bezerra, Rosa (2004) e Silva (2009) explicam que as grandes cidades são preponderantes com relação à população em situação de rua, que é um fenômeno urbano, afinal, os grandes centros urbanos oferecem uma arquitetura que permite a existência de pessoas morando nas ruas, assim como apresentam trabalhos informais que possam lhes proporcionar rendimentos.

Sinalizamos no primeiro capítulo que o fenômeno social aqui estudado é predominantemente urbano, já desde seu surgimento, pois "a circulação do capital ocorre com maior intensidade nos grandes centros urbanos. Com isso, as alternativas de trabalho para garantir a subsistência diária são favorecidas, ainda que sejam alternativas precárias, como as acessíveis" (SILVA, 2009, p.116). Isso é demonstrado acima na fala de Raimundo. Nas grandes cidades há maiores oportunidades de obtenção de renda.

Trata-se de atividades geralmente realizadas por conta própria, onde se exploram criativamente recursos existentes na rua (...). Nessa situação o trabalhador vai se apropriando dos recursos considerados lixo pela sociedade. É o caso, por exemplo, do catador de papel e de outros materiais reaproveitáveis.

A rua oferece ainda a possibilidade de realização de pequenos expedientes, como carregamento de caminhão em áreas cerealistas, a guarda e lavagem de carros e mesmo pequenos roubos (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p.104).

Pensando nos materiais recicláveis, o meio necessário para a realização da principal atividade da população em situação de rua, é nos grandes centros urbanos que eles estão presentes em maior número, o que é lixo para muitos torna-se meio de sobrevivência para diversas pessoas. Raimundo é um exemplo, como vemos a seguir.

Repórter: Desempregado, analfabeto, Ramiro está há quase dois anos na rua. É catador. O que não serve pra os outros, serve para ele.

(...) Narrador: Para um atleta já seria um esforço e tanto. Imagine então, puxando uma carroça. Ramiro faz diariamente uma rota que passa por vários bairros, até voltar para o centro de São Paulo. Nunca menos do que uns vinte e cinco quilômetros (RECORD, 2015, transcrição nossa).

A estigmatização com relação às pessoas que compõem o grupo aqui estudado é um fato reconhecido por diversos autores. São vistos como vagabundos, preguiçosos, que não se esforçaram o bastante, loucos, sujos, incapazes. Pontes, um homem em situação de rua na região Central de São Paulo expressa bem o preconceito sofrido: "O cara que vai para rua, virou mendigo, tem valor de quê? O cara não tem onde morar dorme na rua, não tem onde tomar um banho, não tem nada e não vale nada" (COSTA, 2009, p.1). Neste relato vemos a introjeção do preconceito, ele sente-se sem valor por estar em situação de rua.

Todavia, o que vemos na realidade são pessoas que trabalham arduamente, como demonstramos ao longo dessa dissertação. E o relato de Raimundo indica que são trabalhadores, e o fato de não terem uma carteira assinada, tampouco direitos trabalhistas, não pode lhes tirar a condição de trabalhadores.

A seguir encontraremos o último fragmento que destacaremos da entrevista realizada com Raimundo. Nele podemos ver mais um momento para o qual o trabalho é substancial, as expectativas quanto ao futuro e o desejo explícito em sair da situação de rua.

Repórter: Como é que você vai estar se a gente chegar aqui daqui uns três, quatro, cinco anos e procurar você?

Entrevistado: Não vai me encontrar mais aqui na rua.

R: Não?

E: Não vai me achar mais.

R: Vai encontrar onde?

E: Ah, vai me encontrar (...) na minha casa.

R: E, aonde é esta casa?

E: Que seja aqui ou que seja na Bahia, eu quero é a minha casa. Eu vou lutar para comprar meu terreninho, fazer meu cômodo devagar. Vou fazer um cômodo, vou rebocar, entrar pra dentro. Vou trabalhar e vou fazendo outro, vou trabalhar e vou fazendo outro, porque eu aprendi assim, sabe? Ah, eu vou comprar um terreno e vou demorar quinze anos para pagar. Vai demorar demais. Não senhor, eu tenho que comprar (RECORD, 2015, transcrição nossa)...

Duas características fundamentais estão presentes no fenômeno aqui estudado, a complexidade e heterogeneidade. Dessa forma, o trabalho informal possui diversas funções na vida da população em situação de rua. Pode ser o caminho da superação para alguns, enquanto para outros é um meio de sobrevivência e ainda outros podem perceber o trabalho numa perspectiva ideológica e psicológica, sentindo-se mal, inútil ao não trabalhar, como evidenciaremos nos relatos.

Uma visão superficial poderia pensar que se a perda do trabalho formal é um dos fatores presentes para a composição da situação de rua, bastaria que conseguissem emprego e a situação de rua findaria. Todavia, não é simples assim, diversos são os fatores envolvidos e, enquanto não findar a contradição capital/ trabalho o fenômeno não terá fim.

E, nem sempre a inserção num emprego formal indica a superação da situação de rua. Ilustra bem essa afirmação a história de Eduardo, contada por Melo (2011). Ele estava trabalhando na instalação de ar-condicionado e recebia mil e quatrocentos reais por quinzena. Porém, continuava nas ruas. Sendo um exemplo de que nem sempre inserção num emprego formal significa superação da situação de rua. O pesquisador perguntou sobre o porquê dele não sair das ruas. Sua resposta, como vemos a seguir, demonstra um vínculo identitário com a rua.

Em sua resposta, me disse que a diferença entre nós era que eu não sou "vida loca", ao contrário dele. Relatou-me que ele tem um filho e morava com a esposa, mas que a vida desregrada lhe fez perder tudo que tinha de uma maneira bastante radical e que agora não tinha mais para quem dar nada. No momento em que vivia com sua família, ele proporcionava tudo que podia à mulher e ao filho, mas desde esta época já vivia de maneira "louca" e aos poucos foi perdendo estes vínculos. Sendo que hoje, tudo que sobrou são as relações que ele constituiu na rua, assim, com o dinheiro que ganha, acaba por prover diversão para si mesmo e para seus companheiros (MELO, 2011, p.76).

Na conclusão do estudo do Chile (2012, p.159), percebe-se a população em situação de rua como " personas activas e ingeniosas que trabajan varias horas al día, a veces en más de una actividad, consiguiendo a cambio muy poco dinero ".

No grupo populacional aqui estudado encontramos diversos relatos que indicam sua identificação com a ética do trabalho e revelam a relevância da informalidade em suas vidas. A seguir trazemos alguns desses relatos encontrados no jornal "O Trecheiro", uma publicação de São Paulo voltada para a população em situação de rua.

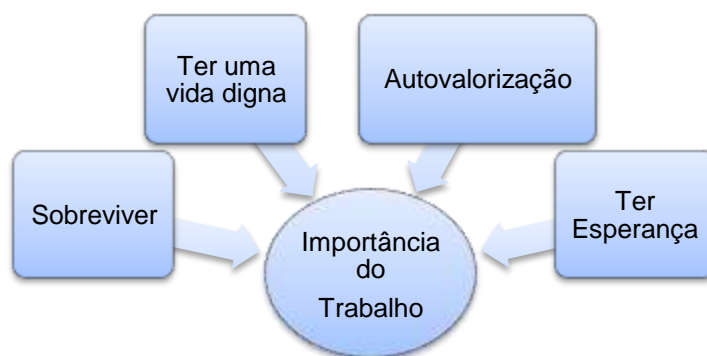
"Povo de rua não é mendigo, não! A gente trabalha, a gente tem carroça, a gente faz artesanato, a gente faz uma porção de coisa, a gente não é bandido. Somos gente, somos povo de rua" (LIMA, 2004, p.4). Além da negação da mendicância, cita dois tipos de trabalhos informais realizados. Fica explícita a identidade ligada ao trabalho e a repulsa à ideia da mendicância, isso é comum especialmente quando ficam ou estão na rua (recém-deslocados e vacilantes).

O trabalho é o critério para determinar a legitimidade e a dignidade da existência do cidadão. A identidade do trabalhador está constituída por um lado pela auto-representação, mediadora ou não da identidade de provedor, em que o indivíduo se reconhece como integrante do mundo do trabalho. Por outro lado, interfere também na identidade de trabalhador, a representação (reconhecimento, legitimidade e valorização) que a sociedade tem de suas atividades ocupacionais enquanto trabalho digno, produtivo e socialmente útil (SCOREL, 1999, p.196).

O trabalho conquistou grande magnitude de importância em diversos aspectos da vida e a própria existência da humanidade e de realizações pessoais. A falta do trabalho acarreta numa auto-desvalorização, um sentimento de inutilidade que gera um forte abalo emocional, como ilustramos a seguir (NUNES, 2012).

"A gente precisa de trabalho para sobreviver e ter uma vida digna, e para se valorizar e ter esperança" (VIANA, 2006, p.4). Sueli traz quatro aspectos da importância do trabalho em sua vida, conforme vemos a seguir.

Figura 16 - Importância do trabalho



Elaboração própria. Fonte: O Trecheiro (2006, p.4).

A centralidade do trabalho em seu poder subjetivo e material é incontestável. Além de ser essencial para a sobrevivência, a dignidade pessoal é afetada pelo desenvolvimento de um trabalho, para que se valorize enquanto pessoa e tenha esperança o trabalho é imprescindível. A seguir, Cleodoaldo expressa o que de fato deseja a população em situação de rua.

Povo da Rua, apesar das aparências não é burro e não quer esmola. Quer trabalhar. Ao invés de nos enganarem procurem desenvolver uma política de governo que gere emprego, mesmo que seja indireto, mas que nos dê autonomia para levarmos uma vida digna (SILVA, 2003, p.4).

Além dos quatro aspectos a respeito da importância do trabalho destacados anteriormente, outras questões que nos chamaram a atenção ao fazermos a análise dos relatos presentes no Jornal "O Trecheiro".

Vejamos o quanto o trabalho, tanto a sua falta quando sua realização na forma informal influi na vida dessas pessoas, o trabalho passa a ser um sonho. Isso pode ser visto na vida de Cigano, que não conseguiu emprego e foi morar nas ruas, onde sobrevivia através da catação de materiais recicláveis. "Seja o que for, ele vai levar o seu grande sonho para frente, de sair da rua e retornar a vida de trabalho" (STALINSKI, 2005, p.2)³¹.

Onício Almeida Pinto trouxe um relato semelhante: ficou desempregado, segundo ele, devido sua idade e está há 3 anos morando nas ruas e em albergues. Ele diz: "Hoje, meu sonho é trabalhar, ter uma casa e uma família digna" (FRESIA, 2009, p.2)³².

Rafael Fernandes Rocha saiu de casa por causa das drogas, na falta de um emprego foi para um albergue, seu sonho "é estudar, trabalhar, ter família e ter minha casa" (COSTA, 2008, p.2).³³

Observamos que nesses três relatos esses homens trazem o trabalho como um sonho. Assim, mesmo num mundo capitalista, que oprime e explora os trabalhadores, ainda que estes sejam a peça fundamental desse modo de produção, onde poucos são beneficiados em detrimento de muitos, onde o trabalho é cada vez mais alienado e suas relações cada vez mais fetichizadas. Para essas pessoas que estão em situação de rua o trabalho é visto como um sonho. Logo, para além de uma necessidade objetiva de sobrevivência.

Com o surgimento do capitalismo engendrou-se uma concepção do trabalho que o exalta como central na vida das pessoas, como o único meio digno de ganhar a vida, independente do seu conteúdo. Segundo esta ética, trabalhar duro conduz ao sucesso econômico (BORGES; YAMAMOTO, 2004, p.58).

³¹ Relato nº 20 do mapa de análise.

³² Relato nº 36 do mapa de análise.

³³ Respectivamente nº20, 36 e 30 do mapa de análise presente no apêndice A.

Os relatos que traremos a seguir retratam o reconhecimento do trabalho como meio de sobrevivência e caminho para a saída da situação de rua. Carlos Henrique foi criado pelos avós, depois do falecimento deles foi morar com o pai, que era alcoólatra, contribuindo para a aproximação de Carlos Henrique ao vício, a partir disso passou a usar as ruas como moradia. Ele diz:

Preciso de ajuda. Que ajuda eu preciso? Preciso que algum empresário se interesse em fazer uma doação de um carrinho de papelão pra eu poder trabalhar, de uma casa pra morar. Ah, mas você está pedindo demais! Eu não sei se eu estou pedindo demais. Depois de 18 anos, eu tentei morar nas casas de recuperação, nos albergues. E lá só tem pessoas mais doentes do que eu. Porque hoje não uso drogas, não bebo cachaça, não estou roubando ninguém. Tenho dificuldades até para pedir um vale transporte, e às vezes, passo comendo pão o dia todo ou bolacha com café, porque perdi o carisma de pedir esmolas (COSTA; RIBEIRO, 2003, p.2)³⁴.

Carlos Henrique não pede um trabalho formal, somente um carrinho para que ele pudesse trabalhar. Snow e Anderson (1998) apresentam um cenário de baixa expectativa em conseguir emprego, especialmente entre aqueles que estão há muito tempo em situação de rua, os "outsiders". Quando possuem menos tempo de rua eles buscam um emprego formal, se inscrevem em vagas, porém, ao falhar em seu objetivo, depois de muitas tentativas, eles deixam de acreditar na possibilidade de acessar um trabalho formal e buscam outras estratégias de sobrevivência.

Carlos Henrique está há muitos anos na rua, pelas características apontadas pelo seu relato no Jornal "O Trecheiro" de abril de 2003, está na última fase, "ser da rua", "outsider". Mesmo assim ele possui a necessidade de trabalhar, como vimos acima e ele termina dizendo: "vou ser sincero pro amigo: eu não aguento mais morar na rua! Eu não aguento mais! Se eu ficar mais dezoito anos na rua, vou morrer louco!" (COSTA; RIBEIRO, 2003, p.2).

Outro fator importante que precisamos destacar nessa história, é que ele pede uma carroça, logo, o trabalho que pretende desenvolver está na informalidade, que é a principal atividade de sobrevivência da população em situação de rua, sendo que a catação de materiais recicláveis representa 27,5% dos trabalhos realizados, segundo a pesquisa nacional e chega a 75% nos relatos do jornal "O Trecheiro", conforme veremos a frente, na figura 21 (BRASIL, 2008).

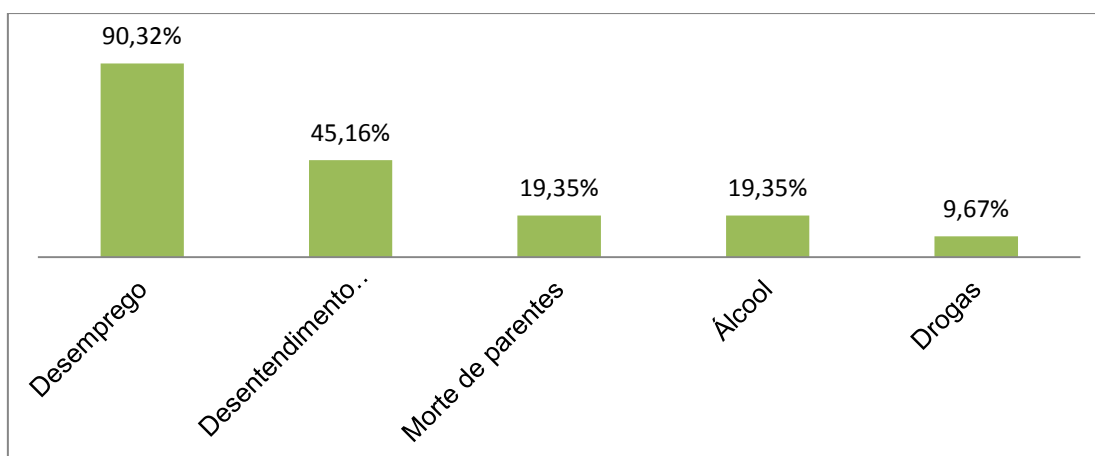
³⁴ Relato nº 4 do mapa de análise.

Oswaldo Manoel Vicente migrou para São Paulo em busca de um emprego, "Seu sonho é gravar um CD e poder voltar para sua terra de cabeça erguida" (COSTA, 2004, p.2)³⁵.

Oswaldo possui uma trajetória bem semelhante à de muitos outros que se encontram em situação de rua, visto que deixou seu local de origem e sua família em busca de emprego. A falta de emprego em sua terra natal lhe motivou a sair e buscar melhores condições de vida em São Paulo, onde também não conseguiu inserção. Então, vemos o trabalho aqui com tripla importância, primeiro para a ida para a situação de rua, segundo para a esperança em conseguir um emprego e assim lograr êxito em sair da situação de rua. E terceiro como condição fundamental para a superação da situação de rua.

Aliás, o desemprego é uma das principais motivações para a situação de rua, a pesquisa nacional indicou que 29,8% citou o desemprego como motivo para a ida para a situação de rua, enquanto 35,5% disseram a utilização de álcool e outras drogas e 29,1% os desentendimentos familiares (BRASIL, 2008). A seguir, através da próxima figura trazemos as principais motivações do processo de realização, segundo a visão das pessoas que passam por ele, que encontramos ao analisar o jornal "O Trecheiro".

Gráfico 4- Motivações³⁶



Elaboração própria. Fonte: Jornal O Trecheiro³⁷.

³⁵ Presente no mapa de análise, relato 11.

³⁶ Nosso objetivo é trazer os dados encontrados em nossa pesquisa e não comparar com a pesquisa nacional, visto que ela é o nosso norte. Não seria viável comparar uma pesquisa nacional, realizada em diversos municípios brasileiros com uma pesquisa feita com base num jornal de uma cidade.

Daniel Furtado Martins migrou para São Paulo em busca de emprego, não conseguiu e passou a viver nas ruas. Sobre o trabalho com catação de materiais recicláveis ele diz "Trabalhei com reciclagem, mas hoje em dia não dá muito e só dá para comer mesmo" (COSTA, 2007a, p.2)³⁸. Quando lhe perguntaram se ele vê possibilidade de sair da rua, respondeu: "Eu tenho que arrumar um emprego, um emprego de carteira assinada. Um emprego que dê para pagar um aluguel e me manter. Mas não um emprego só pra pagar aluguel e comer porque isso não é vida" (COSTA, 2007a, p.2). Daniel traz um elemento importante, ele não deseja qualquer emprego, mas um emprego que lhe proporcione para além do básico.

Ícaro Vinícius Manardi foi para São Paulo em busca de emprego, como não conseguiu procurou um albergue. "Ainda continuo com o objetivo de arrumar um emprego, fazer uma faculdade de matemática e ir tocando a minha vida [...]. Estou trabalhando, ou melhor, fazendo um bico num restaurante aqui em Santo Amaro. Faço comida japonesa e chinesa que eu aprendi com meu tio [...]. O meu projeto de vida, como já falei, é fazer faculdade, ter o meu quatinho e ter um emprego estabilizado. Este que tenho agora é só um bico" (COSTA, 2008, p.2)³⁹.

Ícaro evidencia por duas vezes que sua concepção de trabalho não inclui o "bico" que realiza. Demonstrando uma reprodução da ideologia dominante. O "bico" também não se caracterizaria como trabalho? Estamos falando aqui de um trabalho com maior nível de exploração, visto que o trabalhador não possui salário tampouco direitos trabalhistas, todavia, continua sendo trabalho.

Renê Ferreira dos Santos trabalhava numa transportadora que faliu, sem emprego, o dinheiro acabou e ele foi morar nas ruas. Onde ele trabalha com catação de materiais recicláveis durante dez horas por dia. Ele diz que há grande dificuldade em encontrar emprego sem endereço fixo. Deseja um emprego estável, com carteira assinada: "Ainda tenho esperança, quero ter uma vida como todo mundo, ter um lar e em dias de chuva não ficar molhado" (COUTO, 2009, p.2)⁴⁰.

Renê também trabalha com a catação de materiais recicláveis, uma das principais atividades utilizadas pela população em situação de rua, segundo a pesquisa

³⁷ As pessoas responderam mais de um motivo, por isso o total supera 100%.

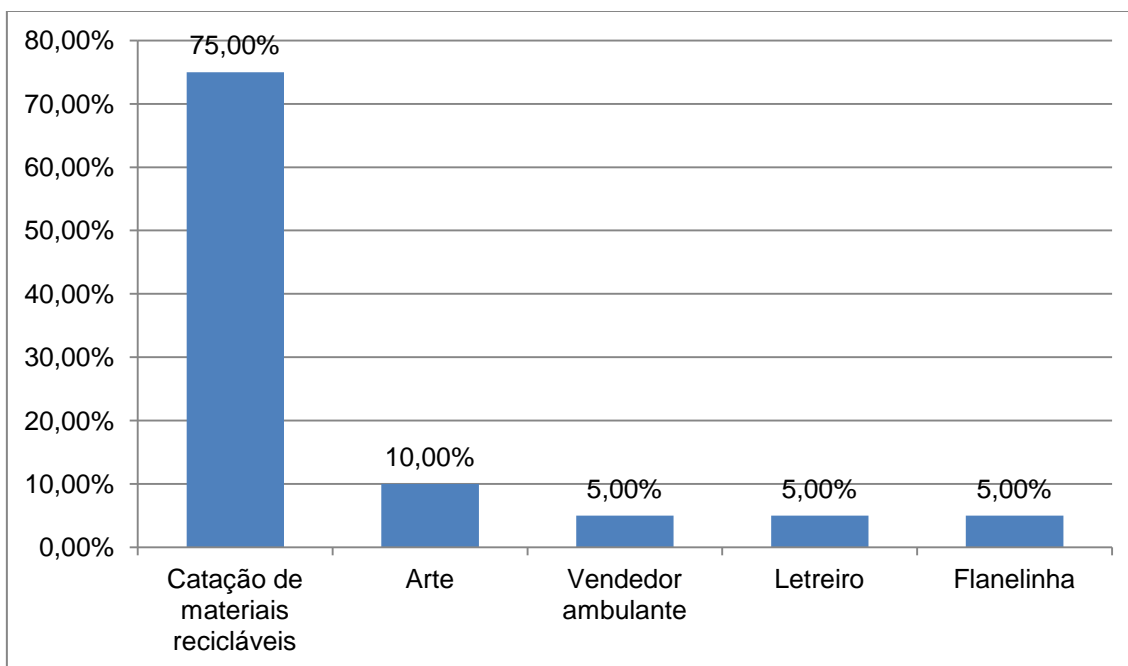
³⁸ Relato nº 28 do mapa de análise.

³⁹ Relato nº 31 do mapa de análise.

⁴⁰ Relato nº35 do mapa de análise.

nacional ela é desenvolvida por 27,5% da população em situação de rua (BRASIL, 2008). Essa atividade torna-se ainda mais preponderante quando observamos os relatos presentes no jornal "O Trecheiro", como vemos através da figura a seguir. Evidenciamos que a pesquisa nacional possui maior representatividade e o dado que mais se aproxima da realidade, visto que não se limita a uma cidade.

Gráfico 5- Trabalho na rua



Elaboração própria. Fonte: Jornal O Trecheiro.

Conforme vimos acima, a catação de materiais recicláveis é o trabalho informal desenvolvido pela maioria das pessoas em situação de rua entrevistadas pelo jornal "O Trecheiro", enquanto a Pesquisa Nacional indica 27,5% inseridos em tal atividade, chega a 75% dos que relatam suas histórias no referido jornal, lembramos que os dados que apresentamos possuem seus limites, visto que nossa pesquisa se baseou num jornal local.

Depois da traição da esposa, Carlos Donizete Duarte passou a beber e utilizar a rua como moradia. Não possuía qualificação profissional, tampouco experiência, encontrou na arte o trabalho de sobrevivência. Pintava pedras com óleo e carvão e as vendia numa praça, onde conheceu uma senhora, que trabalhava com portadores de HIV, e lhe ofereceu emprego. "Também trabalhou como caseiro e na frente de

trabalho. Enquanto tinha dinheiro pagava aluguel, mas quando o trabalho e o dinheiro acabavam voltava para o albergue" (REZENDE, 2003, p.2)⁴¹.

A intermitência entre a casa e a rua demonstrada pelo relato acima é discutida por Vieira, Bezerra e Rosa (2004), que associam esta característica aos dois primeiros momentos da situação de rua, ficar e estar na rua. Uma das atividades de Carlos Duarte antes da situação de rua foi o trabalho como caseiro. Adiante listamos as atividades que constam nos relatos do jornal "O Trecheiro".

Figura 17 - Trabalhos antes da situação de rua⁴²

Trabalhos antes da situação de rua				
Trabalhador rural	Marceneiro	Policia militar	Costura	Zelador
Campeiro	Pedreiro	Transportes de valores	Trabalho doméstico	Motorista
Cerealista	Construção civil	Segurança de boate	Paisagista	Caminhoneiro
Caseiro	Pintor	Vigilante	Plaqueiro	Metalúrgico
Horticultor	Bicos	Operadora de empilhadeira	Músico	Descarregador de mercadorias
Assistente de motorista	Recepcionista	Mecânico industrial	Secretária	Ajudante de cozinha
Indústria de cosméticos	Empresa Grandene	Garçom	Telefonista	Saqueiro
Gerente de rede de supermercado	Cozinheiro	Babá	Pintor de letreiro	

Elaboração própria. Fonte: Jornal O Trecheiro.

Além da importância destacada acima, o trabalho informal pode ter também a função de manter algum vício, como o relato de DCM, que está há três anos em situação de rua, o trabalho desenvolvido é lavar e vigiar carros, o dinheiro conseguido serve para manter o consumo de crack (COSTA, 2010)⁴³. Caso semelhante ao de João Batista Alcílio que depois de separa-se da esposa e migrar para Salvador foi para Maceió, onde morava nas ruas e trabalhava com catação para comprar bebida alcoólica (AMORIM; VIANA, 2014).

Maria Rodrigues foi impulsionada pela fome e miséria a migrar com a família em busca de melhores condições de vida em São Paulo, onde ficaram em situação de rua, a princípio dormindo embaixo do carrinho onde trabalhavam com ferro velho e

⁴¹ Relato nº1, presente no mapa de análise, no apêndice desta dissertação.

⁴² Com relação ao trabalho desenvolvido antes da vida nas ruas, os 25 que informaram qual atividade realizaram, citaram 39 diferentes trabalhos, presentes na figura.

⁴³ Relato Nº 44 do mapa de análise.

depois num barraco improvisado. Ela diz: "Pelo menos o Natal desse ano vai ser melhor que o do ano passado [...], a gente ta trabalhando e isso é o que importa" (ANJOS, 2003, p.2)⁴⁴.

Merabi Pereira de Santana entende a situação de rua como algo impróprio à natureza humana. Quando fez 54 anos não conseguia mais emprego, vendeu tudo que tinha em casa, quando não possuía mais nada foi para um abrigo. "Acha que seu fim é na rua? Nunca! Nunca será, porque eu luto para sair dessa situação. Não acho que a rua seja situação para ninguém. O natural do ser humano é ser próspero, não é ser falido, não é ser venerável, não é ser da rua." (COSTA, 2005b, p.2)⁴⁵.

A principal motivação de Moacir de Oliveira para sua ida para as ruas foi a utilização de álcool, depois encontrou uma companheira e logo após desentendimentos com ela voltou para as ruas. Conseguiu um emprego e estava em processo de saída das ruas, ele diz: "Agora estou saindo da rua, ainda estou meio perdidinho, pois tenho que tirar o estigma da rua. A gente fica meio bitolado, psicologicamente ainda estou com aquele sentimento meio baixo" (COSTA, 2007b, p.2)⁴⁶. Aqui, vemos um exemplo da importância do trabalho para a saída da situação de rua, assim como o próximo relato.

Odília Teresa de Jesus desenvolveu diversos trabalhos, todavia diante do baixo nível instrucional ficou desempregada, gastou todo o dinheiro que havia guardado e ficou em situação de rua. Utilizou o serviço de acolhimento institucional em alguns albergues e se inseriu na cooperativa de materiais recicláveis, onde trabalhou por 9 anos e meio até a data da reportagem. Foi através do trabalho nessa cooperativa que ela conseguiu dinheiro para alugar um quarto e sair da situação de rua.

Perguntar se teve alguma coisa boa na vida é um risco, mas Odilia tem a resposta prontinha. "Foi quando entrei na Coorpel e aqui na Coopere, ao menos, pude viver." Ter conseguido o quarto e não ter que ficar na rua ou albergue é o melhor que já aconteceu em sua vida (COSTA, 2014, p.2)⁴⁷.

Vejamos que Odília evidencia o horror de ficar em situação de rua, caracterizando o trabalho na cooperativa como o melhor que já lhe aconteceu, pois poderia sair

⁴⁴ Relato nº 8 do mapa de análise.

⁴⁵ Relato nº 21 do mapa de análise.

⁴⁶ Relato nº 27 do mapa de análise.

⁴⁷ Relato nº51 do mapa de análise.

daquela situação, mesmo que fosse para morar num quarto. Enfatizamos que a mulher em situação de rua sofre maior vulnerabilidade que o homem.

Na edição especial de natal, o jornal "O Trecheiro" trouxe em dezembro de 2005 as seguintes palavras de José dos Santos, de 46 anos: "Eu choro quando falo do Natal. Eu gostaria de ganhar felicidade para mim e para todas as famílias. Eu queria voltar a dirigir caminhão de São Paulo ao Ceará". Destacamos neste último relato a felicidade associada ao retorno a uma vida de trabalho formal.

4.5 Totalizações provisórias

Percebemos que a presença da informalidade como essencial à população em situação de rua não é algo isolado a alguns estados brasileiros, ou mesmo particularidade do Brasil. Vimos que assim como as pesquisas brasileiras, aquelas que foram feitas em outros países, tais como Chile, Colômbia e Estados Unidos também apresentam o trabalho informal como a principal estratégia de sobrevivência da população em situação de rua.

Os trabalhos informais mais utilizados de acordo com as pesquisas são a catação de materiais recicláveis, a venda ambulante e a atividade de flanelinha. De acordo com os dados de nossa pesquisa, com base no mapa de análise feito a partir de histórias do jornal "O trecheiro", que reiteramos restringir-se a São Paulo, há uma concentração na atividade de catação de materiais recicláveis ainda mais expressiva que aquela percebida pelas outras pesquisas, afinal, encontramos 75% trabalhando nesta atividade.

Outro dado significativo é o alto índice de pessoas que destacaram o desemprego como uma dos principais motivos para a situação de rua. Sabemos que o desemprego está presente na multiplicidade de fatores que envolvem a situação de rua. Todavia, lembramos que mesmo encontrando uma taxa de 90,32%, não podemos reduzir o fenômeno população em situação de rua ao desemprego, uma vez que se assim fizéssemos, estaríamos reduzindo as múltiplas determinações que condicionam esse processo.

Nesse capítulo finalizamos a discussão respondendo ao problema de pesquisa. Utilizamos diversas histórias de pessoas em situação de rua para ilustrar a

importância do trabalho informal. Demonstramos a relevância do trabalho informal em diversos aspectos, os quais sintetizamos através da figura a seguir.

Figura 18 - Relevância do trabalho informal para a população em situação de rua

Sobrevivência	Fugir do desprezo social aos que mendigam	Negar a "vagabundagem"	Não precisar passar pela vergonha de pedir
Afirmação enquanto ser humano	Obter uma vida digna	Autovalorização	Ter esperança
Expectativa de realizar os sonhos	Gerar sentimento de utilidade	Manter vícios	Expectativa de sair das ruas

Elaboração própria.

Neste capítulo demonstramos a relevância do trabalho informal para a população em situação de rua. Como supomos no início, percebemos que os trabalhos informais desenvolvidos são substanciais, para a superação da situação de rua e também para a permanência nela, todavia vai para além disso, abarca funções ideológicas e influencia a forma como esses indivíduos se enxergam, conforme vemos na última figura.

Vimos que nem sempre a informalidade é um caminho de sucesso, que gera realizações pessoais. Informalidade e empreendedorismo são defendidos por organismos como o Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional como a fórmula do sucesso para vencer o desemprego. No caso da população em situação de rua, que chamamos aqui de escória da informalidade, trata-se da forma tradicional da informalidade, mais instável possível, voltado para a estrita sobrevivência e demonstra a falácia dessa ideia tendenciosa da informalidade e do empreendedorismo.

5 - Considerações Finais

Estudamos a respeito da população em situação de rua e sua relação com a informalidade. Debates sobre o capitalismo, fundamental ao estudo proposto de acordo com o referencial teórico escolhido, crítico dialético. Situamos o fenômeno população em situação de rua enquanto consequência do modo de produção capitalista, um fruto necessário à reprodução capitalista.

A população em situação de rua é formada majoritariamente por homens, que andam em grupos ou sozinhos, sofreram desentendimentos familiares, perderam o emprego, possuem um nível instrucional baixo, alguns deles possuem trajetórias de deslocamentos em busca de emprego que lhes permita voltar para a família como provedor, podendo manter sua casa. A utilização de álcool e drogas também está presente no estudo do tema, tanto como um dos motivadores da situação de rua como uma forma de esquecer-se dos problemas enfrentados nas ruas.

Sua principal estratégia de sobrevivência é o trabalho informal, através de atividades tais como a catação de materiais recicláveis, o trabalho com estacionamento e lavagem de carros, descarregamento de caminhões, montagem e desmontagem de feiras. E a possibilidade desse trabalho é um dos motivos que faz desse fenômeno urbano, visto que nas cidades há mais condições para a sua existência, assim como oferece uma arquitetura que lhe permita pernoitar, nelas estão os abrigos e albergues e as instituições de caridade e ONG's que oferecem alimentos nas ruas.

A população em situação de rua retrata de forma explícita as contradições de um modo de produção que promove acumulação de riquezas por um lado e acumulação de miséria por outro.

O modo de produção capitalista produz uma superpopulação relativa, pessoas excessivas à necessidade de valorização do capital, que não conseguem um emprego formal. Todo trabalhador integra esse grupo no momento em que se encontra desempregado. É dividida em três formas básicas, flutuante, latente e estagnada, e o seu substrato mais baixo, o lumpemproletariado.

A população em situação de rua faz parte desse grupo supérfluo ao capital. Que possui uma função no capitalismo, visto que a sua existência faz parte do desenvolvimento desse modo de produção.

Debatemos sobre a visão dos autores que ao discutir o tema rotulam o fenômeno aqui estudado como lumpemproletariado. Porém buscamos contribuir com dados que ampliam esse debate. Questionando pensar se de fato eles estão somente nesse substrato mais baixo.

Questionamos essa ideia e lembramos que diante da heterogeneidade presente no fenômeno população em situação de rua, ela não pode ser meramente reduzida ao lumpemproletariado, compondo todas as formas da superpopulação relativa apontada por Marx e ainda outras que possam surgir.

Pessoas que utilizam as ruas como moradia não é uma novidade do modo de produção capitalista. Todavia, é somente no capitalismo que há possibilidade material de superação da fome, miséria e diversas outras expressões da questão social. A barbaridade desse modo de produção é que há condição de supressão da pobreza, miséria e fome, mesmo assim não são abolidos. Afinal, a existência dos supranumerários é consequência do capitalismo, assim como a desigualdade.

Indicamos que a população em situação de rua é um fruto necessário ao modo de produção capitalista, porque nos parece que componha a superpopulação relativa, em todas as suas formas, ainda que se concentre mais em algumas delas. E, da mesma forma que a situação de rua apareça sob novas condições, a informalidade também vêm sob novas condições. Ao invés de acabar, como previram alguns, tende a continuar crescendo. Vimos que além das atividades de sobrevivência, onde estão aquelas utilizadas pela população em situação de rua, existem aquelas onde estão os pequeno patrões.

Da mesma forma que o escravo estava preso por correntes e era obrigado a trabalhar, a sociedade capitalista promove a prisão dos trabalhadores por "fios invisíveis". Em que pese o fato destes fios mesmo invisíveis, terem força maior do que correntes. De forma que mesmo aqueles que poderiam estar usando a mendicância, o pedido ou o manguieio buscam no trabalho informal sua principal estratégia de sobrevivência.

A informalidade no trabalho atende às seguintes funções: barateamento das forças de trabalho, disciplinamento dos trabalhadores, de forma a evitar conflitos sociais,

revoluções em busca de melhorias, além disso serve também para absorver a força de trabalho ociosa.

Entendemos que "toda e qualquer relação que se dê na sociedade capitalista estará sempre submetida à ordem fundamental e por isso hegemônica, do capital" (PRANDI, 1978, p.30), assim, o trabalho informal desenvolvido pela população em situação de rua, ainda que na escória da informalidade, é funcional e subordinada ao capital.

A população em situação de rua encontra-se entre os trabalhadores informais tradicionais, em sua parcela mais instável possível, onde se exige baixa capitalização, gera uma renda baixa, voltada para subsistência, com a realização de trabalhos eventuais que exigem força física e baixa qualificação.

Vimos diversos aspectos através das histórias utilizadas para ilustrar a importância do trabalho informal para a população em situação de rua. Através da desvalorização da mendicância, diversos relatos citam a vergonha entre os que realizam a mendicância, eles explicam a utilização de álcool e outras drogas para conseguir perder essa vergonha e realizar a mendicância ou o pedido. Além disso, os que pedem e mendigam são desprezados e tidos como vagabundos. Assim, os que podem preferem se submeter a trabalhos árduos a realizar o pedido e assim fugir do desprezo e da vergonha.

A dignidade também é importante para o grupo populacional aqui estudado. Há em sua forma de pensar uma dignidade ligada ao trabalho de forma que até mesmo a sua humanidade dependa disso. Esse é um dos motivos para que a maior parte esteja inserida em trabalhos informais enquanto a minoria mendiga.

Discutimos acerca do fim do trabalho e indicamos que a população em situação de rua é prova de que não é o fim do trabalho. O trabalho tornou-se tão fulcral que mesmo quando as pessoas passam pelo processo de realização, elas utilizam primordialmente o trabalho informal e não o manguieio ou a mendicância para sobreviver.

Evidenciamos a fulcralidade do trabalho informal para esse grupo populacional. Vimos que além da substancialidade material de sobrevivência, diversos outros fatores estão envolvidos, tais como a fuga do desprezo social aos que mendigam e

da vergonha em mendigar, a negação da vagabundagem, a afirmação enquanto ser humano através do trabalho informal, a obtenção de uma vida digna, autovalorização, esperança, expectativa de realização de sonhos, geração de sentimento de utilidade, manter vícios e expectativa de sair das ruas.

Assim, percebemos o destaque da própria subjetividade do trabalho informal. A realização do trabalho informal vem da necessidade imediata, material de sobreviver, mas também da valorização de si mesmo, está ligado à realização de sonhos e esperança de uma vida melhor, indo além das necessidades materiais de subsistência. Em alguns relatos vimos que o sonho deles é sair das ruas e conseguir um trabalho formal.

O fenômeno população em situação de rua é uma expressão da questão social que em si abrange diversas outras expressões. Mesmo diante da heterogeneidade, que é sua marca preponderante, estudamos nesta dissertação uma característica que se destaca; a utilização do trabalho informal como principal atividade nas ruas e identificamos a relevância da informalidade para a vida dessas pessoas.

Assim, o modo de produção capitalista lança seus "fios invisíveis" de forma tão eficaz que em situação de rua as pessoas encontram no trabalho informal um refúgio para obterem esperança, não serem discriminados e fugirem da vergonha de precisar mendigar.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Editora Pioneiras, 1998.

AMORIM, Davi; VIANA, Fabiano. João. O trecheiro que alerta para a prevenção. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, dez. 2010. Vida no Trecho, p.2.

ANJOS, Marcelo Faria dos. "Natal desse ano vai ser melhor". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, dez. 2003. Vida no Trecho, p.2.

ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, nº107. p.405-419, jul./set. 2011.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovani. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educ. Soc.** Campinas, vol. 25, nº87, p.335-351. 2004.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. **O trabalho flexível e a informalidade reconfigurada** In: Marchas e contra marchas da informalidade do trabalho. João Pessoa: Editora Universitária. 2011, p.161-190.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Osvaldo Hajime. **O Mundo do trabalho**. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Virgílio B. (orgs.) **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BORIN, Marisa do Espírito Santo. Os moradores de rua em São Paulo e suas relações com o mundo do trabalho. **Cadernos Metrópole**, n. 12, p. 49-64, jul. 2004.

SILVA, Marta Borba. **O “louco de rua” e a Seguridade Social em Porto Alegre: Da (in)visibilidade social à cidadania?** 2005, 141p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BORYSOW, Igor da Costa; FURTADO, Juarez Pereira. Acesso e intersectorialidade: o acompanhamento de pessoas em situação de rua com transtorno mental grave. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 33-50, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312013000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 jun. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590>

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann et al . Padrão de uso de álcool entre homens adultos em situação de rua de Belo Horizonte. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 6, n. spe, p. 536-555, nov. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 maio 2016.

BRASIL. **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília. Ministério de desenvolvimento social e combate à fome, 2008.

BURSZTYN, Marcel. **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CALCAGNO, Luis. **Los que duermen en la calle**: un abordaje de la indigencia extrema en la ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires: Secretaría de Promoción Social, 1999. 39 p. Documentos.

CARCANHOLO, Marcelo Dias; MEDEIROS, João Leonardo. Trabalho no capitalismo contemporâneo: pelo fim das teorias do fim do trabalho. **Revista Outubro**, nº20, p.171- 197, 2012.

CARDOSO, Luís Antônio. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo **Revista Tempo Social**, USP, nº 2, p. 265-295, 2011.

CHILE. **En Chile Todos Contamos**: Segundo cadastro Nacional de Personas en situación de calle. Ministerio de Desarrollo Social. 2012. Disponível em: < http://www.ministeriodesarrollosocial.gob.cl/plancalle/docs/En_Chile_Todos_Contamos.pdf >. Acesso em 01/03/2015.

COLBARI, Antonia. **Ética do Trabalho**: a vida familiar na construção da identidade profissional. São Paulo: Letras & Letras/SPDC/UFES, 1995.

COSTA, Alderón. "Aqui não tem futuro". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, dez. 2010. Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Chega uma hora que você cansa. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, jun. 2007a. Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Compositor mineiro quer gravar CD. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, mai. 2004. Notícias do povo da rua, p.2.

COSTA, Alderón. Jovens, moradores de albergues. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, jan. fev. 2008, Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Muletas, ruas, saídas. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, ab. 2007b, Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Renascendo do barro. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, ag. 2005a, Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Senhora Cidadã. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, dez.2005b. Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. Nem bicho é tratado assim: Moradores de calçadas e vizinhos pedem socorro contra a violência policial e a falta de política pública. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, dez. 2009, p.1.

COSTA, Alderón. "Agora o que eu espero da vida é poder viajar". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, mar. 2014. Vida no Trecho, p.2.

COSTA, Alderón. RIBEIRO, Anselmo. "Eu não aguento mais morar na rua! Eu não aguento mais!". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, ab.2003. Vida no trecho, p.2.

COTIDIANO. Em 15 meses, 195 moradores de rua são assassinados no Brasil. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1107247-em-15-meses-195-moradores-de-rua-sao-assassinados-no-brasil.shtml>>. Acesso em 06/03/2015.

COUTO, Joelma. "Quero ter uma vida como todo mundo". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, jan. 2009. Vida no Trecho, p.2.

CRESWELI, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANTAS, Mônica. **Construção de Políticas Públicas para População em Situação de Rua no Município do Rio de Janeiro: Limites, Avanços e Desafios**. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswald Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, 2007.

DAVIS, Ronald. **Desabafo de um morador de rua**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Kj0FoAHf96k> > Acesso em 31/05/2015.

DI FLORA, Marilene Cabello. **Mendigos** porque surgem, por onde circulam, como são tratados? Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.

DOMINGUES JÚNIOR, Paulo Lourenço. **Cooperativa e a construção da cidadania da população de rua**. São Paulo: Editora Universitária Leopoldianum, 2003.

DRUCK, Graça. **Precarização e informalidade: algumas especificidades do caso brasileiro**. In: Marchas e contra marchas da informalidade do trabalho. João Pessoa: Editora Universitária. 2011, p.65-104.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**. Trajetórias de Exclusão Social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

EDDY'BLACK. **Relatos de um morador de rua**. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/eddyblack/1941564/> >. Acesso em 18/10/2015.

FERRAZ, Flávio Carvalho. O louco de rua visto através da literatura. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 117-152, 2000.

FERREIRA, Frederico Poley Martins. **População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de belo horizonte 1998 - 2005**. 2005. Disponível em: <<http://www.eg.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/publicacoes-2007/85-vidas-privadas-em-espacos-publicos-o-caso-dos-censos-da-populacao-de-rua-em-belo-horizonte-conceitos-e-exclusao/file>>. Acesso em 03/02/2015.

FIPE- Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e SAS/PMSP- Secretaria de Assistência Social. **Censo da População em Situação de Rua da Cidade de São Paulo** 2010. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/pesquisas/index.php?p=18626>. Acesso 04/09/2013.

FRESIA, Tamara. Histórias de estudo no trecho. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, fev. p.2, 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, **População de rua dobrou**. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br/index.php/banco-de-noticias/35-fjp-na-midia/1961-populacaode-rua-dobrou->>>. Acesso em 04/09/2013.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: Uma questão social?** São Paulo: Fapesp, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil tem mais mulheres**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/voce-sabia/curiosidades/brasil-tem-mais-mulheres>>. Acesso em 19/12/2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores Sociodemográficos: Prospectivos para o Brasil 1991-2030**. Rio de Janeiro: Arbeit, 2006.

KONDER, Leandro. **Marx vida e obra**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

KOSHIBA, Luiz. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Atual, 2004.

LIMA, Inês Pereira. Uma boa morte. **Jornal O Trecheiro**, p.4, Ag. 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

MDS. **Atendimento à população em situação de rua será ampliado**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias-1/2013/agosto/atendimento-populacao-em-situacao-de-rua-sera-ampliado>>. Acesso em 04/08/2013

MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. **A rua e a sociedade: articulações políticas, sociabilidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Paraná, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MNPR, Movimento Nacional da População em Situação de Rua. **Cartilha de formação do Movimento Nacional da População de rua**, 2010. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/887/887.pdf>>. Acesso em 17/04/2015.

MEDELLIN. “**Realización del Censo de habitantes de calle y en calle de la ciudad de Medellín y sus corregimientos**”. Centro de estudios de opinión –CEO, Universidad de Antioquia, 2009.

NETTO, José P. Cinco Notas a propósito da "Questão Social". **Temporalis**, Brasília, número 3, p.41-49, jan./ jun, 2001.

NETTO, José Paulo. **A Questão Social na América Latina**. In: A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano. GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER Eugênia Célia . Vitória: EDUFES, 2013. .

NETTO, José Paulo. **Desigualdade, pobreza e Serviço Social**. Revista em Pauta, Rio de Janeiro, número 19 da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro p.135- 170, 2007.

NUNES, Fernanda de Oliveira. **Significado do trabalho para agentes de limpeza e coletores de Aracajú/SE**. 1999. Dissertação apresentada ao curso de Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe, 2012.

OLIVEIRA SOBRINHO. A população e situação de rua à luz da Questão Social na cidade de São Paulo na contemporaneidade (2006-2011). **Congresso internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Rio de Janeiro: ANNITER-SH/PPGSD-UFF, 2012.

PAMPLONA João Batista. **Erguendo-se pelos próprios cabelos: auto-emprego e re-estruturação produtiva no Brasil**. São Paulo: Germinal, 2001.

PEREIRA, Camila Potyara. **Rua sem saída**. Um estudo sobre a relação entre o Estado e a População de Rua de Brasília. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Política Social. Universidade de Brasília. 2008.

PEREIRA, Viviane de Souza. **População de rua em Juiz de Fora: uma reflexão a partir da questão social**. 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2007.

PORTO ALEGRE. **Cadastro da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. Prefeitura municipal de Porto Alegre Fundação de assistência social e cidadania. 2012. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/relatorio_final_fasc19mar\[1\].pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/relatorio_final_fasc19mar[1].pdf)>. Acesso em 18/11/2015.

PRANDI José Reginaldo. **O trabalhador por conta própria sob o Capital**. São Paulo: Símbolo, 1978.

PRATES, Jane Cruz; PRATES Flávio Cruz ; MACHADO Simone. Populações em situação de rua: os processos de Exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Revista Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.191-215, jul./dez. 2011.

PRATES, Jane. O planejamento da pesquisa social. **Revista Temporalis**, n.7, Porto Alegre, ABEPSS, 2003.

PRATES, Jane. PRATES, Flávio Cruz. Problematizando o uso da técnica de análise documental no serviço social e no direito. **Revista Sociedade em debate**. Pelotas, jul./ dez. 2009.

PRATES, Jane. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v.11, nº1, p.116-128, jan./jul. 2012.

PRATES, Jane. **Populações em situação de rua**. Vitória: UFES, 26 ab. 2016. Defesa da dissertação intitulada "População em situação de rua: o fruto necessário à reprodução capitalista e a funcionalidade do trabalho informal". 2016

PRIEB, Sérgio Alfredo Massen. A tese do fim da centralidade do trabalho: mitos e realidades. **Revista Economia e Desenvolvimento**, nº 12, p.48-76, nov. 2000.

QUIROGA, Júnia. **1º Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, 30 de novembro de 2010. Seminário Nacional sobre Direitos e Garantias da População em Situação de Rua Mesa: Perfil da População em Situação de Rua, 2010.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Editora Gradiva, 2005, 4ª edição.

RAMOS, Carlos Alberto. Setor Informal: do exedente estrutural à escolha individual. Marcos interpretativos e alternativas de política. **Revista Econômica**. Rio de Janeiro, volume 9, número 1, p.115-137, 2007.

RECORD, Série de reportagem a vida nas ruas . **A Vida Nas Ruas** - conheça histórias de pessoas que perderam tudo. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yzp-bO1GUlo>>. Acesso em 28/05/2015.

REZENDE, Kênia. Pescar o próprio peixe. **Jornal O Trecheiro**, Vida no Trecho, São Paulo, p.2, fev. 2003.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de rua**. São Paulo: Hucitec: Associação Rede Rua, 2005.

SILVA Josué Pereira da. O "adeus ao operariado", de Gorz, 20 anos depois. **Revista Lua Nova**, São Paulo, nº48, p.161-243, 1999.

SILVA, Cleodoaldo Santos da. Por que usar da hipocrisia? **Jornal O Trecheiro**, ag. 2003.

SILVA, Maria Lúcia Lopes. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SINGER, Paul. **Economia Política do trabalho**: Elementos para uma análise Histórico-Estrutural do Emprego e da Força de Trabalho no Desenvolvimento Capitalista. São Paulo:HUCITEC, 1977.

SNOW, David; ANDERSON, Leon. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOARES, Marcos Antonio Tavares. **Trabalho Informal**: da funcionalidade à subsunção ao Capital. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.

SOUZA; TOLFO. **Significados atribuídos ao trabalho em condições precárias**: Um estudo com feirantes do Largo da Ordem de Curitiba-PR. Anais_XV ENABRAPSO, 2009.

STALINSKI, Sandra. O garoto de 60 anos. **Jornal o Trecheiro**, São Paulo, set. 2005. Vida no Trecho, p.2.

STOFFELS, Marie-Ghislaine. **Os mendigos na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TAVARES, Maria Alves. Os fios invisíveis da exploração capitalista. **Revista Outubro**, São Paulo, Instituto de Estudos Socialistas, n.7, jul/dez. 2002.

TAVARES, Maria Augusta. O trabalho informal deslocado da economia para a assistência social. **Revista Praia vermelha**, Rio de Janeiro, ano 4, nº4, 2006.

TAVARES, Maria Augusta. O trabalho informal e suas funções sociais. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v.20, nº01, Janeiro a junho, 2010.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista**: Informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

TOSOLD, Léia; BARBOZA, Rose. "A rua provoca traumas, mas também permite ver a vida de outra maneira". **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, out.2012. Notícias do povo da rua, p.2.

VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Revista Saúde e Sociedade** v.13, n.1, p.56-69, jan-abr 2004.

VIANA, Fabiano. "Arte e luz na rua" educa para o trabalho. **Jornal O Trecheiro**, São Paulo, ab. Mai. 2006. Mãos na massa, p.2..

VIEIRA, Maria Antonieta; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa moreno Maffei. **População de rua Quem é, Como vive, Como é vista**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

Apêndices

APÊNDICE A- Mapa de Análise

Como consta na metodologia, acessamos todas as edições do Jornal o Trecheiro entre Janeiro de 2003 e julho de 2015, que totalizaram 130, realizei a primeira leitura da coluna Vida no Trecho de todas elas, busquei palavras-chave que indicassem a importância do trabalho informal nas trajetórias. Com base nesta leitura prévia selecionei 55 trajetórias, as quais li com mais profundidade, a partir disso, fiz uma tabela para destacar as informações relevantes para o trabalho, tais como o trabalho desenvolvido antes e durante a situação de rua, as motivações que revelam sobre o fato de comporem o fenômeno social aqui estudado e um resumo da trajetória apresentada. Este foi o mapa de análise usado na dissertação e encontra-se anexo a esta dissertação. Depois de inserir os dados e resumos de cada história, colorimos as principais motivações da situação de rua de acordo com as histórias relatadas, assim como as trajetórias que trazem mais elementos e que foram selecionados para ilustrar o trabalho.

Dentre as 55 selecionadas, presentes no mapa, ao realizar a leitura mais aprofundada, percebemos que algumas não traziam histórias de pessoas em situação de rua, esses, nós colorimos de **amarelo** e desconsideramos na análise dos dados.

Quanto aos motivos da situação de rua, destacamos em **azul escuro** os desentendimentos familiares, **vermelho** o desemprego, **marrom claro** a morte de parentes e **azul claro** a utilização de álcool e outras drogas.

Nos resumos da trajetória, marcamos com a cor **rosa** as palavras esposa e mãe, duas figuras de apoio importantíssimas aos homens, quando elas morrem ou a esposa os deixa, associado a outros fatores contribui com a culminância da vida nas ruas.

Em **verde** destacamos algumas informações importantes das trajetórias referentes à importância do trabalho na rua, e na esperança da saída dessa condição, em alguns casos o trabalho é apresentado como um sonho. Em **azul-petróleo** selecionamos uma frase que indica uma contradição do modo de produção capitalista.

Por fim, negritamos as trajetórias pré-selecionadas para compor o trabalho, dessas escolhemos as que aparecem ao longo do trabalho para ilustrar a discussão feita.

2003

1- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Fevereiro de 2003 Carlos Donizete Duarte, 37 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua

Pintura com pedra e carvão no óleo e venda das peças produzidas.	Caseiro	Desentendimentos familiares; alcoól.
<p>Resumo:</p> <p>Depois da traição da esposa, passou a beber e utilizar a rua como moradia. Não possuía qualificação profissional, tampouco experiência, encontrou na arte o trabalho de sobrevivência. Pintava pedras com óleo e carvão e as vendia numa praça, onde conheceu uma senhora, que trabalhava com portadores de HIV, e lhe ofereceu emprego. "Também trabalhou como caseiro e na frente de trabalho. Enquanto tinha dinheiro pagava aluguel, mas quando o trabalho e o dinheiro acabavam voltava para o albergue" (REZENDE, 2003, p.2).</p>		

2- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Maio de 2003 Edmilson Ferreira Silva, 31 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Trabalho rural e bicos	Desemprego , até mesmo os bicos estavam difíceis
<p>Resumo: Sem emprego em seu local de origem e sem moradia, o dono pediu a casa em que moravam, viajou com sua esposa e seus cinco filhos para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Seu sonho é "possuir pelo menos um barraquinho" (Costa, 2003, p.2). Deseja uma chance, ele diz: "Se alguma pessoa tem um trabalho e me aceitasse eu e minhas crianças ia a qualquer momento" (COSTA, 2003, p.2).</p>		

3- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2003 Pablo Eugênio Morales Ramos, 31 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Costura	Desemprego
<p>Resumo: Saiu da Bolívia em busca de um emprego no Brasil, passou a trabalhar na costura, mas acabou adoecendo e perdeu o emprego, que oferecia abrigo e comida para os que trabalhassem. Para sobreviver faz consertos de roupas, uma forma de bico. "Se eu tivesse minha saúde em bom estado, seria o suficiente. Trabalhar, levar uma vida muito normal como a maioria das pessoas. O que eu mais gostaria era de me formar. Eu queria e até agora gostaria de estudar auditoria. Até agora meu sonho é fazer um pouco de dinheiro e começar estudar, mas o destino é muito diferente. Talvez mais para frente alguma coisa aparece. Não estou perdendo as esperanças, já que estou sofrendo bastante, talvez, na frente vai ter alguma brecha pra mim" (RIBEIRO, 2003, p.2).</p>		

4- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Abril de 2003 Carlos Henrique, 38 anos		
Trabalho desenvolvido	Trabalho antes da	Motivos da situação de rua

na rua	situação de rua	
		Morte de parentes; Álcool.
<p>Resumo: Foi criado pelos avós, depois do falecimento deles foi morar com o pai, que era alcoólatra, contribuindo para a aproximação de Carlos Henrique ao vício, a partir disso passou a usar as ruas como moradia. "Preciso de ajuda. Que ajuda eu preciso? Preciso que algum empresário se interesse em fazer uma doação de um carrinho de papelão pra eu poder trabalhar" (COSTA; RIBEIRO, 2003, p.2).</p>		

5- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Setembro de 2003 Marcelo Campos Fernandes, 31 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desemprego
<p>Resumo: Foi para São Paulo em busca de emprego, ficou em albergues, pois não encontrava, até que se inscreveu num programa da prefeitura que lhe conseguiu uma inserção, porém ainda não é suficiente para que deixe o albergue e para complementar a renda ele venda revistas Ocas.</p>		

6- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Setembro de 2003 Márcia Alves, 52 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
<p>Resumo: Ao tentar realiza o sonho de tornar-se artista, foi para um estado diferente tentar apresentar seu trabalho, porém, não conseguiu vender suas telas, seu dinheiro acabou, foi para São Paulo, onde conseguiu pintar no albergue, e ainda não conseguiu vender sua arte. "Muitos consultores de empresas dizem que a criatividade e o espírito empreendedor são características fundamentais para o bom profissional, para quem quer ter destaque no mercado de trabalho. Com Márcia, a história foi um pouco diferente [...] fizeram com que perdesse o pouco que conseguiu construir com seu trabalho" (REZENDE, 2003).</p>		

7- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Novembro de 2003 Joselita Cardoso, 43 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Catadora de lixo	
<p>Resumo: Não é uma pessoa em situação de rua e sim uma catadora que vive desse trabalho há duas décadas. "O lixo é fonte de vida, pois ajudou a criar meus filhos. Eu eduquei meus filhos tirando do lixo. Pra mim, Joselita, catadora, o lixo foi fonte de vida " (RIBEIRO, 2003, p.2).</p>		

8- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Dezembro de 2003

Maria Rodrigues, 45 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Trabalho rural e doméstico	Desemprego
Resumo: Fome e miséria lhe impulsionaram a migrar com a família em busca de melhores condições de vida em São Paulo, onde ficaram em situação de rua, a princípio dormindo embaixo do carrinho onde trabalhavam com ferro velho e depois num barraco improvisado. "Pelo menos o Natal desse ano vai ser melhor que o do ano passado [...], a gente tá trabalhando e isso é o que importa" (ANJOS, 2003, p.2).		

2004

9- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro de 2004. Libério José da Silva, 39 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de material reciclável e artes plásticas	Zelador, vigilante e Policial militar	Álcool associado ao desemprego
Resumo: Saiu de Recife e viajou a pé para o Sudeste. Perdeu o emprego na polícia militar e virou trecheiro. "Eu tinha uma boa profissão, estava bem de vida, mas enganchei na cachaça e perdi o trabalho, as coisas debandaram e comecei a beber severamente" (RIBEIRO, 2004).		

10- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Fevereiro de 2004 Sérgio de Oliveira Silva, 32		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Carrinheiro	Motorista	Morte de parente
Resumo: Trabalhou cinco anos como motorista numa transportadora, todavia depois da morte da mãe entrou em depressão e foi para a situação de rua, onde trabalha como carrinheiro.		

11- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Maio de 2004 Manoel Vicente, 50 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Polícia Militar e transporte de valores, vigilante	Desemprego
Resumo: Migrou para São Paulo em busca de um emprego "Seu sonho é gravar um CD e poder voltar para sua terra de cabeça erguida [...] Sem dinheiro e sem emprego e sem casa pra morar. Eu Tô morando na rua, mas não vou continuar. Quando eu arrumar um emprego pra casa eu quero voltar " (COSTA, 2004, p.2).		

12- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2004 Valdirene Ruiz Lopes, 34 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Não está em situação de rua, trabalha numa cooperativa de catação de materiais recicláveis.		

13- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Outubro de 2004 Gilles Belenger, 53 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Vendedor ambulante	Paisagista	Álcool; desemprego
Resumo: Vive no Canadá, para sobreviver nas ruas vende revistas e quando chove e a venda fica prejudicada ele pede dinheiro, recebe um benefício do governo para pagar por sua moradia.		

14- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Novembro de 2004 Jorge Viveiros, 40 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Músico		Álcool e outras drogas
Resumo: Decidiu migrar pelo país para fazer música, conheceu vícios em álcool e drogas, o que contribuiu para que chegasse à situação de rua. Superou o vício através de um tratamento e conseguiu o emprego de zelador do albergue para o qual fora encaminhado.		

15- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro de 2005 José de Campos Neto		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Caminhoneiro metalúrgico.	Desemprego
Resumo: Perdeu o emprego, sem dinheiro vendeu tudo o que tinha em casa para obter alguma renda.		

16- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Fevereiro de 2005 Sebastião Nicomedes		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Descarregador de mercadorias, ajudante de cozinha, saqueiro, pintor de letreiro, segurança de boate.	
Resumo: Deslocou-se em diversos municípios de São Paulo trabalhando em diversas áreas. Alugou um espaço com alguns amigos para abrir um negócio, estava bem, até que sofreu um acidente enquanto trabalhava e ficou um tempo sem condições de trabalho acabou indo para as ruas.		

17- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2005 Carla Batista dos Santos, 39 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Faxineira, babá.	Desentendimentos familiares; Álcool.
Resumo: Abandonada pelo marido migrou para São Paulo, mas acabou entrando em depressão e a bebida alcoólica tornou-se uma amiga inseparável e acabou indo para a situação de rua.		

18- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Julho de 2005 Enedino da Silva Neto, 48 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Foi para São Paulo buscando a realização de seu sonho em se tornar um grande músico, porém o planejado não se concretizou.		

19- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Agosto de 2005 Luis Maria de Jesus Ferreira, 47 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua

		Desemprego
Resumo: Saiu de casa em busca de trabalho, quando consegue, junta dinheiro e volta para casa. "Eu sempre saí de casa com a ideia de conseguir dinheiro. Agora minhas voltas estão demoradas, pois não estou encontrando emprego e não gosto de voltar para casa sem dinheiro" (COSTA, 2005, p.2).		

20- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Setembro de 2005 Cigano		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis	Mecânico industrial	Desemprego e desentendimentos familiares
Resumo: Não conseguiu emprego e foi morar nas ruas, onde sobrevivia através da catação de materiais recicláveis. "Seja o que for, ele vai levar o seu grande sonho para frente, de sair da rua e retornar a vida de trabalho" (STALINSKI, 2005, p.2).		

21- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Dezembro de 2005 Merabi Pereira de Sanatana		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Secretária, telefonista, recepcionista	Desemprego
Resumo: Quando fez 54 anos não conseguia mais emprego, vendeu tudo que tinha em casa, quando não possuía mais nada foi para um abrigo. "Acha que seu fim é na rua? Nunca! Nunca será, porque eu luto para sair dessa situação. Não acho que a rua seja situação para ninguém. O natural do ser humano é ser próspero, não é ser falido, não é ser venerável, não é ser da rua." (COSTA, 2005, p.2).		

2006

22- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Março de 2006 Chirlei de Jesus, 24 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua

Resumo: Não é uma pessoa em situação de rua, trata-se de uma catadora que trabalha desde os 13 anos e quando não conseguiu mais emprego se inseriu numa cooperativa.		

23- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Outubro de 2006 Matilde Ramos da Silva, 23 anos				
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua		
Resumo: Trabalha com a catação desde os cinco anos, acompanhava os pais catando no lixão, que além de seu local de trabalho foi sua moradia por três anos, até que os pais conseguiram comprar um terreno para residirem.				

24- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Novembro de 2006 João Roberto da Silva, 61 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		Desentendimentos familiares; Morte de parente
Resumo: Sua vida é marcada por perdas e problemas familiares, com apenas sete anos perdeu a mãe e o pai o expulsou de casa, migrou e até os quinze trabalhou e morou na casa do senhor que lhe empregou, decidiu voltar para seu local de origem e acabou ficando na rua, após 40 anos nas ruas passou a morar num asilo.		

25- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) dezembro de 2006 Carina Aparecida de Esmerio, 40 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Não se trata de uma pessoa em situação de rua e não há informações suficientes.		

26- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Fevereiro de 2007 José Ferreira Lobo Júnior, 60 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Pedreiro e Plaqueiro	Morte de parente
Resumo: Com o falecimento da mãe passou a morar na rua, quando se casou ganhou uma casa mobiliada.		

27- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Abril de 2007 Moacir de Oliveira, 53 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Álcool/ Desentendimento familiar
Resumo: A principal motivação para sua ida para as ruas foi a utilização de álcool, depois encontrou uma companheira e logo após desentendimentos com ela voltou para as ruas. Conseguiu um emprego e estava em processo de saída das ruas, ele diz: "Agora estou saindo da rua, ainda estou meio perdidinho, pois tenho que tirar o estigma da rua. A gente fica meio bitolado, psicologicamente ainda estou com aquele sentimento meio baixo" (COSTA, 2007, p.2).		

28- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2007 Daniel Furtado Martins, 32 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		Desemprego
Resumo: Migrou para São Paulo em busca de emprego, não conseguiu e passou a viver nas ruas. Sobre o trabalho com catação de materiais recicláveis ele diz "Trabalhei com reciclagem, mas hoje em dia não dá muito e só dá para comer mesmo" (COSTA, 2007, p.2). Quando lhe perguntaram se ele vê possibilidade de sair da rua, respondeu: "Eu tenho que arrumar um emprego, um emprego de carteira assinada. Um emprego que dê para pagar um aluguel e me manter. Mas não um emprego só pra pagar aluguel e comer porque isso não é vida" (COSTA, 2007, p.2).		

29- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Agosto de 2007 João Rodrigues da Rocha, 55 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis	Músico	
Resumo: A morte de seu companheiro de dupla sertaneja abalou sua vida de tal forma que passou a viajar sem rumo, foi para São Paulo, onde passou a viver nas ruas e albergues.		

2008

30- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro e fevereiro de 2008 Rafael Fernandes Rocha, 25 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desemprego e drogas
Resumo: Saiu de casa por causa das drogas, na falta de um emprego foi para um albergue, seu sonho "é estudar, trabalhar, ter família e ter minha casa" (COSTA, 2008, p.2).		

31- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro e fevereiro de 2008 Ícaro Viníciu Manardi Lê, 19 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desemprego
Resumo: Foi para São Paulo em busca de emprego, como não conseguiu procurou um albergue. "Ainda continuo com o objetivo de arrumar um emprego, fazer uma faculdade de matemática e ir tocando a minha vida [...]. Estou trabalhando, ou melhor, fazendo um bico num restaurante aqui em Santo Amaro. Faço comida japonesa e chinesa que eu aprendi com meu tio [...]. O meu projeto de vida, como já falei, é fazer faculdade, ter o meu quartinho e ter um emprego estabilizado. Este que tenho agora é só um bico" (COSTA, 2008, p.2).		

32- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Março e abril de 2008 Marcelo Caetano de Souza		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua

	Marceneiro	Desemprego 3 anos
Resumo: Quando perdeu o emprego não pôde mais pagar o aluguel e sem outra alternativa, foi morar nas ruas.		

33- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Agosto de 2008 Luzia Maria Chaves, 45 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		
Resumo: "Ao chegar aqui em São Paulo, fomos trabalhar de carroceiros, catando papelão na rua. O Rapa veio e levou nossas carroças. Ficamos sem as carroças e fomos morar debaixo do viaduto. Resumindo, o Rapa veio novamente e levou documentos, roupa. Ficamos sem moradia novamente, porque não podia ficar debaixo do viaduto. Viemos de novo para a Praça da Sé para vender churrasco, o Rapa veio e levou nossa barraquinha e o carrinho de churrasco. Ficamos sem emprego e sem moradia!" (COSTA, 2008, p.2).		

2009

34- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro de 2009 Carlos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desemprego; Desentendimentos familiares
Resumo: Após sofrer um acidente com demorada recuperação, perdeu o emprego e foi abandonado pela esposa , sem alternativas passou a morar nas ruas.		

35- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Janeiro de 2009 Renê Ferreira dos Santos, 26 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis	Assistente de motorista	Desemprego

Resumo: A transportadora em que trabalhava faliu, sem emprego, o dinheiro acabou e ele foi morar nas ruas. **Na rua ele trabalha com catação de materiais recicláveis durante dez horas por dia.** Ele diz que há grande dificuldade em encontrar emprego sem endereço fixo. Deseja um emprego fixo com carteira assinada: "Ainda tenho esperança, quero ter uma vida como todo mundo, ter um lar e em dias de chuva não ficar molhado" (COSTA, 2009, p.2).

36- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Fevereiro de 2009
Onício Almeida Pinto, 52 anos.

Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desemprego
Resumo: Ficou desempregado segundo ele, devido sua idade e está há 3 anos morando nas ruas e em albergues. Ele diz: " Hoje, meu sonho é trabalhar, ter uma casa e uma família digna "		

37- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Abril de 2009
Adilson Rangel, 39 anos.

Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		Desentendimentos familiares; desemprego.
Resumo: Foi expulso de casa pelos irmãos logo após a morte de seus pais, migrou para São Paulo e conseguiu emprego, mas quando adoecia era mandado embora. A partir de seus trinta anos não conseguia mais inserção, comprou uma carroça e começou a trabalhar com catação de materiais recicláveis. Além de instrumento de trabalho era sua casa, dormia embaixo dela, pois os albergues não disponibilizavam espaço para guardá-la. Porém, sua carroça foi apreendida pela prefeitura, passou então a morar em albergue e deseja que lhe seja devolvida para voltar a trabalhar.		

38- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Outubro de 2009
Geraldo Passos da Silva

Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Construção civil	Desemprego; Desentendimentos familiares
Resumo: Ao perder o emprego, a esposa, os filhos e a casa passou a morar nas ruas, situação em que ficou por três anos.		

39- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Dezembro de 2009
Pedro Bueno Filho, 62 anos.

Trabalho desenvolvido	Trabalho antes da	Motivos da situação de rua
-----------------------	-------------------	----------------------------

em situação de rua	situação de rua	
Letreiro	Campeiro	
Resumo: Trabalhou dez anos como campeiro (vaqueiro), mas seu maior interesse era a arte, rodou o Brasil apresentando sua arte. "Está morando no albergue, trabalha e sonha em ter uma escola e uma oficina de letreiros" (COSTA, 2009, p.2).		

2010

40- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2010 Orlei de Jesus Santos, 25 anos Marivaldo da Silva Santos, 35 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desentendimentos familiares; Desemprego; Morte de parentes.
Resumo: Orlei depois de perder sua avó e mãe foi para Salvador, onde passou a viver nas ruas, depois foi para Brasília e, em seguida São Paulo, onde passou a morar num albergue. Marivaldo é de uma família pobre e decidiu sair de casa para que seus pais não tivessem que gastar com ele e pudessem atender melhor a seus irmãos, resolveu ir para São Paulo. Depois de oito anos ficou desempregado e passou a compor a população em situação de rua, foi acolhido no mesmo albergue de Orlei. Ambos fizeram cursos da prefeitura e concorreram a bolsas de estudo em Cuba. Orlei conseguiu e foi estudar em Cuba e Marivaldo entrou para o Programa Agente de Saúde de Rua e no ano da reportagem cursava serviço social.		

41- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Agosto de 2010 Pedro Paulo Barbosa de Dousa, 29 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Trabalhou na empresa Grendene e depois como garçom	Desemprego e desentendimentos familiares
Resumo: Ao ficar desempregado saiu de casa em busca de melhores condições, não conseguiu e passou a viver nas ruas.		

42- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Setembro/Outubro de 2010 Carlos Ferreira Lima, 51 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais	Pintor e metalúrgico	

recicláveis e ajudante em banca de lanche		
Resumo: No trabalho como metalúrgico teve dedos amputados, está afastado mas ainda não conseguiu aposentar-se. Ele diz: "como não tenho condições de trabalho estou como ambulante e não estou conseguindo trabalhar" (COSTA, 2010, p.2). Em situação de rua trabalhou como ajudante numa banca de lanches e como catador de latinhas, foi convidado para um albergue, onde ficou dois meses, saiu por não se adequar às normas.		

43- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Novembro de 2010 Marcos Perejão dos Santos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		
Resumo: Vive em situação de rua e trabalha catando materiais recicláveis, reclama que a polícia com frequência recolhe todo o material que catam para subsistência.		

44- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Dezembro de 2010 DCM		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Flanelinha		
Resumo: DCM há três anos em situação de rua, o trabalho desenvolvido é lavar e vigiar carros, o dinheiro conseguido serve para manter o consumo de crack.		

45- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Março de 2011 Evaristo Gonçalves, 62 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Cerealista e gerente de rede de supermercados	Desentendimentos familiares; Morte de parente; Desemprego
Resumo: Desentendeu-se com a esposa, passou a morar com outra mulher, que lhe traiu, sua mãe faleceu, passou a beber copiosamente, perdeu o emprego e foi para a situação de rua.		

46- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Abril de 2011 Patrícia Muniz da Silva, 24 anos.		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Operadora de	Desentendimentos

	empilhadeira	familiares, drogas
Resumo: Os desentendimentos familiares associados à utilização de drogas contribuíram para que ficasse em situação de rua.		

47- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Maio de 2012		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Não ficou evidenciado se eles moram na rua, trata-se de catadores de materiais recicláveis.		

48- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Novembro e dezembro de 2012 Beto Francisco		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Sem informações suficientes.		

2013

49-Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho de 2013 Luís Monteiro		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Resumo: Não possui informações suficientes.		

50- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Dezembro de 2013 Geraldo e Adolfo		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis	Cozinheiro/ Horticultor	Desemprego
Resumo: Relataram o descaso do poder público, disseram que seus pertences são levados pela prefeitura, que chama de limpeza, o que para eles caracteriza-se enquanto roubo. Contam também que são retirados à força dos locais públicos e levados para outros municípios. "Geraldo é cozinheiro e Adolfo, horticultor. Já trabalharam com carteira assinada e já viajaram por muitas cidades do Brasil, também. É o desemprego que sempre os devolve às ruas. Nesses períodos, é com a catção que		

conseguem algum dinheiro" [...]. Apontam os luxuosos edifícios que circundam a praça e dizem: "São eles que chamam a Prefeitura, eles não gostam de moradores de rua, não. Quem tem tudo quer sempre mais e tiram até dos que nada têm "(BARBOZA, 2013, p.2).

2014

51- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Março de 2014 Odília Teresa de Jesus		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Babá, e trabalhou em indústrias de cosméticos	Desemprego
Resumo: Desenvolveu diversos trabalhos, todavia diante da baixa escolaridade ficou desempregada, gastou todo o dinheiro que havia guardado e ficou em situação de rua. Utilizou o serviço de acolhimento institucional em alguns albergues e se inseriu na cooperativa de materiais recicláveis, onde trabalhou por 9 anos e meio até a data da reportagem. Foi através do trabalho nessa cooperativa que ela conseguiu dinheiro para alugar um quarto e sair da situação de rua. "Perguntar se teve alguma coisa boa na vida é um risco, mas Odília tem a resposta prontinha. "Foi quando entrei na Coopel e aqui na Coopere, ao menos, pude viver." Ter conseguido o quarto e não ter que ficar na rua ou albergue é o melhor que já aconteceu em sua vida" (COSTA, 2014, p.2).		

52- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Junho/julho de 2014 Maria de Fátima, 41 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		Desentendimentos familiares
Resumo: Quando criança sofria maus tratos da família, fugiu de casa e foi morar na rua, onde conheceu seu grande amor, conseguiram uma carroça e passaram a trabalhar com catação de materiais recicláveis, moravam nas ruas, até o seu casamento, quando ganharam uma casa de presente.		

53- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Setembro e outubro de 2014 João Batista Alcílio		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
		Desentendimentos familiares
Resumo: Separou-se da esposa e migrou para Salvador, trabalhava catando papelão e como ajudante de pedreiro. Viajou para Maceió, onde morava nas ruas e trabalhava com catação para comprar bebida alcoólica (AMORIM; VIANA, 2014).		

54- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Março de 2015 Carlos Roberto Fabrício, 62 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
Catação de materiais recicláveis		Desemprego
Resumo: Com o desemprego da década de 1980 perdeu tudo o que possuía e foi para a situação de rua. Passou a trabalhar com catação de materiais recicláveis.		

55- Jornal o Trecheiro (Mês/ano nº) Abril de 2015 Verônica, 43 anos		
Trabalho desenvolvido na rua	Trabalho antes da situação de rua	Motivos da situação de rua
	Empregada doméstica	
Resumo: Não há informações suficientes, não diz como foi para as ruas ou qual trabalho realiza para sobreviver.		

APÊNDICE B- Quadros para análise documental

Nos quadros 1, 3 e 5 colorimos os assuntos buscados, enquanto os quadros 2, 4 e 6 mostram as pesquisas relevantes encontradas com o nome do autor colorido da mesma cor do assunto destacado nos quadros 1, 3 e 5.

Quadro 1 - Biblioteca de Teses e dissertações

Palavra-chave	Trabalhos encontrados	Possui relevância para o objeto
População em situação de rua	126	7
Trabalho informal da população em situação de rua	5	0
População de rua e trabalho informal	8	2
População em situação de rua e trabalho	69	2 (Além dos trabalhos que apareceram novamente)
População de rua	351	2 (Além dos repetidos)
Mendigos trabalhadores	3	1
Mendigos	16	2
Pessoas em situação de rua e trabalho	58	1 (Além dos repetidos)
Povo da rua e trabalho	23	0
Desafortunados e trabalho	2	0
Lumpemproletariado	3	2
Superpopulação relativa	15	1

Fonte: Biblioteca de Teses e dissertações

Quadro 2- Trabalhos relevantes da biblioteca de teses e dissertações

Ano	Título	Autores	Área	Onde fala do trabalho informal desenvolvido pela população em situação de rua	Local
2015	Fenômeno população em situação de rua à luz da questão social: percursos, vivências e estratégias em Maracanaú/CE	Régia Maria Prado Pinto	Serviço Social	Capítulo 6- Percursos, vivências e estratégias da população em situação de rua e as necessidades humanas	Maracanaú/ Ceará
2012	Os modos de vida da população em situação de rua: narrativas de nadanças nas ruas de Vitória	Gilderlândi a Kunz	Psicologia Institucional	2.3.1 Trabalhos que fazem nas ruas	Vitória/ ES
2012	Sob o céu da cidade: Representações sociais da população em situação de rua no município de Araguari	Maria Antônia Rodrigues Campos	História Social	1.2 Desemprego Crônico	Araguari/ MG
2013	Os deslocamentos territoriais dos adultos moradores de rua nos bairros Sé e República	Michelle M. M. Esquinca	Arquitetura e Urbanismo	2.1.1 As estratégias de subsistência e as funções urbanas	Sé e República / SP

2008	Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades	Débora Galvani	Medicina	2.3 Pedro, religiosidade, trabalho e retorno à convivência familiar 2.4 Armand Educação e trabalho 3.3 Educação Diversas formas de saber	São Paulo/ SP
2011	Andando e parando pelos trechos: Uma etnografia das trajetórias de rua em São Paulo	Mariana M. Martinez	Ciências Sociais	Capítulo 1 Arranjos urbanos: habitar a cidade, elaborar táticas de rua	São Paulo
2008	Rua sem Saída	Camila Potyara Pereira	Política Social	Capítulo 3 p.89	Brasília
2013	Política municipal de atendimento à população em situação de rua de fortaleza: desafios para uma proposta de inclusão	Ana Lucia Peixoto Costa	Políticas públicas e sociedade	1.3 A População de Rua em Fortaleza: o flagelo da seca, mendicância e a formação da pobreza urbana.	Fortaleza/ CE
2014	"Tem gente que não quer saber de trabalhar" apontamentos sobre os discursos acerca da vadiagem na praça da Sé	Beatriz F. Diniz	Psicologia Social	Capítulo IV Caleidoscópio do trabalho	Praça da Sé/ SP
2006	Ressignificação da identidade através do trabalho e moradia dos catadores de material reciclável da associação de recicladores cidadãos amigos da natureza do município de Erechim (RS)	Rosana M. D. Scolari	Geografia	3. A ARCAN- O trabalho como base do fortalecimento da identidade	Erechim/ RS
2012	Morar na rua: Há projeto possível?	Paula R. Quintão	Arquitetura e urbanismo	2.2.3- A importância dos catadores na dinâmica da cidade	São Paulo
2007	Possibilidades de inserção/reinserção produtiva dos moradores de rua do município de porto alegre	Vera Celina Candido de Farias		3 Trabalho: elemento fundante na construção do ser social	Porto Alegre/ RS
2007	OS MORADORES DE RUA E SUAS TRAJETÓRIAS Um estudo sobre os territórios existenciais da População de Rua de Belo Horizonte	Mariana Vilas Bôas Mendes	Sociologia	II.1 Migrantes, Trabalhadores Itinerantes e Trecheiros	Belo Horizonte/ MG
2004	Tornar-se catador: uma análise psicossocial	Paula A. C. Miúra	Psicologia Social	Relatos p.55-107	
2004	Eu mendigo: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo	César E. C. Serrano	Psicologia	3.1.6 Trabalho 3.2.2 Trabalho Anexo (77-121)	São Paulo
2005	Estratégias de sobrevivência e práticas alimentares no meio das ruas	Davy B. de Sales	Antropologia		Recife/ PE
	As pessoas em situação de	Roque	Educação	1.4 A realidade que	Porto

2011	rua em Porto Alegre e seus dramas, tramas e manhas: a cooperação e a solidariedade como forma de humanização	Grazziola		nos leva à rua e a realidade da rua enquanto trabalhadores	Alegre/RS
2010	A reciclagem e sua dinâmica reprodutora de lumpemproletariado	César A. L.L. de Freitas	Geografia	2. A inserção do catador de material reciclável na dinâmica do capitalismo: uma forma precária de existência 3. Precarização, pobreza e reprodução da situação de lumpemproletariado : a existência dos catadores	
2003	Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina	Luis Etensoro	Sociologia	3.B Marginalidade e Lumpemproletariado	
2012	A mundialização do capital e a superpopulação relativa	Nara Soares Sousa	Políticas Públicas	2. Uma reflexão sobre o conceito de superpopulação relativa no contexto de mundialização do capital 3. Determinantes recentes da expansão da superpopulação relativa	

Fonte: Biblioteca de Teses e dissertações

Quadro 3- Periódicos da Capes

Palavra-chave	Trabalhos encontrados	Possui relevância para o objeto	
"População em situação de rua"	26	4 (Além dos que já foram destacados anteriormente e voltaram a aparecer)	Cadernos do LEPAARQ, Jan-Dec, 2012, Vol.9(17-18), p.67(21) (sem dados no texto Tiago Lemões Casa, rua i fluidez...) Cadernos do LEPAARQ, Jan-June, 2014, Vol.11(21), p.46(16) (Corporificação do sofrimento)
Trabalho informal da população em situação de rua	113	0	
"População de rua"	35	3 (Além do que já foi destacado)	
Mendigos trabalhadores	28	0	
Lumpemproletariado	6	0 (Além do que já foi destacado)	
Superpopulação relativa	19	2 (Além do que já foi destacado)	

Fonte: Periódicos da Capes

Quadro 4- Trabalhos relevantes dos periódicos da Capes

Ano	Título	Autores	Área/ revista	Onde fala do trabalho informal desenvolvido pela população em situação de rua	Local
2012	Casa, rua e a fluidez de suas fronteiras: diálogos etnográficos e reflexivos sobre o fenômeno "população em situação de rua"	Tiago Lemões da Silva	Cadernos do LEPAARQ		Pelotas/RS
2014	A corporificação do sofrimento e o trânsito entre vítima e algoz: novas reflexões a partir de etnografias com população em situação de rua	Tiago Lemões da Silva	Cadernos do LEPAARQ		Pelotas/RS
2005	População em situação de rua: contextualização e caracterização	Ana Paula Motta Costa	Textos e contextos		
2012	Saída das ruas ou reconstrução da vida. A trajetória de estudantes universitários ex-moradores de rua em São Paulo.	Sheila C. Marcolino	Serviço Social	1.4 Estudo e trabalho 2.5 As trajetórias segundo o fator trabalho	
2003	Modernidade, vulnerabilidade e população de rua em Presidente Prudente (SP)	Luciano Antonio Furini	Geografia	3.1 A representação social do trabalho	President e Prudente/SP
2004	Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde	Walter Varanda, Rubens de Camargo Ferreira Adorno	Saúde e Sociedade		São Paulo/ SP
2010	Prevalência de depressão entre homens adultos em situação de rua em Belo Horizonte	Nadja Cristiane Lappann Botti et al	J Bras Psiquiat		Belo Horizonte/ MG
	Superpopulação relativa e "nova questão social": um convite às categorias marxianas	Ednéia Alves de Oliveira	Revista Katálysis		
	Desemprego crônico e superpopulação relativa: apontamentos a partir da crítica da economia política	Adilson Aquino Silveira Júnior; Clara Martins do Nascimento	Textos e Contextos		

Fonte: Periódicos da Capes

Quadro 5- Scielo

Palavra-chave	Trabalhos encontrados	Possui relevância para o objeto
"População em situação de rua"	39	2 (Além dos repetidos)

Trabalho informal da população em situação de rua	2	0
"População de rua"	76	2
Lumpemproletariado	0	0
Superpopulação relativa	2	0

Fonte: Scielo

Quadro 6- Trabalhos relevantes no Scielo

Ano	Título	Autores	Área/ revista	Onde fala do trabalho informal desenvolvido pela população em situação de rua	Local
2009	Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores	Aparecida Magali de Souza Alvarez; Augusta Thereza de Alvarenga; Sílvia Cristiane de S. A. Della Rina	Saúde e Sociedade		São Paulo/ SP
2005	O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado	Ricardo Mendes Mattos; Ricardo Franklin Ferreiral	Estudos de psicologia		
2005	Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores	Maria Isabel Garcez Ghirardi; Samira Rodrigues Lopes; Denise Dias Barros; Débora Galvani	Interface - Comunicação, Saúde, Educação		
2014	Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua ¹	Ana Amélia Calaça Magni, Wanda Maria Risso Günther	Saúde e Sociedade		São Paulo

Fonte: Scielo

APÊNDICE C Quadros sobre a população em situação de rua

Quadro 1- População em situação- de rua no Brasil

Quantidade 31922	Ano	Local	Fonte
	2008	Brasil	(BRASIL, 2008)
Sexo	Masculino (82%)		
Idade	25-44 (53%)		
Migração	54,2 % são migrante. Destes 56% vieram de municípios do mesmo Estado.		
Pernoite	69,6% dorme na rua		
Estratégia de sobrevivência na rua	70,9% trabalha		
Fatores que influenciaram a situação de rua	Álcool e outras drogas (35,5%) Desemprego (29,8%) Desavenças familiares (29,1%)		

Elaboração própria. Fonte: Brasil (2008)

Quadro 2- População em situação de rua no Chile

Quantidade 12255	Ano	Local	Fonte
	2012	Chile	(CHILE, 2012)
Sexo	Masculino (84%)		
Idade	25-59 (69,9%)		
Migração			
Pernoite	56,2% dorme na rua		
Estratégia de sobrevivência na rua	76,4% dos adultos trabalha		
Fatores que influenciaram a situação de rua	Problemas familiares (36,9%) Consumo de álcool (15,5%) Problemas econômicos (13,8%) Consumo de drogas (8,9%)		
Tempo de rua	5,8 anos		

Elaboração própria. Fonte: Chile (2012)

Quadro 3- População em situação de rua em Buenos Aires

Quantidade	Ano	Local
	19	Buenos Aires (Argentina)
Sexo	Masculino (84,7% /65,5% ⁴⁸)	
Idade	15-55 (77,5% / 58,7)	
Migração	84% são oriundos de outras cidades.	
Pernoite		
Estratégia de sobrevivência na rua	45% Realiza trabalhos informais ⁴⁹ 33,8% pede na rua 21,3% nada fazem ⁵⁰	
Fatores que influenciaram a situação de rua	Perda do trabalho (45,7%) Problemas familiares (15%) Perda da moradia (12%)	
Tempo de rua	4,38 anos	

Elaboração própria. Fonte: CALCAGNO (1999)

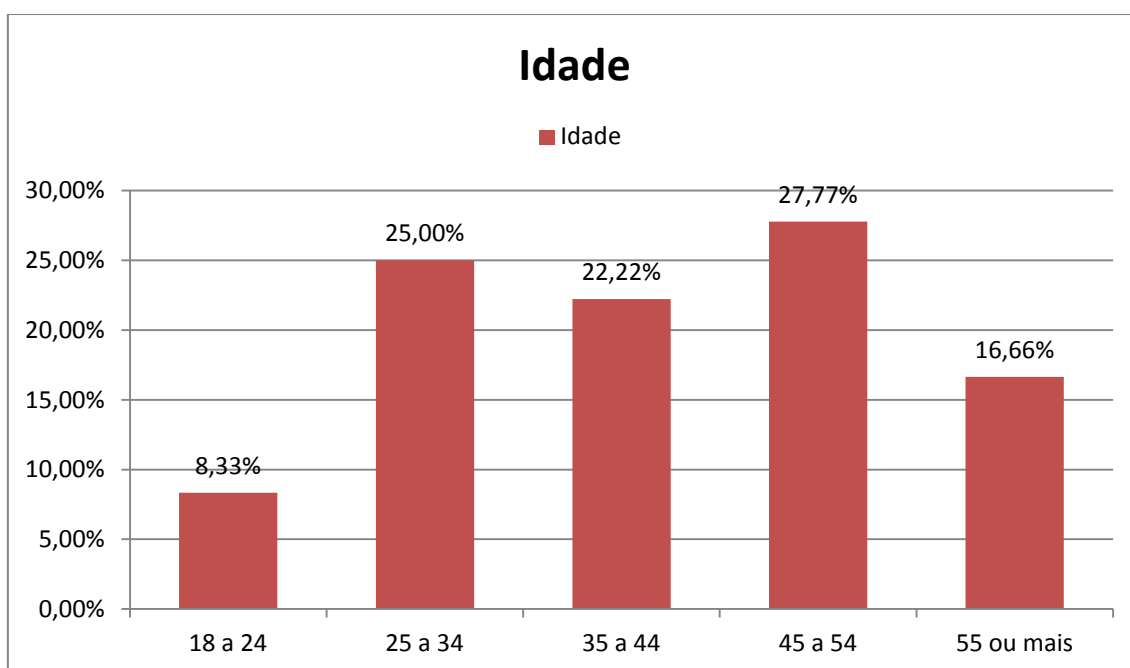
⁴⁸ A pesquisa revela duas contagens mostradas respectivamente na tabela acima.

⁴⁹ Os autores chamam de "changas", que nós entendemos como "biscates", uma forma de trabalho informal.

APÊNDICE D- Motivações e idade

Motivações da situação de rua		
Motivos	Quantidade	Porcentagem
Desemprego	28	90,32% ⁵¹
Desentendimentos Familiares	14	45,16%
Morte de Parentes	6	19,35%
Álcool	6	19,35%
Drogas	3	9,67%
Não informado	18	

Idade		
Idade	Quantidade	Porcentagem
18 a 24	3	8,33% ⁵²
25 a 34	9	25%
35 a 44	8	22,22%
45 a 54	10	27,77%
55 ou mais	6	16,66%
Não informado	13	



⁵¹ As porcentagens dessa coluna foram feitas desconsiderando aqueles que não traziam a informação. Lembramos que algumas das trajetórias revelam mais de uma motivação.

⁵² As porcentagens dessa coluna foram feitas desconsiderando aqueles que não traziam a informação.